ANO 35.º — SEGUNDA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1955 — N.º 11.820

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA* — RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

LOUVOR DA TERRA NATAL

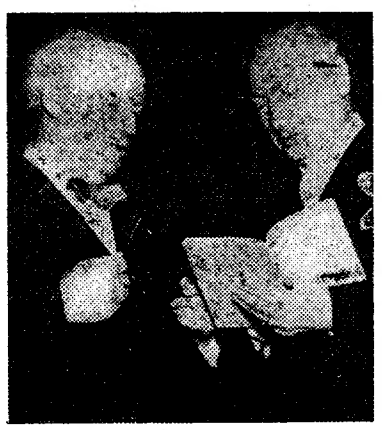
Ver o Sol nascer, ao alto da enseada de Buarcos — é espectáculo inolvidável. Não o digo por facciosismo bairrista. Mas a alegre e irradiante sinfonia de oiro, purpura e rosa, conquistando, removendo e vencendo a névoa e as sombras, da noite, banhando de luz imaterial as areias e casas da velha povoação, onde gregos e fenícios deixaram largas e fecundas sementes de beleza humana, patentes na graça e na esbeltez das mulheres; esse puro deslumbramento da paisagem matutina, ensina-nos uma vez mais o conceito de Baudelaire: — que na cor existe harmonia e melodia. A alvorada de claro Outono iluminando Buarcos, é um quadro de artista insigne...

Não me consinto aqui, no entanto, recordações egoistas, liricamente subjectivas da minha terra natal que serviam, afinal, saudosas recordações da infancia. Razão tem o insigne Ribeiro Couto, leal e carinhoso amigo, chamando-me «menino da Figueira da Foz». *De facto, quando ali vou, revivo a meninice longinqua. E ficaria a revê-la, só a revivê-la, esquecendo tudo o mais, se os aspectos novos da cidade não me levassem a apontá-la como exemplo e modelo de progresso e de civilização. Não me refiro apenas a aspectos materiais, ás avenidas, ás edificações, ao moderno hotel de turismo, aos focos de intenso fulgor que marginam, até ao Cabo Mondego, a curva suave da praia. Lembram logo o Rio de Janeiro — Copacabana, Leme, Ipanema — diademado de cintilações crepitantes, lembrança cara ao meu coração.*

O que, porém, quero registar agora, são as realizações e organizações culturais e económicas, que interessam ou devem interessar o país inteiro: — o Museu Santos Rocha, dirigido pelo inteligente e erudito dr. Vitor Guerra; a magnífica Escola Téc-

JOÃO DE BARROS

(Continua na 3.ª página)



O prof. Reynaldo dos Santos, organizador da Exposição de Arte Portuguesa em Londres, mostrando o catálogo da exposição ao sr. Henry Rushbury, conservador da Royal Academy, onde estão actualmente expostas algumas das mais representativas espécies artísticas das nossas melhores épocas

A crise do Médio Oriente

será o assunto a discutir hoje na Conferência de Genebra

GENEBRA, 31—Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Três Grandes» ocidentais vão hoje formular a sua política para a crise do Médio Oriente. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos protestaram no fim de semana junto da Russia contra fornecimentos de armas comunistas ao Egipto e ouviram um novo apelo para auxílo de Israel.

Os planos conjuntos da Grã-Bretanha, França e América basear-se-ão na recção da Russia aos protestos contra a transacção de armamentos e nas fortes objecções israelitas.

Crê-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético rejeitou os protestos ocidentais e defendeu a atitude comunista no Médio Oriente. Julga-se porém, improvável que ele tenha posto de parte a probabilidade de negociações acerca do problema.

Círculos diplomáticos dizem que o resultado mais provável das reu-

(Continua na ultima página)

Foster Dulles

é esperado amanhã em Madrid

MADRID, 31 — O secretário de Estado norte-americano, sr. Foster Dulles, chegará amanhã, pela manhã, a esta capital e dirigir-se-á directamente do aeroporto para o palácio do Pardo a fim de ser recebido pelo chefe do Estado. O ministro de Assuntos Exteriores, sr. Martin Artajo, oferece depois, no palácio de Viana, um almoço ao sr. Foster Dulles, a que assistirão membros do Governo. Para acompanhar o sr. Foster Dulles saiu para Genebra o embaixador dos Estados Unidos em Madrid, sr. Lodge. — (Efe).

A Grã-Bretanha e o grande terramoto

que assolou Lisboa faz amanhã duzentos anos

Observaram-se fenómenos éstranhos em muitas e distantes zonas da Grã-Bretanha no sabado, 1.º de Novembro de 1755. A água, em muitos portos, lagos, rios e canais, subiu e desceu com grande rapidez e agitou-se em oscilações rítmicas em muitas lagoas. Grandes ondas se verificaram nas costas da Irlanda, do país de Gales e da Cornuálha. Mas nenhuma das pessoas que assistiram a esses acontecimentos fora do usual podia saber que se tratava de manifestações locais do terrível terramoto que, horas antes tinha devastado a capital de Portugal e causou perturbações numa área superior a um milhão de milhas quadradas.

Para os Portugueses, essa catástrofe, nos seus efeitos materiais, constituiu uma desgraça nacional. Os seus efeitos sobre a vida económica e social do povo da Grã-Bretanha e sobre as relações comerciais e culturais anglo-lusas foram também consideráveis.

A notícia do desastre levou quase quatro semanas a chegar á Inglaterra. A primeira comunicação oficial, enviada pelo embaixador britanico em Madrid, Sir Benjamim Keene, recebida em Whitehall em 27 de Novembro, foi imediatamente transmitida ao rei, que atribuiu á situação a prioridade duma emergencia nacional. «Movido pela mais profunda das preocupações pela sorte dum aliado tão bom e fiel como o rei de Portugal, e por uma grande compaixão pelas misérias a que aquela cidade e reino ficaram com certeza reduzidos», Jorge II da Inglaterra imdiatamente pediu e

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

Economia realista

As relações comerciais entre os países estabelecem-se hoje, em grande parte, na base da troca de mercadorias. E' uma economia realista e dirigida que se sobrepõe ás velhas doutrinas da economia manchesteriana e liberal. Enquanto os países industriais precisam de conquistar mercados para os produtos da sua industria que não são absorvidos pelas necessidades do mercado interno, os países agrícolas têm necessidade de exportar o excedente da sua produção em troca dos artigos manufacturados de que carecem.

Um grande país industrial, como a Alemanha, carece de importar, para fazer face á sua escassez de víveres, os produtos alimentares que a sua industria ou o seu solo não lhe podem fornecer e, como não é possível mastigar turbinas nem digerir tractores, precisa de obter ovos, manteiga ou queijo em troca do aço e do ferro, que tem para exportar. Portugal, por sua vez, carece de maquinaria industrial, mas tem as suas adegas abarrotadas de vinho do Porto e precisa de quem lho beba. Este ajustamento de interesses divergentes está a dificultar o êxito de negociações comerciais que pareciam bem encaminhadas. Um telegrama de Bonn diz-nos que o Grémio do Comércio Externo Alemão pediu ao ministro da Economia que removesse as dificuldades surgidas para a assinatura do acordo comercial luso-germanico. Em que consistem essas dificuldades? A Alemanha recusa-se a beber vinho do Porto, aliás num contingente diminuto, e, se ela persistir nesse propósito, as nossas centrais hidro-eléctricas deixarão de ser movidas pelos grandes monstros de aço que saem das fábricas alemãs. Deste modo, priva-se de dois prazeres: o de exportar turbinas e o de saborear um nectar digno de figurar na mesa dos deuses do Olimpo ou dos herois do Walhalla.

158 estudantes portugueses a cantar Wagner

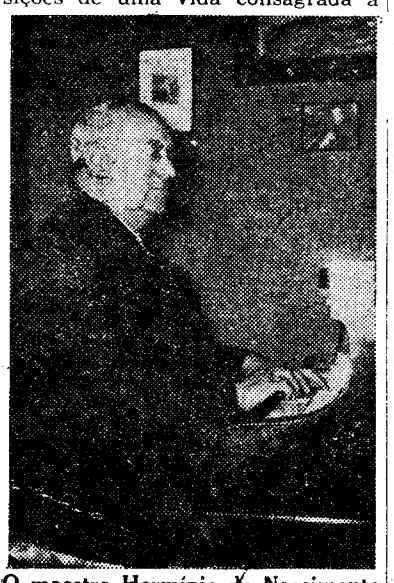
conquistaram num relâmpago o coração do Brasil

Entre os seus «bibelots» preciosos, bustos, porcelanas, estofos carmesins, na suave penumbra do seu interior de artista, recebeu-nos ontem o maestro Hermínio do Nascimento, a quem fomos pedir, em vésperas do 30.º aniversário da viagem ao Brasil do Orfeão Académico de Lisboa, as suas lembranças dessa inolvidável jornada.

A luz dourada do crepusculo, docemente nostálgica, punha cintilações discretas no tampo de cobre, lavrado a buril, de uma mesa indiana, baixa e rendilhada, a meio da sala, sobre um tapete de Arraiolos. Toda a decoração daquele aposento, onde o tempo parecia penetrar lentamente, reflectia desvelos de coleccionador, amorosas composições de uma vida consagrada á arte, desde o silencioso piano de cauda á estante de musica, ás estatuetas esparsas sobre os móveis de estilo, ao esbelto gomil árabe no qual os nossos olhos logo se pousaram. Pelas paredes, quadros do falecido pintor Augusto do Nascimento, irmão do maestro e discípulo querido de Veloso Salgado.

O prof. Hermínio do Nascimento, de cabelos brancos, um sorriso ca-

(Continua na 7.ª página)



O maestro Hermínio do Nascimento fotografado, esta manhã, na sua residencia

Esta inglesa, Miss Jean Smith, tem o seu ofício: a musica. O trombone é a sua especialidade—dura especialidade, para que é preciso ter bom folego. Mas não se esquece que é mulher... Aqui a surpreendemos no momento de fazer a sua aplicação de pó de arroz: á falta de espelho, o metal reluzente do trombone faz muito bem as suas vezes...

A solução

para o caso Margarida-Townsend seria separar a Igreja do Estado

LONDRES, 31.—A controvérsia que se trava á volta da princesa Margarida e do coronel aviador Peter Townsend entrou hoje numa fase mais desagradável. Alguns jornais britanicos desta manhã manifestam a opinião de que está agora ameaçada a dignidade do trono.

O fundista do «Daily Express» encontrou uma solução para o im-

(Continua na página seguinte)

Resultados fatais

do plebiscito no Sarre

por GILBERT GRANVAL

Em 30 de Novembro de 1952, dois terços dos eleitores sarrenses votaram a favor da europeização do seu país. Em 23 de Outubro de 1955, a situação estava invertida: o estatuto, que devia consagrar aquele estado de coisas, foi rejeitado por dois terços da população do Sarre. É certo que quando da primeira consulta, além do Partido Comunista não havia ali forças de oposição organizadas. Apesar disso, os nacionalistas do Sarre fizeram uma violenta campanha a favor da abstenção do eleitorado, e o numero de listas brancas foi apreciável.

Não me compete averiguar as causas profundas da transforma-

(Continua na 3.ª página)

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Aproxima-se do epílogo a crise real

provocada pelo caso Margarida-Towsend?

(Continuação da página anterior)

broglio Margarida-Townsend: «Basta, escreve, tirar á Rainha o seu estatuto constitucional de chefe da Igreja de Inglaterra, porque, agora, a sua posição tornou-se insustentável. Na qualidade de chefe do Estado, a Rainha é protectora da lei, que permite e reconhece o divórcio; mas na qualidade de chefe da Igreja e defensora da Fé, a rainha tem de desaprovar o divórcio.

«Todo este conflito, acrescenta o fundista do «Daily Express», provém do facto de a Igreja de Inglaterra ser, oficialmente, um organismo do Estado. Esta ligação data de Henrique VIII. Há quatrocentos anos que passou de moda. Não caberá a sir Anthony Eden, que desempenha um cargo de primeiro-ministro, que não existia no tempo dos Tudor, e se bem que pessoalmente divorciado, a missão de nomear os bispos da Igreja anglicana?

«Por que razão devem ser retiradas á princesa as prerrogativas reais? — pergunta o «Daily Express». E' esse o projecto de que se fala, que é auxiliado pelo que o «Times» escreveu e é defendido também pelo «Observer» e apoiado por altos prelados. Se a princesa Margarida decidir casar com o coronel Townsend, não devem ser postos impedimentos. O povo dar-lhe-á o seu apoio. E apoiará, também, que se ponha fim ás complicações constitucionais que provocaram as suas dificuldades. «Soou a hora da separação da Igreja do Estado» — conclui o «Laily Express».

O «Daily Mail» escreve que, se a princesa Margarida decidiu casar-se com o coronel-aviador, o povo aceitará a sua decisão. Mas seria vão pretender que isso tinha aprovação unanime — comenta em seguida. O mesmo jornal argumenta contra a separação da Igreja do Estado. «Os que dizem que um casamento entre a princesa e o coronel-aviador não interessa a mais ninguém são os próprios que, mês após mês, têm estado a provocar os rumores, conjecturas e falatório» — escreve aquele jornal. «E' essa escola de pensamento que prega serem a união da Igreja com o Estado e as tradições de séculos relíquias bolorentas do passado».

Muitos Britanicos apoiam a opinião do arcebispo de Cantuária sobre o casamento — afirma o «Daily Mail».

«Todos esses obstáculos poderiam ser vencidos e a Princesa poderia casar-se com o coronel-aviador se estivesse disposta a renunciar aos seus direitos de sucessão». — concluí aquele jonral.

Por sua vez, o «Daily Herald» escreve: «Dentro de oito dias, o Mundo deveria saber se a princesa Margarida tenciona casar-se ou não com o coronel Townsend, uma vez que em 7 do próximo mês a licença do coronel Townsend finda e deve reassumir as suas funções na embaixada da Grã-Bretanha em Bruxelas».

«A realeza, afirma o «Daily Sketch», pode sobreviver á maior parte dos acontecimentos, mas hoje é o ridículo que salpica a dignidade do trono. Por isso mesmo, é preciso acabar com esta situação infeliz, mediante uma decisão, seja qual for, mas uma decisão».

O «Sketch» pretende, por outro lado, que o coronel Townsend é primo afastado da familia real, pelo lado feminino, e que o parentesco com os Windsor dataria de Henrique VIII. — R. e F. P.).

Dividem-se as opiniões entre os membros do clero

LONDRES, 31. — Membros da Igreja expuseram ontem opiniões contraditórias sobre a eventualidade do casamento da princesa Margarida com o coronel Townsend. Alguns defenderam a Princesa e outros declararam que esse casamento prejudicaria o prestígio da Coroa.

O dr. Ivor Machin, vigário de Andover, no Hampshire, declarou a uma Congregação que os poderes e autoridade da Coroa eram consideravelmente menores do que tinham sido, embora o seu prestígio não tivesse diminuido. «Esse prestígio depende, em grande parte, do respeito que a familia real manifesta para com as leis, convenções e opiniões dos seus subditos» — declarou. A sua alta categoria e nascimento nobre envolviam a princesa Margarida em graves responsabilidades morais. «Se ela persistir, será a segunda vez numa geração que membros proeminentes da nossa familia real procuram fugir ás suas responsabilidades de chefia moral. E acrescentou: «Se a Princesa desposar o coronel Townsend, pecará voluntariamente contra o próprio mandamento do Senhor. Ofenderá milhões de subditos de Sua Majestade, tanto protestantes como católicos. Se renunciar aos seus direitos de sucesão ao trono, a ofensa será a mesma».

O reverendo Hary Dixon Longbotom, ministro do City Table de Liverpool — a Igreja dos Reformadores Protestantes pronunciou-se a favor do casamento e criticou violentamente o «Times» e as personalidades que afirmam que tal casamento é impossível a não ser que a Princesa renuncie a todos os seus direitos. «O Senhor afirma incontestavelmente que o divórcio é permitido no caso de infidelidade», disse. E proseguiu: «Se a Princesa casar com o homem da sua escolha, consorciar-se-á com um heroi da guerra, o que é muito melhor do que casar com um principe de sangue real de qualquer das nações da Europa». Longbottom acrescentou: «Não comprenedo como os clérigos de hoje se possam atrever a sugerir a possibilidade de um estigma sobre uma princesa real».

Por outro lado, mons. G. A. Beck, bispo católico de Brentwood, afirma numa carta pastoral, lida ontem nas paróquias do Essex: «Hoje em dia, parece que se faz cada vez menos caso da santidade do casamento e o exemplo que é dado nas esferas mais elevadas não é de molde a ajudar quem deseja preservar na nossa sociedade, o preceito de Cristo segundo o qual o casamento é uma união indissoluvel».

O reverendo Gordon Lane, vigário de Calverley, próximo de Bradford, disse na sua revista paroquial que, fosse qual fosse a decisão tomada pela princesa, devia ser objecto de caridade cristã e não de julgamento. «Nunca podemos saber a luta que precedeu a decisão» — declarou.

Em Padham, no Lancashire, o reverendo William Hill Waering, ministro unitário, também pediu aos seus paroquianos que sejam caridosos para com a princesa. «E' nosso dever providenciar para que a vida da princesa Margarida não seja tornada miserável pela atitude de pouco simpática da Igreja do Estado» — declarou. «E' uma rapariga com o direito de viver a sua própria vida».

O reverendo Percival Proscott disse em Edimburgo julgar que a amizade entre a princesa e o aviador era «uma união de amor». E acrescentou: «Se o casamento for uma união de amor, deve ter a bênção de Deus».

Em algumas igrejas os fiéis fizeram preces pela princesa «especialmente na dificil decisão que tem de tomar».—(Reuter).

A princesa Margarida encontrar-se-á hoje com a rainha

LONDRES, 31. — A princesa Margarida partiu de Uckfield House, de regresso a Londres. Durante todo o fim de semana, não saiu do solar de lord Rupert Nevill, nem sequer ontem, para assistir a um serviço religioso. Crê-se que o coronel Townsend, igualmente convidado, passou a maior parte do tempo com a Princesa.

Pensa-se que esta se encontrará hoje á tarde com a rainha Isabel, no palácio de Buckingham. A' noite, a família real deve assistir a um espectáculo cinematográfico de gala, mas a princesa Margarida teria resolvido não ir.

Como todas as terças-feiras, a soberana receberá amanhã o primeiro-ministro, sr. Anthony Eden. Logo a seguir, Isabel II deve partir, em princípio, para uma visita oficial de três dias aos Midlands. — (F. P.).

A rainha regressou a Londres

LONDRES, 31.—A rainha Isabel e o duque de Edimburgo regressaram esta manhã da Escócia, onde passaram o fim-de-semana em Meigle, no solar de um primo da soberana.

Por outro lado, ás 10 horas, a princesa Margarida e o coronel Peter Townsend ainda estavam na Uckfield House (Sussex) onde passaram o fim-de-semana com lord e lady Rupert Nevill.—(F. P.).

Aproxima-se o ponto culminante da crise?

LONDRES, 31 — Uma mensagem enviada á meia-noite pela rainha-mãe á princesa Margarida por intermédio de um emissário, num automóvel rápido, fez hoje aumentar os rumores de que está a aproximar-se do ponto culminante a crise real por causa do romance da princesa e do coronel-aviador Peter Townsend.

O secretário da rainha-mãe, capitão Oliver Dawnay, fez uma viaagem a 145 quilómetros á hora de Windsor a Uukfield House, onde Margarida e Townsend estiveram juntos do fim-de-semana. Chegou ás 23 horas e esteve com a princesa até á meia-noite.

A mensagem deu á crise real, até certo ponto, a mesma atmosfera carregada de electricidade provocada, em 1946, pelas trocas de correspondência entre Londres e Fort Belveder, onde se encontrava o rei Eduardo VIII antes de abdicar para se casar com a senhora Wallis Simpson.

A princesa Margarida saiu de Uckfield House, residência de lord Rupert Nevill, ás 4 da manhã de hoje.

Pouco antes da sua partida, a Polícia mandou retirar todos os jornalistas, fotógrafos e curiosos do caminho que conduz á residência num percurso de 400 metros.

A Polícia paralisou o transito na estrada principal, quando o carro fechado da Princesa saíu tão rápidamente do caminho que mal foi possível reconhêcer Margarida no assento de trás. Acompanhava-a uma camareira. A Princesa olhava para o chão e não correspondeu ás saudações das pessoas que estavam ao longo da estrada.

Julga-se que o coronel aviador Townsend estava ainda em Uckfield House, mas a Polícia e criados recusaram-se a confirmá-lo.

Domina a impressão de que o encontro deste fim de semana da Princesa com o seu namorado foi decisivo. A sua visita dramática ao arcebispo de Cantuária, na quinta-feira passada, seguida na sexta-feira por uma conversação particular com sua irmã, a rainha Isabel e, agora, na mensagem de sua mãe indicam que Margarida tomou, finalmente, uma decisão. — (R.).

O terramoto de 1755

e os seus reflexos na Grã-Bretanha

(Continuação da página anterior)

obteve a aprovação unanime da Camara dos Comuns para o envio de socorros tão rápidos e efectivos consoante as aflitivas e prementes exigencias.

Os socorros foram práticos. Uma comissão do Tesouro britanico, reunida em 29 de Novembro, decidiu enviar 50 mil libras em géneros e provisões e a mesma soma em numerário. Consequentemente, um combóio constituído por barcos de guerra e mercantes foi enviado para o Tejo, carregado com seis mil barricas de carne salgada, quatro mil barris de manteiga, duzentos mil alqueires de farinha, duzentos mil alqueires de trigo, mil sacos de biscoitos, mil e duzentos barris de arroz, trinta mil libras em moedas de ouro portuguesas e vinte mil libras em dobrões espanhois, sapatos no valor de mil libras e a mesma quantia em pás, picaretas e pés-de-cabrás. Os navios infelizmente foram retardados por ventos contrários, tendo os ultimos carregamentos chegado a Lisboa somente em fins de Março de 1756. O efeito moral da oferta, porém, foi imenso, tendo o rei D. José respondido com real cortesia.

Antes de se proceder á distribuição dos socorros, recem-chegados os Portugueses, o monarca português insistiu que se reservasse, em primeiro lugar, um quinhão adequado do presente, para as famílias inglesas necessitadas.

A assistencia prestada pela Grã-Bretanha, porém, não se limitou a mantimentos e dinheiro. Certo numero de cirurgiões britanicos, assim como aprendizes, foram enviados para auxiliar a tratar dos feridos. Cerca de três mil trabalhadores foram contratados na Grã-Bretanha e na Irlanda para trabalhar na reconstrução do palácio real e limpar os alicerces da cidade destruída.

Sem duvida, a notícia do cataclismo provocou uma vaga de verdadeira simpatia em todo o País. O povo inglês resmungou o subsídio de 107 mil libras que o Parlamento votara para o Eleitorado da Baviera, a fim de permitir o engajamento de mercenários estrangeiros para combater pela sua defesa, mas soltou um universal grito de alegria quando uma quantia identica foi votada para os portugueses.

Muito antes de se conhecerem ainda pormenores, os negociantes de gravuras de Londres punham á venda plantas e vistas de Lisboa «tal como era antes do terramoto»; poetas de terceira ordem, á compita, deploravam a catástrofe ou elogiavam a «generosidade da Britannia», e charlatões oportunistas vendiam remédios que constituiam métodos para evitar á cidade de Londres de compartilhar as calamidades de Lisboa...

As ilações políticas, cientificas, filosóficas e religiosas do terramoto foram minuciosamente discutidas nos «cafés» e nos pulpitos. Pregadores zelosos, como Alexandre Cruden (que viu no fenómeno um terrível juizo de Deus) fizeram despertar a consciencia nacional. Os sentimentos populares, quais oscilações sísmicas, saltavam de compaixão excitada para receosa conjectura.

Londres tinha sofrido um choque sísmico apenas cinco anos antes. Se Deus fez cair a sua cólera sobre os portugueses com devastações e fogo, não iria fazer a mesma coisa aos povos da Grã-Bretanha e da Irlanda? O arrependimento, por isso, estava claramente indicado. Jorge II, julgando piamente que a oferta de orações e suplicas havia de proteger os habitantes da Grã-Bretanha da iminente destruição, decretou o dia 6 de Fevereiro de 1756 — 6.ª feira — como sendo de Jejum Nacional em todo o seu reino. Muitas dezenas de sermões, prégados nesse dia de jejum nas igrejas de todo o país, foram impressos, constituindo assim, como matéria sucedanea do terramoto, uma literatura independente.

Em Lisboa, a lista oficial de setenta e sete ingleses mortos foi considerada misericordiosamente reduzida. Mas as perdas financeiras foram enormes. «A nossa pobre Feitoria, escreveu o embaixador britanico Abrham Castres, «que era muito opulento, encontra-se totalmente arruinada».

O incendio, que devorou a cidade, destruiu não só os armazens dos mercadores, como também os seus arquivos comerciais. Por este facto não só os comerciantes não podiam cobrar as importancias que lhes eram devidas, como ainda os próprios devedores estavam igualmente arruinados. Esses mercadores britanicos ofereceram ao rei de Portugal os seus aprovisionamentos e apresentaram-lhe uma mensagem de condolências, assegurando-lhe a sua «viva e firme resolução de prosseguir na actividade comercial, tão particularmente necessária nesta ocasião. Mas quando o consul-geral britanico pediu a Pombal para solicitar-se ao rei o restabelecimento das facilidades de comércio, o ministro, que há muito procurava reduzir os privilégios dos comerciantes ingleses, delicadamente respondeu que o seu primeiro dever era providenciar contra a doença e a fome e que, na altura devida, se trataria do comércio.

Não obstante os negócios entre os dois países continuarem a desenvolver-se os interesses comerciais britanicos em Lisboa receberam um golpe de que Pombal nunca permitiu que se recompusessem.

Paradoxalmente, assim como o poder dos comerciantes ingleses dentro de Portugal declinava, assim as narrativas das suas desventuras ajudaram a focar a atenção e consolidam o interesse do povo britanico sobre Portugal. As suas relações testemunhais da tragédia eram ávidamente reproduzidas nas revistas e nos periódicos da época ou copiadas em manuscritos e circulavam nas rodas dos salões literários, duma maneira identica aquela em que circulavam as «Cartas da Frente» da 1.ª guerra mundial.

Pode dizer-se que o ano de 1755 foi o da entrada de Portugal e dos Portugueses na literatura inglesa. A dramática ruína duma rica e próspera cidade acendeu a imaginação romantica do escritor dilletante e viajante. Privado, pela guerra dos Sete Anos, da conveniencia de dar início á sua «Grande Volta da França» — descobriu a melancólica satisfação de contemplar as mais recentes «ruinas da civilização». Os méritos de Portugal como uma estancia de saude estavam já a ser recomendados pelos médicos britanicos. Lisboa entrou então na moda como um porto de escala para uma longa série de viajantes, desde Baretti, Twiss e Wraxall a Beckford, Southey e Byron.

S. GEORGE WESTE
(fundador e antigo director do Instituto Britanico em Portugal)

Pequenas noticias

PELOS HOSPITAIS

DOENÇA SUBITA E MORTAL — O sr. Pedro Ferreira Faneca, que aparenta ter 60 anos de idade, adoeceu, subitamente, numa pensão da Rua Luciano Cordeiro, onde se encontrava hospedado. Chegou morto ao Hospital de S. José, pelo que o cadáver foi removido para o Necrotério.

MENOR COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — O menino Alípio Mário, de 6 anos, residente, na Avenida Sacadura Cabral, n.º 28-2.º andar, foi colhido por um automóvel, perto da residência. Contuso na cabeça, recolheu á sala de observações do Hospital de S. José,

ENGANO PERIGOSO — Recolheu ao Hospital de S. José a sr.ª D. Ilda Silva Barata, de 24 anos, moradora na Rua Vitor Basto, 23, 3.º, direito, que ingeriu por engano um medicamento tóxico.

QUEDA FATAL — Faleceu no Hospital de S. José, Luisa da Graça Monteiro, de 59 anos, residente na quinta de Santo António — cisterna n.º 20 — que no dia 24 de Setembro ultimo dera uma queda na sua residência.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. de Lisboa: um «cache-col» de lã próprio para senhora, três lenços de assoar, uma bomba de bicicleta, um par de óculos graduados, uma caneta esferográfica, uma carteira com fotografias e um cartão de sócio do Benfica em nome de Julio de Araujo Bruno, duas argolas com chaves, uma mala de senhora, com chaves, fotografias e a cédula pessoal de Lucinda de Jesus Mouro, um livro «Resumo de Geografia de Portugal», um capuz de capa de oleado, uma carteira de gelatina com o cartão de identidade de Cacilda de Jesus Barreto, duas bilhas e uma caixa com medidas tudo próprio para leite, uma chave de porta, uma meia de senhora e um boné próprio para rapaz.

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Louvor
da terra natal

(Continuação da 1.ª página)

nica; o Liceu que já aspira, e merece-o, a alcançar o quinto ano do curso secundário; as sociedades desportivas, e as suas bibliotecas; os estaleiros onde se constroem os sólidos e elegantes navios pesqueiros que afrontam os temporais da Terra Nova; o grupo de eximios comediantes amadores, que melhor chamaria profissionais, que José Ribeiro dirige, e que espalham pelas províncias o amor do teatro; e, entre mais iniciativas óptimas e profícuas, os dois Jardins-Escolas João de Deus, tão da minha amizade e enraizada devoção. Um que funciona há, muito tempo, outro que em breve funcionará. Caso a acentuar, por muito significativo: — a Figueira é a unica cidade de Portugal em que a população decisivamente ambicionou a duplicação da utilissima e prestigiosa instituição. Reconheceu-lhe as vantagens e apreciou-as a ponto de desejar e querer que todas, ou o maior numero das crianças dessas vantagens se aproveitássem. Decerto, alguns homens lucidos, generosos e activos orientaram a opinião publica em tal sentido, e iniquo seria não citar aqui o nome do dr. Manuel Gaspar de Lemos. Mas a verdade é que vários beneméritos, e o povo, aplaudiram, ajudaram e ajudam a efectivar essa obra nacional, e a mantê-la. Honra para a Figueira e, confessemos, lição estimulante que deu e dá á Pátria. O ensino e a educação pré-primários dia a dia se manifestam mais indispensáveis á formação perfeita da mentalidade e do carácter da grei.

Em suma, cumpre-me vangloriar-me do meu burgo, que um poeta de limpida alma, Acácio Antunes, em estrofes aclamativas celebrou, cantando o seu rápido e vitorioso crescimento. O primitivo e pobre porto de repouso para os barcos que desciam o Mondego, transformou-se na linda cidade que hoje admiramos. Cidade de tradições heróicas e liberais, na qual pela primeira vez se ouviu a voz de Fernandes Tomás, e que seguiu sempre sem hesitações, em menos de dois séculos de civismo eficiente, a trajectória feliz do trabalho que dignifica e da energia que nunca abdicou.

JOÃO DE BARROS

Os cinquenta e três centímetros
da cintura de Maria Antonieta

Um belo dia, a mulher disse consigo e com os seus colchetes: basta de tanto sofrer! E foi-se ás saias e encurtou-as, adelgaçando-as, e foi-se aos cabelos longos e cortou-os, e foi-se aos «cache-corsets», aos espartilhos, ás barbas de baleia, aos ganchos do cabelo, aos folhos que lhe alteavam o «peito de rola» — e despojou-os dos seus atributos ou símbolos de beleza, de actualização e de elegancia. O século XX era o da emancipação da mulher! Lançado ao ostracismo o bastidor das escamas de peixe e do matiz, lançada á grande tarefa de conquistar liberdades iguais ás do tirano da véspera — o infalível homem — a mulher pôs-se depois a pensar: mas o que vou eu fazer das liberdades? E da cabeça sem cabelos? e da saia sem orlas a arrastar?

E de tantas interrogações, a mulher entrou nas grandes resoluções. Para evitar o trabalho dos penteados com os longos cabelos, passou a gastar horas nos cabeleireiros; deixou os folhos do postiço «peito de rola» e alargou os ombros com enchumaços; deixou de pintar sinaizinhos e pôs rimel, «baton» e «rouge»; por baixo das saias curtas, vestiu as saias de goma, de «nylon», de «frou-frou» — deixou o espartilho e passou a usar cinta...

E' que a mulher, liberta e elegante, continua a ser escrava de si própria e da elegancia. Consome horas sem conto na passagem de modelos, na «maquillage», na manicure, na pedicure, na massagista, no cabeleireiro, nas lojas e na modista. Simplificando muita coisa, chegou mesmo a complicar muitas outras. Por exemplo, as contas ao fim do mês. E, depois, para quê? A's vezes, para cair na guilhotina da maledicência feminina...

E' que ser bela, elegante, custa mais do que pode parecer. E nem todas, — vê-se na gravura — como Michèle Morgan, estarão dispostas a sofrer na sua carne...

A linda artista francesa vai fazer, no cinema, uma nova Maria Antonieta. Para respeitar a verdade histórica, terá de medir 53 centímetros de cintura. E, daí, o sacrifício de fazer todas as manhãs um exercício como este que se documenta fotográficamente. O suplício consuma-se, servindo-lhe de algoz a anafada costureira. Se a história não mente, no que respeita á cintura de Maria Antonieta, é de presumir que lhe tenha sido mais doloroso o uso do espartilho do que a faca da guilhotina no cadafalso...

VIDA MUNDANA

MARQUESES DE VILLAVERDE

Da Africa Ocidental Portuguesa regressaram esta manhã no avião dos T. A. P. o marquês de Villaverde e sua esposa, a filha do generalíssimo Franco, que amanhã, no avião da Ibéria, seguem viagem a Madrid. Os marqueses de Villaverde, que ali foram caçar nas propriedades de um espanhol das suas relações, foram recebidos no aeroporto da Portela pelo embaixador de Espanha, sr. Nicolau Franco, membros da embaixada e vários aristocratas portugueses e espanhóis.

CASAMENTOS

Na Igreja do Beato, realizou-se o casamento do sr. Jorge Silva, filho do sr. Vítor Manuel da Silva e da sr.ª D. Maria dos Remédios Silva, com a sr.ª D. Maria Lizette Rodrigues Lopes, filha do sr. Diamantino Lopes e de D. Fernanda Rodrigues Lopes. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seu pai, sr. Diamantino Lopes, e sr.ª D. Pombalina da Silva La Cueva e, por parte do noivo, o sr. João de Almeida Pinto e sr.ª D. Ibérica Pinto. O noivo é filho do antigo sargento Vítor Manuel da Silva, bravo combatente das campanhas de Africa.

Após a cerimónia religiosa foi servido, em casa dos pais da noiva, um copo-d'água, que decorreu animadíssimo.

Reuniões científicas
II Curso de Aperfeiçoamento de Engenharia Sanitária

No Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge prosseguiu hoje o II Curso de Aperfeiçoamento de Engenharia Sanitária. Acerca da urbanização em aglomerados rurais dissertou o sr. eng. Carlos Pimentel, chefe do serviço de Urbanização do distrito de Viseu; sobre habitação rural e protecção sanitária, o sr. eng.º Renato Berger, adjunto dos Serviços de Engenharia Sanitária; da história, evolução e técnica geral da remoção das águas residuais e sua depuração, o sr. eng.º Agnelo Prazeres, chefe dos Serviços de Engenharia Sanitária da Direcção Geral de Saude. Sobre métodos gerais de purificação das águas, o sr. eng.º W. M. Krul, professor da Universidade Politécnica de Delft, director do Instituto de Haia e perito da Organização Mundial de Saude, deu uma lição, na Ordem dos Engenheiros.

Amanhã, ás 8 horas, em autocarro que parte do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, efectua-se uma visita á estação depuradora de esgotos do Rio Maior e á estação de desferrização da água da cidade de Santarem e furos captantes nos aluviões do Tejo, e ainda ás estações de calcificação da água de Almeirim e da Golegã, e possívelmente, á de Alpiarça, por brita de mármore.

Abastecimento de peixe

Na lota de Santos foram, esta manhã, vendidas cerca de 130 toneladas de peixe. Parte dele fora pescado pelo «Alcoa» e pelo «Almancil», vindos de Cabo Branco.

Melhoramentos locais
Dois fontanários em Mortágua

MORTÁGUA, 31 — Por iniciativa do benemérito sr. David Mendes, natural desta localidade, foram construídos, em Vale de Remígio, dois fontanários e um lavadouro publico, cuja inauguração foi feita na presença das autoridades locais e de muito povo.

No fim da cerimónia inaugural, em que usaram da palavra vários oradores, o sr. David Mendes foi homenageado com um jantar em que se trocaram entusiásticos brindes.

Gina

Participa ás suas Ex.mas clientes que dentro de breves dias fará a sua exposição de chapeus no Avenida Palace Hotel.

Amanhã, Feriado

Mesmo a chover não deixe de ir apreciar um bom almoço no

«MAR-LINDO»

no seu simpático ambiente.

PRAIA DE SANTA CRUZ
Telefone 6

(Para adultos)

NINA

Salão de Chá e Boite

BREVEMENTE — ENCARNACION MENDOZA

BAILARINA CLÁSSICA

e ainda GLÓRIA MAROTO

Resultados fatais
do plebiscito no Sarre

(Continuação da 1.ª página)

ção que, no entretanto, se operou. Mas julgo de meu dever afirmar que, no período de propaganda que precedeu o ultimo referendo, a ideia europeia não teve qualquer influência no espírito dos eleitores. Os dirigentes dos partidos pró-alemães empenharam-se, e conseguiram, fazer da consulta prevista no Sarre uma prova de força entre adeptos da França e partidários da Alemanha.

Consequencias políticas e economicas do referendo

Feita esta verificação, é legitimo perguntar se as condições em que a França aceitou a realização do referendo não eram, só por si, uma desvantagem nitida e flagrante, a qual pesou, finalmente, no resultado. Esclarecido este ponto, deve dizer-se que as incidências politicas e morais do referendo serão graves e duradouras, mas que, desde já, é sobre as suas consequências económicas que convém chamar a atenção do publico, perturbada pelo ruido das propagandas opostas. Estas ultimas far-se-ão sentir, imediatamente, no plano do interesse francês e do interesse da Europa, a qual foi duramente afectada pelo que se passou há dias no Sarre.

A história do passado recente contribuirá para iluminar e esclarecer o caminho do futuro, o qual se apresenta, mais do que nunca, carregado de duvidas e interrogações, pelo que diz respeito ás relações entre a França e a Alemanha.

O Sarre e a Comunidade do aço e do carvão

O Parlamento francês só ratificou o tratado que criou a Comunidade europeia do aço e do carvão, com a condição prévia de que, através de tudo, se manteria a união económica criada entre a França e o Sarre. Essa condição foi considerada indispensável, tendo em conta a fragilidade do equilibrio que se estabelecera para os níveis de produção dos diversos países que passaram a fazer parte daquela Comunidade. Esses níveis são dados pelos seguintes numeros: Almanha Ocidental 45 % da produção; França (incluindo o Sarre) 32 %, dos quais 8 % cabem ao Sarre; Itália e países do Benelux, 23 % do total do carvão e do aço da Comunidade.

Se a Alemanha, amanhã, dominar a produção siderurgica e hulheira do Sarre, passará, só por si, a representar mais de metade da produção total da Comunidade. Qualquer diminuição, mesmo pequena, do nível da produção francesa, em relação á dos outros fará perder á França a posição reconhecida aos países que representam mais de 20 % da produção total. O equilibrio entre a França e a Alemanha, que foi o motivo principal que justificou a criação da Comunidade ficará irremediávelmente comprometido.

A solução mais conveniente para a França

Falemos agora das repercussões do resultado do referendo no plano nacional. Seria enganarmo-nos a nós próprios pretendermos conservar, com um país que passará politicamente a fazer parte da Alemanha uma união económica que passaria a ser para nós e para os nossos interesses francamente desfavorável.

A unica solução seria, portanto, pôr, desde logo, termo á união monetária e aduaneira franco-sarrense. Ora o Sarre foi, nos ultimos tempos, o segundo cliente da França, comprando-nos produtos no valor de 100 biliões de francos, e foi a terceira potência, na ordem dos nossos fornecedores, representando o carvão e o aço que de ali recebiamos 60 biliões de francos, que não implicavam saída de divisas.

Não serão, porém, apenas a França e a Europa que pagarão as custas da fogueira nacionalista ateada no Sarre. Uma das vitimas será, também, a população sarrense, a qual sofrerá sob os pontos de vista económico e social com o que ali acaba de passar-se. Nesta provação, que se junta a tantas outras que atravessamos, precisamos de ter a coragem de enfrentar o problema do Sarre sem renunciar aos nossos direitos, mas evitando que se suscitem novos equivocos. No caso do Sarre, como nos outros, a solução mais conveniente para nós só poderá resultar da nossa própria recuperação.

GILBERT GRANVAL

A recepção
aos caloiros
do I. S. Técnico

A Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico promove, no próximo dia 7, a 5.ª semana de recepção aos novos alunos.

Com esta iniciativa pretendem os alunos do I. S. T. receber de uma forma franca e amiga os seus novos colegas, proporcionando-lhes uma entrada tão agradável quanto possível no meio universitário que passam a frequentar.

Com esta iniciativa procura estabelecer-se logo de entrada, um estreitamento de relações entre os «novos» e os «antigos», criando um espírito de entreajuda e camaradagem que poderá ser util pela vida fora.

A «Semana» é inaugurada com uma sessão solene, realizada no salão de festas do Instituto Superior Técnico, na qual usará primeiramente da palavra o presidente da direcção da A. E. I. S. T. que dirigirá uma saudação aos novos alunos, seguindo-se, no uso da palavra o prof. eng.º José do Nascimento Ferreira Dias Junior, que apresentará uma palestra subordinada ao título «A Missão do Engenheiro em Portugal».

O Cine Clube Universitário de Lisboa colabora, também, com a Associação, dedicando aos novos alunos do I. S. T. a sua primeira sessão deste ano, que se realiza no próximo dia 11, no cinema Chiado Terrasse, ás 18 e 30.

Além das realizações já mencionadas, será organizada uma exposição de pintura no salão nobre do Instituto, orientada pelo conhecido pintor José Julio de Andrade Santos, bem como uma outra sobre as actividades da Associação, onde serão focados os vários problemas dos estudantes e as possibilidades que há para os resolver.

AVANTI - COUTURE

apresenta a nova colecção de modêlos de Paris, para êste inverno, na próxima segunda-feira, dia 7, com passagem de modêlos, às 16 horas.

Entrada por convites.
Rua Rodrigues Sampaio, 158, r/c.

Ela bem sabe...

As dores envelhecem e desfeiam. Por isso, toma sempre

contra as dores de cabeça e o malestar

Cafiaspirina

O remédio soberano

O protão negativo
e o valor que lhe atribuem
por ANDRÉ GEORGE

A descoberta do protão negativo é um facto de profunda significação. Ainda não apareceu nenhuma autoridade, no dominio da física nuclear, a contestar a sua existência. Em primeiro lugar, estamos já acostumados ás descobertas sensacionais da equipa de Berkeley, chefiada pelo sábio Lawrense, genial inventor do ciclotrão. Esta equipa dispõe, actualmente, do famoso bevatrão que serviu para a recente descoberta, que tanto está a dar que falar. Trata-se de um acelerador de particulas que produz energia da ordem dos seis biliões de electro-voltes. Em segundo lugar, a descoberta do protão negativo era esperada já há algum tempo e constituia mesmo a preocupação dominante dos especialistas que trabalham com os grandes aceleradores.

Havia, de longa data, argumentos teóricos valiosos que faziam admitir a existência deste recem-chegado. O mundo dos cientistas concluiu que não existe a simplicidade atómica com que alguns pioneiros sonharam, quando se contentavam com o protão, massa carregada de electricidade positiva, e com electrão clássico, carregado com electricidade de sinal contrário. A esta lista sumária houve que juntar, há um quarto de século, o electrão positivo.

A intervenção do sábio Oppenheimer

Depois dessa descoberta, e tendo em conta razões de simetria lógicas, começou a admitir-se a existência do protão negativo, inversa do seu congenere tradicional—o protão positivo—devendo tratar-se de uma massa carregada de electricidade negativa. Nos ultimos tempos, de resto, o numero das particulas, atómicas ou nucleares, aumentou sensivelmente. Depois de aparecer o neutrão, surgiu uma série de particulas de massas variadas, agrupadas sob a designação genérica de mesões. Berkeley, foi essa uma das suas maiores realizações, conseguiu, em 1948, fabricar mesões cuja existência até então apenas fora revelada nas radiações cósmicas.

Hoje, portanto, a hipótese da existência do protão negativo não espanta ninguém, e é geral a convicção de que se trata de um fenómeno real. No ano passado, uma observação do célebre físico de Chicago, Schein dera lugar a que o professor Oppenheimer se ocupasse do protão negativo, depois de ser o primeiro a revelar a existência do protão positivo.

As duvidas que já se levantam

A descoberta, agora anunciada por Berkeley, é muito importante e sugere, imediatamente, várias duvidas, o que, só por si, constitui a prova dessa importancia. Até há pouco, admitia-se que só a electricidade positiva estava identificada com a noção de massa, pois além do neutrão, que não tem carga especifica, apenas havia o protão, carregado de electricidade com aquele sinal. A descoberta do protão negativo destroi esta suposição e constitui um elemento novo que esclarece a curiosa dissemetria que sempre diferenciou as duas espécies de electricidade.

Por outro lado, o protão negativo—inversa do protão conhecido—pode considerar-se como um verdadeiro antiprotão. Por coincidência curiosa, ele não desempenha, como elemento [illegible] o mesmo papel do seu precursor, o protão positivo, visto que o nucleo do átomo, tal como o conhecemos, não comporta a existência de particulas carregadas com electricidade negativa.

O caminho da cautela

A conclusão a tirar destas premissas, apesar de audaciosa é lógica. Não veio este protão negativo, ou antiprotão, revelar a existência de uma qualidade da matéria diferente daquela que conhecemos no Universo em que vivemos? A verdade é que já começa a ter foros de verdade a expressão antimatéria... Finalmente, é legitimo dizer que, por analogia com os «pares» de electrões com dois sinais—positivo e negativo—existe, também, um par de protões com dois sinais contrários, os quais, destruindo-se, permitirão a transformação total da energia por um novo processo.

Estamos, de qualquer maneira, no limiar de uma era nova. Começamos, apenas, a balbuciar um alfabeto diferente. É incontestável que a descoberta do protão negativo torna necessária uma nova teoria das particulas, até agora chamadas elementares. Para a formular, aquela descoberta representa uma contribuição capital. De resto, se o prof. Lawrence nos diz que, neste caminho, é preciso andar com cautela, para que seremos nós a mostrar-nos excessivamente apressados?

ANDRÉ GEORGE

ACTO DE HONRADEZ

O cantoneiro de limpeza Albino Francisco, foi louvado pela Camara Municipal por ter achado na via publica uma pulseira de ouro e a ter confiado á 10.ª esquadra, para ser entregue ao seu dono.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Os artistas brasileiros Renata Fronzi e Cesar Ladeira, contratados pelo empresário Vasco Morgado, com parte da sua companhia, que no Rio de Janeiro esta actuando no Teatro Dulcina, embarcam no dia 7 para Lisboa por via aérea, viajando os restantes elementos no paquete «Vera Cruz».

—Começam hoje, no Teatro Avenida, os ensaios gerais da peça «Joana d'Arc», cuja estreia está prevista, em princípio, para quinta-feira.

—Na próxima viagem do vapor «North King», do Rio de Janeiro para Lisboa, vem novamente a actriz Pepa Ruiz.

—Regressou do Porto o empresário Giuseppe Bastos, que tratou com o actor Miguel Orrico da distribuição das figuras da revista «O' Zé aperta o laço», que vai ser representada pela sua companhia no Teatro Sá da Bandeira.

—A companhia Rafael de Oliveira, que, com o seu Teatro Desmontável, está a realizar os ultimos espectáculos em Elvas, representa hoje o drama bíblico «A Vida de Cristo».

—Desistiu da projectada viagem a Portugal o empresário brasileiro Walter Pinto, que, com a sua companhia de revistas, devia fazer uma temporada no Coliseu dos Recreios.

—Na quinta-feira, com a ópera «Carmen», despede-se de Lisboa a companhia de ópera italiana, que está actuando no Coliseu.

—A cantora Cristina Maria está indicada para o elenco da companhia de revistas que vai empreender uma digressão pela Província.

—Deve regressar brevemente a Lisboa a actriz Maria Helena Vieira, que faz parte da companhia de revistas dirigida pelo actor Carlos Coelho, e que anda em digressão por Moçambique.

—A empresa do Teatro d'Arte, pretende a colaboração de um prestigioso actor, que apenas participaria do desempenho de uma peça, na altura de considerar livre de compromissos com outra organização.

—Consta que dentro de dias, o elenco-base da Companhia Teatro d'Arte de Lisboa vai ser aumentado.

—Começaram hoje no Teatro da Trindade, os ensaios da peça russa «As três irmãs», com marcação de Orlando Vitorino.

A estreia de hoje

No Capitólio

Titulo — «O preço da glória».
Produção — Americana.
Realização — John Ford.
Argumento — Dois herois da primeira guerra mundial procuram conquistar o amor da mesma mulher.
Interpretes — James Cagney, Corinne Calvet, Dan Dailey e Robert Wagner.
Classificação — Para adultos.

Imagem do dia

No TIVOLI começa esta noite a 2.ª SEMANA dum dos mais maravilhosos espectáculos da actualidade em CINEMASCOPE, conhecido em toda a parte, pelo nome de a COMÉDIA DAS SETE VEDETAS. Institula-se «O MUNDO E' DAS MULHERES» e é admirávelmente interpretada por CLIFTON WEBB, JUNE ALLYSON, VAN HEFLIN, LAUREN BACALL, FRED MAC MURRAY, ARLENE DAHL, CORNEL WILDE.

O Panorama Musical

festeja o seu aniversário

Ainda esta tarde, ás 18 e 30, no cinema Império, efectua-se o festival comemorativo do 1.º aniversário de Panorama Musical, empresa promotora de espectáculos rádio-publicitários, dirigida por Miguel de Oliveira.

Neste festival colaboram três dezenas de artistas do Teatro e da Rádio nacional, os locutores Meneses Santos e Paulo Cardoso e a orquestra Panorama Musical, composta por 40 professores, sob a regência do maestro Miguel de Oliveira.

Ultimos dias

Hoje, despedida de Franca Ottaviani, o maior soprano da actualidade, e o grande baritono Ugo Novelli, na ópera de Rossini, «Barbeiro de Sevilha», pela grande companhia de ópera italiana no Coliseu

Pela ultima vez, numa despedida emocionante, o publico pode ouvir esta noite, no Coliseu, esse supremo prodígio do canto, que é a extraordinária diva Franca Ottaviani. A magnifica artista cantará o *Barbeiro de Sevilha*, a imortal ópera, em 3 actos, de Rossini, em que ela faz o delicioso papel de «Rosina». Tomam parte no desempenho o excelente tenor Tino Piacentini, no «Conde de Almaviva», o admirável barítono Carlo Meliciani, no «Figaro», e o potente «baixo» Ugo Novelli, no «D. Basílio». Grande orquestra dirigida por Nello Santi. Preços popularíssimos. Ultimos espectáculos. Amanhã e depois não há espectáculo para ensaio da «Carmen».

Mendes contratado
para duas corridas em Maracay

CARACAS, 31 — O apoderado de Francisco Mendes, Andrés Gago, assinou já contratos do matador de touros português para duas corridas em Maracay, nos dias 20 e 27 do corrente, por importancias que se sabe serem das maiores cobradas por toureiros nestas praças. — (Efe).

Expressiva homenagem à
Orquestra Almeida Cruz

Aspecto da assistencia ao banquete

A empresa do **RITZ CLUBE**, o dancing da popularidade, ofereceu ontem no restaurante típico «**O FAIA**» um jantar de homenagem á brilhante **ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ**, a organização musical de mais prestígio entre todas quantas estão actuando em Lisboa. A festa decorreu no meio da mais franca alegria e nela participaram setenta convivas, entre os quais todos os artistas de categoria internacional, que se exibem actualmente no **RITZ**, e que, assim, se associaram também á homenagem prestada á **ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ**, e ao seu distinto director.

Trocaram-se vários brindes, tendo usado da palavra o empresário-gerente do **RITZ**, sr. António de Araujo, que enalteceu os méritos da orquestra e destacou a alta categoria internacional que ela disfruta nas principais cidades da Europa e da Africa francesa. O maestro Almeida Cruz, agradeceu as palavras que o sr. António de Araujo lhe dirigiu e considerou de notória a arrojada acção daquele empresário na organização dos seus espectáculos, cujo fim unico — disse — é de apresentar ao publico de Lisboa as mais valiosas atracções mundiais. A empresa do Ritz Clube preferindo o «**FAIA**» para a realização desta simpática festa, quis assim acompanhar o prestígio que aquele magnífico restaurante goza entre os bons «gremets» da mais selecta sociedade alfacinha.

2 SESSÕES ás 20,45 e 22,45 (Adultos)

TEATRO MONUMENTAL

LUGARES DESDE 6$00

LAURA
*
VILLARET
*
ASSIS
*
MIMI GASPAR
*
CARLOS ALVES

SALES
*
CAMILO
*
SOLNADO
*
MARIA LUIZETTE
*
CARMO CANAS
*
Os bailarinos Fernando Lima e Agueda Sena

MELODIAS DE LISBOA

AMANHÃ: ESPECTACULO A'S 16 HORAS

Beatriz Fragoso

«NAU CATRINETA»
RESTAURANTE TIPICO
T. DE S. MIGUEL — ALFAMA — T. 32889
FILIPE PINTO
APRESENTA TODAS AS NOITES ATÉ DE MADRUGADA, UM GRANDIOSO ELENCO EM FADOS — CANÇÕES E DESGARRADAS COM A INSINUANTE ARTISTA BEATRIZ FRAGOSO.
A NAU CATRINETA COMPLETAMENTE REMODELADA, DISPÕE DUM AMBIENTE DISTINTO E ACOLHEDOR.

Maria Vitória

Emprezas «Eugénio Salvador e Rui Martins» «Giuseppe Bastos»
EM 2 SESSÕES
A's 20,30 e 22,45
SALVADOR
APRESENTA

Salvador

O êxito que excede todos os êxitos!

A engraçada revista popular

FESTA É FESTA!

com
IRÈNE IZIDRO
ANTÓNIO SILVA

Amanhã
Feriado Nacional
Espectáculo á tarde ás 16 horas
(Adultos)

Irene Izidro

¿¿TEYMA??
ABRE BREVEMENTE

7 VEDETAS NÚMA COMEDIA DE RISO CONSTANTE!

Qual é a vossa opinião ? As mulheres devem meter-se nos negócios dos maridos ?

NUNCA HOUVE UMA COMÉDIA ASSIM NO

TÃO LUXUOSA, TÃO ELEGANTE, TÃO ENGRAÇADA!

CINEMASCOPE

O MUNDO É DAS MULHERES

(MAS SÃO OS HOMENS QUE MANDAM NELAS) PELO MENOS JULGAM ELES! com CLIFTON WEBB, JUNE ALLYSON, VAN HEFLIN, FRED MacMURRAY, ARLENE DAHL, CORNEL WILDE, LAUREN BACALL

Uma realização de JEAN NEGULESCO em TECHNICOLOR

UM FILME DE CATEGORIA EXCEPCIONAL QUE CONTINUA A GLORIOSA CARREIRA DO CINEMASCOPE COM SOM ESTEREOFÓNICO DE 4 BANDAS MAGNÉTICAS DE ALTA FIDELIDADE

20th CENTURY FOX

2.ª SEMANA DE UM ÊXITO GRANDIOSO NO TIVOLI

(Para maiores de 13 anos)

HOJE NO CAPITÓLIO

UM DOS GRANDES FILMES DA TEMPORADA!

A história alegre de DOIS RIVAIS que disputavam a mesma mulher...

Com socos ! Com partidas ! Com alegria ! e com a rivalidade da **CORAGEM !**

SIM ! O PREÇO DA GLÓRIA É UMA MULHER

JAMES CAGNEY

CORINNE CALVET

DAN DAILEY

Technicolor

O GRANDE ÊXITO POPULAR DO GRANDE JOHN FORD

O PREÇO DA GLÓRIA

WILLIAM DEMAREST - ROBERT WAGNER - MARISA PARAN

Empresa Azinhal Abelho, subsidiada pelo Fundo de Teatro

HOJE, ÀS 22 HORAS

QUANDO A VERDADE MENTE

DE **COSTA FERREIRA**

Com **Alves da Costa, Brunilde Judice, Maria Lalande, Augusto Figueiredo, Constança Navarro** e **Cecilia Guimarães** (pela ordem de entrada em cena).

Preços de 3$00 a 30$00

(Adultos) Trindade 20000

Da crítica:

«...aplauso ao alto nivel da representação, em que Brunilde Judice, Alves da Costa, Augusto de Figueiredo e Maria Lalande tiveram uma noite de vitória plena, bem confirmada pela assistência, que os ovacionou no final dos três actos da peça, obrigando o pano a subir repetidas vezes».

De Matos Sequeira-Critico do Jornal «O SECULO».

Recintos de diversões

No típico Sábá (Cantinho da Cesária), efectua-se, no próximo dia 11, um jantar de homenagem ao poeta popular Carlos Conde. As inscrições podem fazer-se pelo telefone 665745.

—O fadista Fernando Farinha vai ser homenageado com um jantar, no próximo dia 4, na Adega Mesquita, onde actua há quatro anos.

(PARA ADULTOS)

MAXIME

DANCING DE LUXO

UM ÊXITO SENSACIONAL COMO RARAS VEZES SE VÊ !

O FAMOSO TRIO

VIVIANNA RINO y ROY

UM NUMERO DE ALTA «SOUPLESSE» ARTÍSTICA EM DOMÍNIO MUSCULAR

UMA ATRACÇÃO QUE HONRA O «MAXIME»

E, AINDA, UM NOTÁVEL ELENCO DE CANTO E DE BAILE

LUSO

T. da Queimada, 8-A. Tel. 32889 (Para adultos)

Hoje (até de madrugada) Fados e Canções. Reaparição da simpática e aplaudida artista **ROLANDA RODRIGUES**, Armando Dias, Alcidia Rodrigues, Manuel Hilário, Constança Nunes e o «ás» da boa disposição João Viana («Vianinha»). Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.

Direcção artística de **LINHARES BARBOSA**

AMANHÃ — **Grandiosa «matinée»**

Rolanda Rod.

Leiam o «Sempre Fixe»

¿¿TEYMA??

ABRE BREVEMENTE

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «O Preço da Glória» CAPITÓLIO

SÃO LUIZ — TEL. 27172

15,15-18,15-21,30

A deliciosa alta-comédia em cinemascope de **A. Genina**

FROU-FROU

(Adultos)

Toda a graça e espirito francês, com **Dany Robin e Gino Cervi**

ÉDEN — TEL. 20768

15,30-18,30-21,30

Ingrid Bergman em **VIAGEM EM ITÁLIA**

c/ **George Sanders**

Um encantador romance de amor, passado na terra da beleza, onde o amor não morre

(Para 18 anos)

IMPÉRIO — PLATEIA 55134 BALCÕES 55135

A's 21,30

A luxuosa superprodução em cinemascope

Melodia interrompida

(13 anos)

com **Eleanor Parker e Glenn Ford**

MONUMENTAL — TEL. 55131

A's 21,30

4.ª seman. da prod. de **W. Disney**

20.000 léguas submarinas

Cor por Tecnicolor Cinemascope

(13 anos)

com **Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas e Peter Lorre**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

A's 15,15 - 18,15 e 21,30

SVENGALI

com **Hildegarde Neff — Terence Morgan**

(Para adultos)

O filme mais excitante até hoje apresentado.

ODEON — T. 26283

15,15-18,15-21,30

A triunfal farsa de gargalhada

DIABRURAS DE AMOR

Em Gevacolor

(Para 18 anos)

com **Carmen Sevilha e Mischa Auer**

ROYAL — T 845037

A's 21,15, O êxito de gargalhada

DIABRURAS DE AMOR

(18 anos)

(col.) com **Carmen Sevilha**

Em compl.: **O SEDUTOR DE GRANADA**, com **Luis Sandrini**

AMANHÃ: MATINÉE

TERRASSE — TEL. 20917

A's 21 — (13 anos)

ULISSES

Táxi de noite

TIVOLI — TEL. 50595

A's 15-18.15-21,30 (13 anos)

2.ª semana

No famoso cinemascope deste cinema a engraçadíssima comédia das 7 vedetas

O Mundo é das mulheres

com **Clifton Webb e June Alyson**

POLITEAMA — TEL. 26305

15,15-18,15-21,30

2.ª semana triunfal do filme em cinemascope

Estes homens são perigosos

(13 anos)

com **Kirk Douglas e Bella Darvi**

CONDES — TEL. 22523

A's 15-18.15-21,30

Em 3.ª semana

O Conde de Monte Cristo

A obra imortal de Alex. Dumas,

(13 anos)

com **Jean Marais**

ALVALADE

A's 21,30: O 1.º filme de **Genina** em cinemascope

(Adultos)

FROU-FROU

Sensacional interpretação de **Dany Robin e Gino Cervy**

CAPITÓLIO — TEL. 27493

(18 anos)

A's 21,30 - **Estreia** dum filme excepcional do grande mestre **John Ford**

O PREÇO DA GLÓRIA

Tecnicolor

James Cagney, Corime Calvet, Dan Dailey, Robert Wagner e Marisan Paran

PALÁCIO — T. 47163

A's 15,30 e 21,30 **Em 2.ª semana**

(Adultos)

Piedade para os que caem

Um drama sensacional com

Amedeo Nazzari e Antonella Lualdi

RESTELO — Tel. 610375

A's 21,15 (13 anos)

A empolgante superprodução em CINEMASCOPE

O JARDIM DO DIABO

com **Gary Coper, Susan Hayward e Richard Willmark**

CINEMA IDEAL

Às 21 — (Adultos)

A ilha do pecado

ELA E EU

LIZ — TEL. 48560

A's 21,15 (13 anos)

A grande ofensiva

O pato atómico

CASINO ESTORIL

A's 21,30

CIUMES

(Adultos)

com **Erno Crisa**

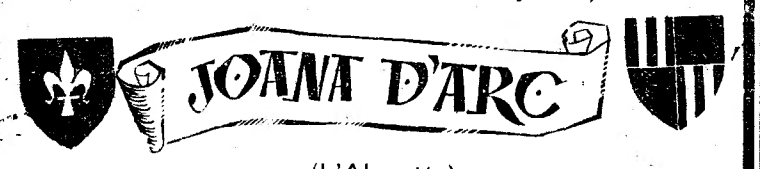
Temporada de declamação 1955/56

Subsidiada pelo Fundo de Teatro

BREVEMENTE

a obra-prima de JEAN ANOUILH

(tradução de **Redondo Junior**)

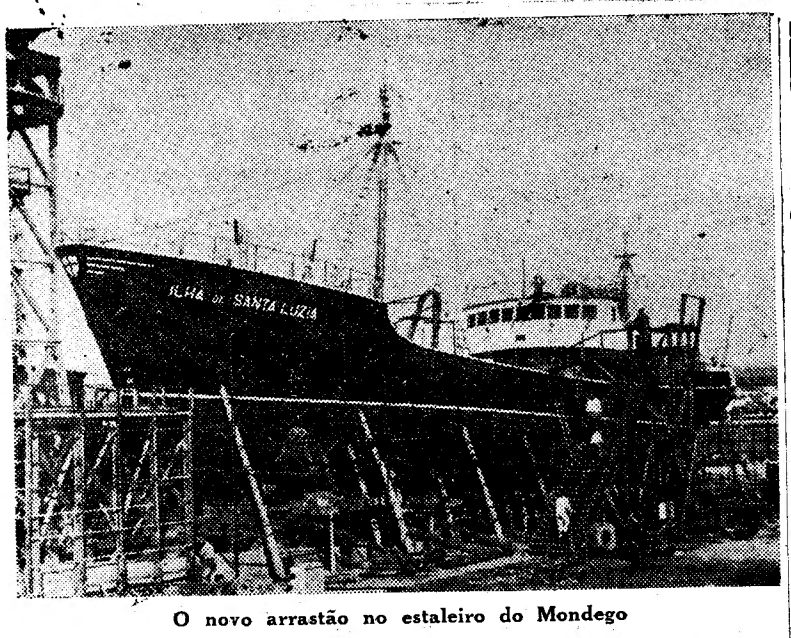


(L'Alouette)

O eterno conflito entre a pureza e um mundo ávido de a destruir

Um espectáculo de **VASCO MORGADO**

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»



O novo arrastão no estaleiro do Mondego

Foi hoje lançado à água
na Figueira da Foz
mais um navio para a pesca de arrasto

FIGUEIRA DA FOZ, 31.—A frota pesqueira portuguesa foi enriquecida com mais uma unidade, lançada hoje á água, numa cerimónia a que assistiram os srs. ministro da Marinha, comandante Henrique Tenreiro, delegado do Governo nos organismos corporativos das pescas e outras individualidades, entre as quais os srs. governador civil de Coimbra, presidente da Camara Municipal, almirantes Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada; João Francisco Fialho, director-geral da Marinha; e Alves Leite, superintendente dos serviços da Armada e presidente do Gabinete de Estudos das Pescas.

Depois deu m almoço no Grande Hotel da Figueira da Foz, oferecido pelos Estaleiros Navais do Mondego e a que presidiu o sr. almirante Américo Tomás realizou-se a cerimónia da cravação do primeiro rebite do navio de pesca «Aljezur», que ali será construído para a Companhia Portuguesa de Pesca, após o que se procedeu á colocação da quilha do arrastão de alto-mar «Arrentela», para a Sociedade de Pescarias Arrábida, Ld.ª, de Lisboa.

A seguir, efectuou-se a cerimónia do lançamento á água do arrastão «Ilha de Santa Luzia», para a Sociedade dos Armadores da Pesca de Arrasto, excelente unidade, dotada dos mais modernos requisitos e que fará a sua primeira viagem de pesca antes do fim do ano. Esta unidade, que tem o comprimento de 51m,25, 45m,20 entre perpendiculares, 8m,40 de boca e 4m,25 de pontal, deslocará 774 toneladas e posui motores que lhe permitirão uma velocidade, em navegação livre, de cerca de 12 nós e 3 nós e meio quando estiver em plena faina de arrasto. Além disso, possui porões com capacidade para 370 metros, podendo carregar cerca de 150 toneladas de pescado. O «Ilha de Santa Luzia», que pertence á série do «Ilha de São Vicente», «Almada» e «Alfama», está consideravelmente melhorado. São notáveis algumas inovações, entre as quais a ponte de comando, que está a maior altura e é fechada de bombordo a estibordo. A nova unidade será equipada com magníficas sondas sonoras para a pesca, uma com registo gráfico e registo óptico e outra visual.

O «Ilha de Santa Luzia» que será também equipado com T. S. F. e outros aparelhos de navegação dos mais modernos, fica com instalações que lhe permitirão efectuar rápida congelação de algumas toneladas de peixe e de lagosta, a 40 graus negativos e será dotado de uma camara especial para arrecadação de peixe congelado, a uma temperatura inferior a vinte graus negativos. Posuirá, ainda, outras camaras para conservação de peixe, a temperaturas ligeiramente negativas.

Após o lançamento do navio, de que foi madrinha a sr.ª D. Maria da Graça Sales Henriques Guerreiro de Brito, esposa do sr. almirante Guereriro de Brito, usaram da palavra os srs. prof. dr. Bisaia Barreto, presidente da assembleia geral dos Estaleiros Navais do Mondego, e Fernando Costa, que, em nome dos armadores, disse que a cerimónia a que se estava a assistir era mais uma, felizmente igual a tantas outras que se tem realizado nesta época do ressurgimento da Marinha de Pesca. Agradeceu a comparência do sr. ministro da Marinha e das demais entidades e significou o reconhecimento dos armadores portugueses pela obra de renovação das frotas mercantes e pesqueira, obra que se deve — disse — ao sr. dr. Oliveira Salazar e ao sr. almirante Américo Tomás. O orador, depois de ter posto em relevo o espírito de iniciativa do sr. comandante Henrique Tenreiro, agradeceu á sr.ª D. Maria da Graça Sales Henriques Guerreiro de Brito a honra que deu aos armadores em ter sido a madrinha do «Ilha de Santa Luzia».

Usou em seguida da palavra o sr. comandante Henrique Tenreiro, que, depois de acentuar o significado da cerimónia identica a tantas outras que se têm repetido nos ultimos anos, se referiu ao novo empreendimento, em que se vão investir 30 mil contos e representa o pão de muitas centenas de portugueses, no mar e na terra, e a continuação da garantia de trabalho nestes estaleiros, que são o legitimo orgulho da Figueira da Foz.

Disse que este trabalho provou que não foram esquecidas as solicitações dos operários destes estaleiros, quando há anos pediram apoio para a sua actividade, afirmando que isto corresponde a uma preocupação do ministro da Marinha. E acrescentou:

—Devemos ao Governo da Nação e, em particular, a Sua Excelencia o ministro das Finanças o auxilio que nos concedeu pelo Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Industria da Pesca, subsidiando os armadores nas construções de novas unidades.

Felicitou também os Estaleiros do Mondego e a empresa armadora, por esta obra, e dirigiu cumprimentos á madrinha do «Ilha de Santa Luzia».

O sr. comandante Henrique Tenreiro terminou por manifestar o mais profundo reconhecimento ao ministro da Marinha, pelo auxílio que tem dado á solução dos problemas da pesca, entre nós.

Por ultimo, falou o ministro da Marinha, que recordou a figura do prof. dr. José Alberto dos Reis, que foi presidente do conselho de administração dos Estaleiros Navais do Mondego, agora postos em evidência por motivo das novas construções. Disse que os estaleiros mostram que se continua a tarefa de construir navios em ritmo interessante, patenteando cada vez mais as faculdades dos dirigentes e dos operários.

Por outro lado, também se verifica um crescente progresso de pesca de arrasto. Anunciou que principiaria para o ano a funcionar a doca de pesca de Pedrouços, que virá satisfazer as necessidades dos armadores, substituindo, em condições vantajosas, os cais de Santos e da Ribeira, abrindo-se assim uma nova era para a pesca de arrasto em Portugal.

Declarou que contava com o dinamismo do comandante Henrique Tenreiro e felicitou os Estaleiros Navais do Mondego e os armadores por mais estes trabalhos, terminando por dirigir os seus cumprimentos á sr.ª D. Maria da Graça Sales Henriques Guerreiro de Brito, madrinha do «Ilha de Santa Maria».

Um importante diploma legislativo
sobre a protecção mais eficaz
aos funcionários civis tuberculosos
do Estado e das autarquias locais

Um diploma publicado hoje no «Diário do Governo», em cuja redacção definitiva se consideraram as sugestões de um parecer da Camara Corporativa, opera revisão bastante profunda no regime de concessão de assistência aos funcionários civis tuberculosos do Estado e das autarquias locais.

No presente diploma — um decreto-lei — define-se por forma expressiva e clara o ambito da aplicação da assistência e soluciona-se os problemas tão debatidas que se levantavam acerca da legitimidade para usufruir os benefícios inerentes. O critério da concessão é amplo, pois abrange todos os serventuários do Estado e das autarquias locais que sejam subscritores da Caixa Geral de Aposentações ou de outra caixa legalmente equiparada, incluindo o pessoal que, embora não faça parte do quadro permanente, haja prestado um ano de serviço e que, por isso, deva entender-se que a seu favor milita uma presunção de continuidade no exercício das funções. A concessão de assistência fica subordinada á verificação das seguintes condições taxativas: não ser o funcionário, á data da primeira nomeação, portador de lesões tuberculosas de carácter evolutivo; haver descontado regularmente, a partir do início do desempenho do cargo, ou do direito á assistência, as quotas legais.

Mantêm o direito á assistência o pessoal acima referido quando na situação de aposentado e o pessoal que presentemente se encontre ao abrigo da assistência aos funcionários civis tuberculosos ou para ela desconte, embora não seja subscritor da Caixa de Aposentações ou doutra caixa a ela equiparada.

Nenhum indivíduo poderá ser admitido em cargo do Estado ou das autarquias locais a que corresponda, nos termos deste diploma, direito á assistência, sem que demonstre possuir a robustez necessária para o exercício do cargo e que não sofre de doença contagiosa, designadamente de qualquer forma de tuberculose evolutiva. Aos serventuários que não façam parte do pessoal permanente com ocupação regular só será exigida esta prova depois de contarem trezentos e sessenta e cinco dias de serviço efectivo, prestado contínua ou interpoladamente dentro de um período de três anos. A referida prova não é exigida aos indivíduos que já exerciam anteriormente algum cargo com direito á assistência, a menos que, entretanto, tenham estado afastados do serviço por período superior a um ano, em virtude de exoneração ou de licença ilimitada.

A prova de robustez e de sanidade será feita por meio de atestado do delegado ou subdelegado de Saude da área da residência do interessado, salvo no que se refere á ausência de tuberculose evolutiva, que deverá ser provada por meio de certificado de um dispensário oficial antituberculoso. Se o interessado se não conformar com a recusa de passagem do atestado ou com os termos em que este estiver redigido, poderá requerer novo exame á junta médica do Ministério das Finanças. Das conclusões constantes do certificado passado pelos dispensários haverá recurso para as juntas médicas que, em Lisboa, Porto e Coimbra, tenham a seu cargo especialmente os exames aos funcionários civis tuberculosos.

Os serventuários com direito á assistência prevista no diploma a que nos vimos a referir, contribuirão para ela com as seguintes quotas mensais, de harmonia com a respectiva remuneração: até 500$ — 2$00; de 500$ a 1.000$ — 4$00; de 1.000$ a 1.500$ — 6$00; de 1.500$ a 2.000$ — 10$00; de 2.000$ a 2.500$ — 15$00; de 2.500$ a 3.000$ — 20$00; de 3.000$ a 5.000$ — 25$00; superior a 5.000$ — 30$00.

Os serventuários que não façam parte do pessoal permanente só começam a descontar as respectivas quotas decorrido o prazo exigido para que lhes seja reconhecido o direito á assistência.

O serventuário suspeito de haver contraído a tuberculose deverá requerer a concessão da assistência, se a ela tiver direito, e será desde logo desligado das suas funções. Se o interessado não requerer a concessão da assistência, deverão os serviços promover oficiosamente que lhe seja aplicado o respectivo regime.

Quando um serventuário do Estado ou das autarquias locais haja contraído a tuberculose, deverão os serviços a que pertencer solicitar do I. A. N. T. e da D. G. de Saude o exame do pessoal que tenha estado em contacto directo com ele e a desinfecção que for julgada necessária.

Assistência aos serventuários que contraíram a tuberculose abrange: a) a dispensa total ou parcial do serviço quando exigida pelo tratamento ou pelo perigo de contágio; b) o tratamento da tuberculose e suas complicações; c) o internamento em sanatório ou estabelecimento hospitalar adequado, pelo tempo julgado coveniente; d) o tratamento ambulatório ou no domicílio, se o internamento for julgado desnecessário ou enquanto o assistido não puder ser sanatorizado.

O tratamento em regime ambulatório ou no domicílio será efectuado sempre que, assegurada uma eficiente acção terapêutica, não haja contra-indicação de natureza profiláctica e o permitam as condições económicas do doente e a salubridade da habitação. Se, por qualquer circunstancia, não for possível internar todos os beneficiários que careçam desta forma de assistência, serão preferidos aqueles que o exame declarar em condições de melhor aproveitamento com a sanatorização ou cujo internamento se mostre especialmente aconselhável em razão do perigo de contágio.

O serventuário que, esgotado o tempo de assistência, não for julgado em condições de regressar ao desempenho do seu cargo será aposentado com a pensão correspondente aos anos de serviço prestado. Se, porém, não tiver o mínimo de tempo de serviço legalmente exigido para o efeito, abrirá vaga desde logo nos serviços a que pertencer e ser-lhe-á concedido, como subsídio de tratamento, o equivalente á pensão mínima de aposentação, até haver alcançado o direito de recebê-la.

O doente que, em regime de subsídio, se curar das suas lesões antes de passar á situação de aposentado poderá ser readmitido no seu lugar ou noutro equivalente, desde que haja vaga nos respectivos serviços.

O diploma, que insere ainda disposições sobre a substituição, interinamente, de serventuários doentes, infracções disciplinares a que ficam sujeitos pelas acções ou omissões prejudiciais ao tratamento médico e outras, entra em vigor no dia 1 de Janeiro do próximo ano.

A GUARDA MILITAR
ao Palácio de Belem

Amanhã, com o cerimonial do costume, a guarda do palácio de Belém é entregue á companhia indígena de Angola, que permanecerá naquele honroso serviço durante três dias. No dia 15, a mesma incumbência será confiada á companhia de landins de Moçambique.

O PORTO pelo telefone

Homenagem ao comandante de Infantaria 6

PORTO, 31 — Ao deixar o comando do Regimento de Infantaria 6, foi prestada homenagem ao sr. coronel Gonçalves da Silva, que vai frequentar o curso de Altos Comandos Militares, em Caxias. Uma companhia comandada pelo capitão Cosme prestou honras militares ao sr. brigadeiro Figueiredo que, em representação do sr. general Cota de Morais, comandante da 1.ª Região Militar, presidiu á homenagem, acompanhado pelo chefe do Estado-Maior, tenente-coronel Bessa. No salão nobre do regimento efectuou-se uma sessão solene á qual assistiram comandantes de outras unidades, todos os oficiais do regimento e o capelão militar rev. Tobias. O comandante-interino da unidade, sr. major Benchimal, pôs em relevo as altas qualidades do homem, militar e chefe, do coronel Gonçalves da Silva. A seguir falou o sr. brigadeiro Figueiredo e, por fim, o homenageado, que agradeceu a todos. Foi-lhe oferecido um objecto de arte um almoço de despedida.

Furto de 45 contos

Queixou-se na P. S. P. o empregado comercial Cassiano do Nascimento Fiel de que gatunos, por meio de chave falsa, entraram no estabelecimento Auto Aliados, de A. Vieira, na Rua de Ramalho Ortigão, 18, e furtaram de um cofre a importancia de 45 contos.

Um marinheiro turco enlouqueceu

Há dias esteve em Leixões o vapor inglês «Alcp» que desembarcou um marinheiro, o turco Mehunte Nasset Kartaler, que foi internado no Hospital Britanico. Ontem, acometido de ataque de loucura, fugiu daquele estabelecimento hospitalar, que logo avisou o agente da firma consignatária do vapor. Ao fim de duas horas de pesquisas, o doente foi encontrado pelo agente, e por um seu empregado, na Avenida da Boa Vista, sendo então internado no Hospital do Conde de Ferreira.

Morto em desordem

Faleceu esta madrugada no Hospital de Santo António, onde ontem, conforme noticiámos, dera entrada com fractura do cranio, o lavrador António Pinheiro de Almeida, de 48 anos, residente em Vila Cova, Felgueiras, que ali foi agredido durante desordem e estaxa hospitalizado sob prisão. O cadáver foi removido para o necrotério do Instituto de Medicina Legal.

Caiu dum penhasco

Deu entrada na sala de observações do Hospital de Santo António o operário Diamantino da Silva Ribeiro, de 20 anos, solteiro, residente em Ermedo, Mondim de Basto, que caiu de um penhasco, quando trabalhava por conta dos Serviços Florestas de Ermedo, sofrendo fractura do cranio.

Queda grave

Recolheu ao Hospital de Santo António o mendigo José Cardoso, de 62 anos, residente no lugar do Couto, Cinfães, que ao fugir da estrada para não ser atropelado, caiu de um monte e sofreu fractura de uma perna e de um braço.

Serviçal gravemente atropelada

Ao princípio da tarde, um automóvel conduzido por José Augusto Figueira Ribeiro, residente na Casa dos Arcos, em Ermezinde, atropelou gravemente uma serviçal cuja identidade se ignora e que ficou internada no Hospital de Santo António, em estado grave, com fractura do cranio.

O regresso do Sultão

PARIS, 31.—A chegada a França de Sidi Mohamed Ben Yussef e, mais ainda, a abdicação de Ben Arafa a favor do antigo sultão, são postas em relevo por todos os jornais parisienses.

«Uma coisa é certa, sublinha o «Figaro». Os acordos de Aix e de Antsirabé foram ultrapassados». «Lance teatral» — escreve a «Aurore» referindo-se ao segundo acontecimento, enquanto o «Parisien Libéré» é de parecer que «essa adesão, de extrema importancia para a solução do problema marroquino, inscreve-se, aliás, na ordem natural das coisas depois da adesão de El Glaoui e dos outros representantes idóneos da opinião marroquina á causa de Mohamed Ben Yussef».

«Agora, depois da abdicação de Ben Arafa, aconselhado pelo chefe do protocolo Hajui, por uma espécie de suprema astucia da personagem da História, escreve o «Franc-Tireur», pode dizer-se que o regresso de Sidi Mohamed Ben Yussef ao trono apenas espera ser oficializado».

«A partir de hoje, sem negociações, sem condições, verifica o «Express», o caminho está livre diante de Ben Yussef. A França acha-se ausente deste fulgurante plebiscito a favor do soberano. O que deveria ter sido um gesto da França, mais não é de que a consequência inelutável dos acontecimentos. O Governo francês inclina-se: Ben Yussef vai subir ao trono de Rabat».—(F. P.).

CONFERÊNCIAS

Hoje, ás 21 e 30, o sr. dr. António Marussi, professor de geodesia da Universidade de Trieste, fará, na Sociedade de Geografia, uma conferencia ilustrada com projecções, sobre as expedições italianas de 1954 e 1955 ao Karakorum.

Festas associativas

A Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo promove, hoje, á noite, na sua sede, uma reunião dançante. Amanhã, á tarde, haverá baile na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

O maestro Hermínio do Nascimento

evoca a viagem que há trinta anos fez ao Brasil o Orfeão Académico de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

tivante, repassado de bonomia, mas ainda jovem e espirituoso, fala-nos, sem ênfase, num tom de comedida e sincera saudade:

—Eramos 158 quando fomos ao Brasil e «todos nós levávamos nos olhos o Sol da nossa terra, nos lábios o eco das caravelas, no peito a alma de Camões», como dizia o Paulo de Brito Aranha, o ultimo falecido do nosso grupo, que foi o orador oficial do Orfeão e um dos seus fundadores. Discursava admiràvelmente. Até reuniu em volume os discursos que fez no Brasil. Tempos que não esquecem!... Hoje o grupo deve estar quase reduzido a uma terça parte. O primeiro que morreu depois do nosso regresso foi o Carlos Viana, que tocava guitarra maravilhosamente. Podia mesmo ser considerado um solista de guitarra. Causou entusiasmo em todo o lado por onde passámos...

O prof. Hermínio do Nascimento cala-se um instante, o olhar perdido no fundo rosado do casario, que através da janela se acastela num cromo lisboeta, sob o azul celeste a enlanguescer. E sentimos que no actual professor e sub-director do Conservatório de Lisboa revive por momentos o moço director de orquestra que há trinta anos se confundia com os estudantes do orfeão quando, irmanados num sonho juvenil, partiam em alvoroço para o Brasil, onde iam levar uma mensagem artística que em Terras de Vera Cruz havia de alcançar êxito retumbante. Hermínio do Nascimento, apesar da sua celebridade, era então muito novo, quase um adolescente de aparência, como os retratos da época o mostram, de rosto rosado, fronte espaçosa, que o talento iluminava. E regia o seu orfeão com vibrante entusiasmo. Levavam trechos adrede difíceis, cuja escolha o seu brio lhes impusera.

—E foi justamente com o «Coro dos marinheiros» de Wagner, uma das peças mais espinhosas do repertório, que conseguimos um dos nossos grandes triunfos — recorda o prof. Hermínio do Nascimento.

«Eramos gente, não há duvida! Viana da Mota chegou até a pedir a colaboração do orfeão para o Conservatório, considerando-o «qualquer coisa de notável na vida musical portuguesa».

Prossegue depois em voz mais baixa, imperceptìvelmente comovida:

—Partimos no mês de Agosto, num barco brasileiro, comprado aos alemães, que já tivera o nome de «Madeira» e então se chamava «Raul Soares». Acompanhavam-nos o dr. Manuel de Sousa Pinto, professor da Faculdade de Letras, e dois jornalistas — Gastão de Bettencourt e o Cristóvão Aires, que todos nós tanto estimávamos. Só voltaríamos a 26 de Outubro.

Conta-nos incidentes de bordo, rapaziadas, a chegada ao Recife e á Baía, por entre ovações e flores, a sua descoberta maravilhada da cidade do Salvador «cem por cento portuguesa», e das suas prodigiosas igrejas barrocas...

—Tivemos uma recepção apoteótica. Como ainda me lembro!... A' frente da colónia portuguesa estava então o falecido visconde de Morais, que foi incansável no auxílio que nos prestou. No Recife fomos cumprimentar o governador e houve depois em nossa honra uma cerimónia na Faculdade de Direito, onde o prof. Neto Campelo nos dirigiu uma eloquente oração. Ainda se encontrava no Brasil, também de visita, a Tuna Académica de Coimbra, com a qual projectávamos dar um concerto em conjunto, que não chegou afinal a realizar-se...

—Qual foi o itinerário da viagem? — perguntámos.

—Ora deixe ver. — O prof. Hermínio do Nascimento brinca maquinalmente com a chave dum cravo do sec. XVIII (objecto algo misterioso, cuja função teve de nos explicar) e responde: — Recife, Baía, Santos, São Paulo e o Estado de Minas.

Acrescenta logo em seguida:

—Em Minas fomos hóspedes do presidente do Estado, Melo Viana, que nos ofereceu uma encantadora recepção em sua casa, com flores entrelaçadas em riquíssimas baixelas...

Cita-nos, a nosso pedido, alguns numeros dos vários programas que tanto entusiasmo despertaram: «Romeiros que passam», de Armando Leça; o «Coro dos vinhateiros», de Mendelssohn; as «Cantigas» e a «Proposição dos Lusíadas» da sua autoria; «O remador», de Alfredo Keil, etc. e relembra também as imitações e recitações, os fados, os descantes, as desgarradas, em que pulsava o génio triste de Portugal, com repiques bruscos de alegria explosiva...

—Só no Rio demos onze concertos — acentua.

E, desfiando um rosário de memórias, chama como que para junto de nós os ausentes, tais como então eram, romanticos, alegres, irreverentes e cheios de ardor naquela clara romagem de fraternidade luso-brasileira. Menciona alguns nomes, de entre muitos hoje ilustres: Franco Ferreira (hoje o dr. Franco Ferreira) então presidente da direcção do Orfeão, a cuja visão e tenacidade o maestro atribui em grande parte a realização da viagem ao Brasil; José de Ayala Boto (hoje inspector-geral dos Desportos) então solista e tenor; Mário Pires, futuro jornalista de grande mérito; Carlos de Chaby (hoje brigadeiro do exército); Jácome Delfim, que viria a ser o conhecido ginecologista; Miguel de Almeida, actualmente professor do ensino técnico, que escreveu e publicou fados, gravando-os em disco; Alberto Amarante, irmão do famoso artista de teatro Estevão Amarante; Manuel Torres Marques, hoje tesoureiro da Bolsa de Mercadorias de Lisboa; Rocha Cabral, hoje chefe de repartição do Ministério da Agricultura; o dr. Octávio de Brito; José Cruz e Sousa, actualmente coronel e compositor de musica ligeira...

E injusto seria não lembrar, de novo, neste passo, a memória gentil de Paulo de Brito Aranha, estudante distinto, orador oficial do grupo, mais tarde jornalista, militar e engenheiro distintíssimo, que a morte levou num dos seus golpes de traição.

O prof. Hermínio do Nascimento fala-nos em seguida de S. Paulo, da sua elegancia cosmopolita, do grande interesse que lá notou pelas artes, dos aspectos em que já então se pressentia a grande cidade dos nossos dias.

Pedimos-lhe, por ultimo, uma impressão pessoal. O maestro hesita. Devem ser tantas e tão gratas as impressões que conserva dos triunfos capitosos, do roteiro caleidoscópico daquela aventura juvenil... E' sua esposa, sr.ª D. Maria Felizarda Coelho do Nascimento, madrinha do Orfeão, que o ajuda a destacar um episódio:

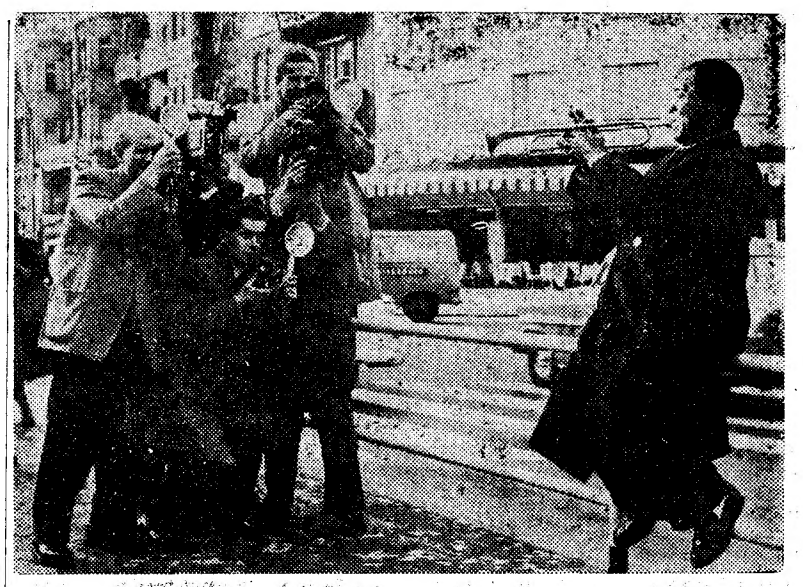
—Lembras-te do primeiro concerto no Rio?...

E logo o maestro evoca o pormenor sentimental. No final do concerto, inesperadamente, surgiu a felicitá-lo, com braçados de rosas, um grupo de antigas alunas suas, da escola de Teatro do Conservatório de Lisboa, que se encontravam ao tempo no Rio, trabalhando, como actrizes, num teatro.

Outra impressão ainda, esta de natureza artística. Foi quando do concerto dado pelo orfeão no Conservatório do Rio, a pedido do próprio director, Fertim de Vasconcelos. O maestro caprichou em escolher as melhores peças e o orfeão excedeu-se, cantou primorosamente. No fim, choveram aplausos e felicitações. Até veio ao palco o director do Conservatório e com ele os professores, entre os quais o célebre Barros Neto.

—Que esplendido grupo! — comentou o prof. Fertim de Vasconcelos. ¡Era disto que nós precisávamos cá.

—Hoje, manda a verdade dize-lo — conclui o maestro Hermínio do Nascimento —, o Brasil tem orfeões admiráveis, que muito o honram. E o acolhimento que dispensa aos artistas portugueses é sempre o mesmo: caloroso, fraternal, de uma gentileza sem limites.



Os fotografos correm a tudo — porque é o seu ofício... Um grande político, um grande escritor, um grande general, uma raínha de beleza, um «virtuose» do «trompette». E este é, no género, uma verdadeira celebridade: o negro Louis Armstrong, actualmente de passagem em Berlim

Imagens da América

por FERNANDO PINTO COELHO

Goa na Imprensa americana

A questão de Goa suscitou a minha curiosidade numa recente visita que fiz á principal biblioteca publica de Los Angeles. Que tinham dito os jornais americanos de uma costa á outra? Eram os editoriais favoráveis a Portugal? Desfavoráveis?

Depois de ler dezenas de jornais, a impressão com que fiquei foi a de que não houve precipitação da parte dos jornalistas. Estes preferiram aguardar um maior desenrolar de acontecimentos — o que não se deu — antes de se pronunciarem a favor de um lado ou outro.

Houve excepções, no entanto. O «Denver Post» foi vigoroso e claro na sua defesa de Portugal. «Goa», afirmou o editorial do jornal em 17 de Agosto, «não é parte da União Indiana e nunca o foi. Os portugueses têm lá estado desde 1510 — uma centena de anos antes do estabelecimento de New England».

O «Washington Post», outro jornal favorável a Portugal, criticou de forma incisiva a hipocrisia da atitude indiana, segundo a qual «a não intervenção tende a significar intervenção, ausência de força pode significar força numa situação como a que se desenvolveu em Goa».

E o «Los Angeles Times» não se limitou a ridicularizar a posição indiana num desenho-caricatura em que se via um elefante ferido a ser aguilhado («Goad») por um indiano em farrapos; num brilhante e inteligente editorial, o «Times» revelou o paradoxo da posição indiana.

A forma de argumentar dos indianos, escreveu o jornal, «expeliria os habitantes de práticamente todos os países do Mundo, visto eles não serem possessores originais nem, na maioria dos casos, descendentes da raça original».

A maioria não comentou

A maioria dos jornais americanos não comentou o caso de Goa em editoriais, limitando-se a publicar telegramas das agências Associated Press, United Press ou Reuters, em que se relatavam os acontecimentos.

Alguns jornais, como o «Chicago Tribune», publicaram também um telegrama de Lisboa, da Reuters, registando o protesto do Governo português contra «graves actos violando a soberania» do território português na India. Outros, como o «St. Louis Post-Dispatch», mostraram mapas de Goa.

O «New York Times», num artigo de A. M. Rosenthal, especial para esse jornal, firmou que «os portugueses permitiram aos jornalistas estrangeiros que viajassem livremente na área da fronteira e cooperaram com eles completamente».

O editorial do Denver Post

«Esse celebrado amante da paz e odiento da violência, «afirmou o editorial do «Denver Post» de 17 de Agosto, «o primeiro-ministro Nehru da India, fez um belo trabalho ao incitar os tumultos que produziram a violência em Bombaim e Calcutá esta semana. Nisso teve a assistência da Imprensa da India, conforme se lê no «Indiagram», uma publicação emitida diáriamente pela embaixada da India em Washington.

«Indiagram» destina-se óbviamente a vender ao povo americano o ponto de vista do Governo de Nehru. Tem dedicado á questão de Goa o seu melhor espaço continuamente há já alguns dias, esforçando-se por excitar o sentimento nos Estados Unidos contra a posição portuguesa naquele pequeno segmento de Portugal na costa ocidental da India.

«Infelizmente, «Indiagram» é um fracasso. Goa não é parte da India e nunca o foi. Os portugueses têm lá estado desde 1510 — uma centena de anos antes do estabelecimento de New England.

«Se Goa fosse agora devolvida aos seus ocupantes anteriores, seria devolvida não á India mas ao Paquistão. Não é uma colónia de Portugal, mas Nehru e a Imprensa da India insistem em deturpar a questão de Goa no odiado nome do colonialismo».

O jornal, o mais importante de Denver — cidade hoje famosa devido á doença do presidente Eisenhower — relata, a seguir, a invasão da fronteira portuguesa por satyagrahis. «O facto de não estarem armados», crítica o jornal, «não desculpou o seu deliberado trespasse, os seus deliberados insultos á lei e ordem existentes em Goa, a sua deliberada afronta á autoridade de um Estado soberano ao qual eles não pertenciam».

O «Denver Post» transcreve, a seguir, alguns comentários da Imprensa indiana publicados no «Indiagram», e termina o seu editorial, perguntando, «Que espécie de amor á paz é este? Deturpando os factos, iludindo os ignorantes, envolvendo-se em atitudes santimónias ao mesmo tempo que incitam invasões, Nehru & Companhia apresentam-se hoje como os maiores hipócritas do Mundo. Nem mesmo os efeitos embaixadoriais do «Indiagram» conseguem que eles se mostrem diferentes. O Mundo é naturalmente averso ao roubo, armado ou não armado».

Por falta de espaço, só no próximo artigo farei maiores referencias aos editoriais do «Washington Post» e do «Los Angeles Times» — ambos de extremo interesse para os portugueses.

Isto e aquilo

*** O Governador da Califórnia, Goodwin J. Knight, proclamou recentemente o 28 de Setembro como o Dia de João Rodrigues Cabrilho — para comemorar a chegada do navegador português á costa da California.**

*** Há já quase um milhar de minas de urania em produção neste país.**

*** O avião-automóvel, capaz de aterrar fechar as asas e seguir pela rua fora, deve aparecer á venda aqui, dentro de três anos, segundo se prediz.**

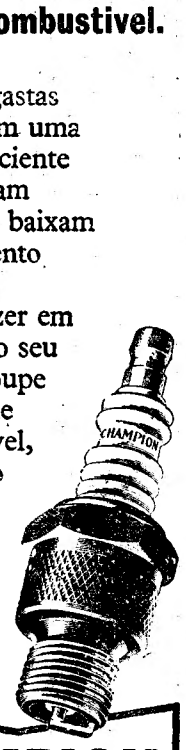
AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 16°,6; mínima, 14°,3.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 20°,3; mínima, 12°,1.*

mais

uma economia até 10% em combustivel.

As velas gastas e sujas com uma faisca deficiente desperdiçam gazolina e baixam o rendimento do motor.
Sinta prazer em conduzir o seu carro e poupe até 10% de combustivel, instalando



velas

CHAMPION

as velas de confiança

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
29 - AV. DA LIBERDADE - 31
LISBOA

Cursos superiores

de preparação militar para estudantes

Começa amanhã a inscrição nos cursos especiais de preparação militar, aberta a todos os alunos das Faculdades e escolas superiores do País, e que no ano lectivo passado funcionaram apenas para os estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Engenharia de Lisboa e do Porto.

A fim de preparar as actividades do novo ano dos C. E. P. M., esteve no Porto e em Coimbra o sr. tenente-coronel do C. E. M., Arnaldo Schulz, comandante-geral da Milícia da Mocidade Portuguesa, organização que tem a seu cargo o funcionamento daqueles cursos. O sr. tenente-coronel Arnaldo Schulz, que se fez acompanhar pelo seu adjunto para os C. E. P. M., sr. major do C. E. M. Bettencourt Rodrigues, reuniu-se naquelas cidades com os directores dos cursos, respectivamente, srs. tenente-coronel do C. E. M. Silva Bessa e major do C. E. M. Mário Andrade, e visitou os reitores das Universidades e directores das Faculdades.

No decorrer da semana em curso, o comandante-geral da Milícia da M. P. visitará os reitores das Universidades Clássica e Técnica de Lisboa, bem como os directores das diferentes Faculdades e escolas superiores.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

De ontem para hoje

✱ INSISTÊNCIA PERIGOSA — Há nove dias tinha havido um descarrilamento na linha do Dão. Ontem, novo e idêntico acidente na mesma linha — e no mesmo local. Das duas vezes, houve uma amostra de panico. Das duas vezes — por sorte — além do panico ficou-se pelos prejuízos de pouca monta. Das duas vezes, apurou-se que o acidente fora provocado pela rotura de um carril — «o que se considera bastante estranho», diz uma notícia sobre o caso. E' o menos que se pode dizer. Na verdade, cada passo que se dá na vida comporta um risco. Mas tal incidência do risco poderá ter-se como dentro do mais justo cálculo de probabilidades?

✱ CAMINHO PERIGOSO — Vai o rol do fim de semana. Desta vez, com estradas molhadas, na ameaçazinha sabida da derrapagem de efeitos nunca se sabe quais. Perto de Castelo Branco, voltou-se um «jeep» contra uma árvore: morreu um passageiro, Alfredo António Simões Dias Gama, de 46 anos; perto de Angeja, chocaram dois automóveis: quatro ocupantes em estado grave para o hospital; perto de Elvas, um automóvel resvalou e foi de encontro a um eucalipto: morto o condutor, Armando Ferreira Gonçalves, proprietário e lavrador; perto de Evora, um ciclista (Elio Henriques Fialho, de 16 anos, servente de pedreiro, foi derrubado e morto por um autocarro; perto de Vagos, outro ciclista (surdo e anda na estrada!), não ouviu os sinais de buzina de um autocarro que, para não o colher, dele se desviou e resvalou, indo embater num prédio; perto de Esposende, um automóvel foi de encontro a um carro de bois, ficando feridas três pessoas que recolheram ao hospital local; perto de Tomar, outro automóvel foi de encontro ao muro de uma ponte: feridas quatro pessoas que nele seguiam. A lista podia alongar-se, mas limita-se aos casos mais expressivos: o bastante, ao menos, para que possa reavivar-e o alarme dos cuidados a que não pode eximir-se quem circula pela estrada.

✱ CASAS PARA TODOS — Chega a ter-se a tranquilizadora impressão — embora um pouco exagerada — de que quase diáriamente, por aqui e por ali, se inauguram novos grupos de construções. Quem corre a cidade encontra, um pouco por toda a parte, a imagem dessa febre de novo. Em que medida, porém, o plano corresponde ás necessidades do maior numero? Interessam casas, muitas casas, mas interessa principalmente mais acudir áquelas camadas de população que, situadas no meio, entre os muito de baixo e os muito de cima, sofrem todos os pesos, todas as pressões — e dir-se-ia que todos os esquecimentos.

✱ JORNAL PEQUENO — Chegaram a Damão mais quinze goeses expulsos de Bombaim sob a acusação de actividade pró-portuguesa. ✱ O sr. Melo Machado foi exonerado (seu pedido), de presidente da Camara de Alenquer. ✱ Uma série de incêndios: em Guarda (Estação), um prédio de casas que ficou destruido com todo o recheio; outro tanto em Perozelo (Penafiel), quando dormiam os locatários, que tiveram de fugir em trajos menores; em Marinhais, numa casa agricola, por curto-circuito; perto de Mação, numa serração de madeiras que ardeu em grande parte. ✱ Foi posta a circular uma nova carreira de camionagem entre Rolão e Pampilhosa da Serra — o que deu origem a um pequeno mas bem justificado regozijo das populações servidas.

TRIBUNAIS

O crime na Rua Pascoal de Melo

No 2.º juizo criminal da Boa Hora, em audiência colectiva, sob a presidência do corregedor sr. dr. Simões de Carvalho, ladeado pelos juizes adjuntos drs. Borges da Gama e Garcia da Fonseca, e perante numerosa assistência do bairro de Almirante Reis, começou esta tarde o julgamento do cortador Francisco Correia, de 49 anos, casado, natural de Vila Verde. Segundo o despacho de prenuncia, o reu e José Faustino eram há bastantes anos empregados de um talho na Rua Pascoal de Melo, 104, de que o segundo era encarregado. Há dois anos que entre eles não havia boas relações, falando-se só em serviço. O Faustino suspeitava da honestidade do Correia e, há meses, censurou-o, na presença de uma freguesa que ao estabelecimento fora reclamar contra o excesso de preço da carne que comprara.

No dia 26 de Abril ultimo, de manhã, o incriminado furtou dois chouriços e, dias depois, outros, avaliados em 7$20. Avisado o Faustino por testemunhas do furto, censurou-o e ao fazer-lhe contas, em 30 de Abril, para o despedir, responsalizou-o pelo roubo. Então o reu, exaltado, pegou, ou fez menção de pegar, numa forquilha para agredir o Faustino, que então lhe arremessou uma faca de talho, que não o atingiu. Acto contínuo, o Correia apanhou a faca do chão e arremessou-a, com intenção de matar, ao peito do Faustino, onde se lhe cravou do lado esquerdo. Lutaram ainda corpo a corpo, em disputa da faca, e desceram para a cave, onde a vítima foi encontrada mais tarde cheia de sangue, vindo a falecer no Hospital de S. José, horas depois.

Afirma-se ainda no processo que o reu já há meses dizia que havia de liquidar o Faustino, pelas suspeitas e censuras que lhe dirigia.

Compareceram oito testemunhas de acusação, três declarantes e doze de defesa.

A acusação particular está confiada ao sr. dr. Roque Laia, e a defesa ao sr. dr. Castanheira Lobo.

O julgamento não deve terminar hoje.

Há momentos íntimos na vida,,, em que o perfume de Mexyl é decisivo...

MEXYL

A PASTA DISCRETAMENTE PERFUMADA

Um simples centímetro de pasta na escova provoca uma espuma abundante que leva a todos os recantos da boca uma desinfecção total e produz a sensação refrescante de um perfume agradàvelmente discreto.

Tubo grande: 14$00
Tubo médio: 8$00

BELARTE-1154

MEXYL
PASTA DENTÍFRICA CIENTÍFICA
FÓRMULA DOS LABORATÓRIOS
MEXYL S. A.
GENÈVE (SUIÇA)

DIA 1, FERIADO
«RIBATEJANO» - SALVATERRA
Almoço com folclore regional

Vai a Evora?
Hospede-se na
PENSÃO ALENTEJO
Pratos regionais
R. Serpa Pinto, 74 - Tel. 2903
(A' entrada da estr. de Lisboa)

Fataça à Ribatejano
Mais um prato regional do «RIBATEJANO», de Salvaterra.

EM 3 LINHAS

Foi condecorado com a medalha de prata de serviços distintos o sr. major do C. E. M. Augusto da Silva Viana.

///

Os srs. capitães Salvador Pinheiro e Silva Macanita foram exonerados dos cargos de comandantes distritais da P. S. P. de Beja e Ponta Delgada, respectivamente, em virtude de irem frequentar o curso para promoção a oficial superior.

///

O sr. dr. António de Matos Junior foi nomeado para reger a cadeira de Polícia Cientifica do curso superior de Medicina Legal do Porto.

///

Foi prorrogada por mais três anos a comissão de serviço do sr. dr. Francisco Soares como corregedor do círculo judicial de Viana do Castelo.

///

Está vago o lugar de conservador da 7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa (1.ª classe).

///

A Guarda Fiscal adquiriu 615 pistolas espanholas de fabricação espanhola, no valor de 448.950$00.

///

O «Diário do Governo» publicou hoje, em apêndice, a relação dos cidadãos portugueses falecidos no Pará durante os anos de 1952 e 1953.

///

Está aberto concurso para o provimento de lugares do quadro comum de professores de ensino profissional industrial e comercial do Ultramar.

///

O sr. dr. Eduardo Lourenço de Faria foi designado para exercer as funções de leitor de Português na Universidade de Montpellier.

///

Tomou hoje posse do cargo de comandante da Escola Prática de Infantaria, em Mafra, o sr. tenente-coronel Mário Silva, que no sábado deixara de exercer o comando do regimento de Caçadores 5.

A Mulher da Casa da

na Rua de Santo António da

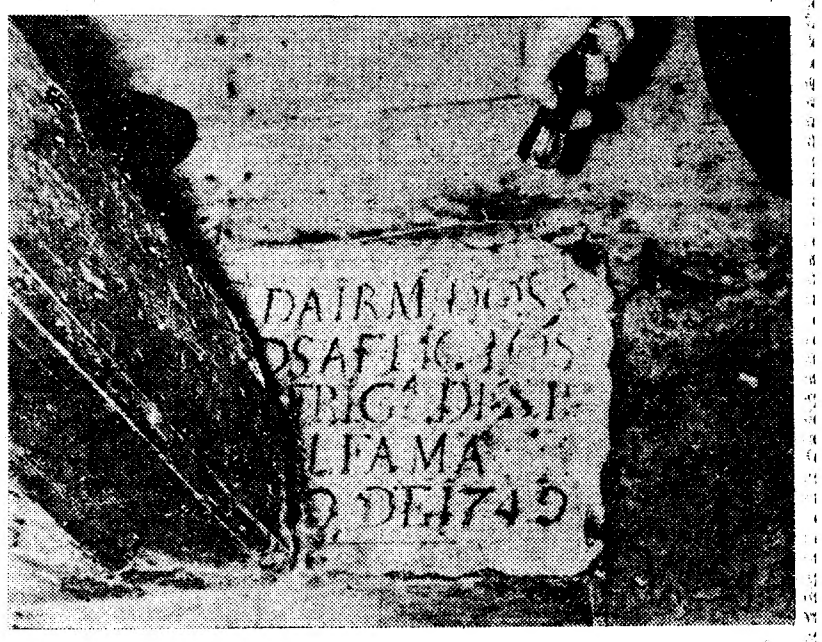
conta a história equívoca dum hipotétic

que guarda o seu segredo há

A «mulher da casa da morte» esbugalha os olhos, um arrepio agita-lhe o corpo magro e ossudo, e uma madeixa dos seus desgrenhados cabelos tomba-lhe sobre a testa pequena, sulcada de mil rugazinhas. As mãos esguias, de unhas curtas comprimem-se sobre o peito.

—Quando desviei a cadeira de rodas e descobri aquilo, fiquei a tremer, a tremer, a garganta seca, sem conseguir que um grito saltasse cá para fora.

Deixamo-nos transportar por aquele ambiente esquisito: os minusculos dois quartos sem luz eléctrica onde o sol nunca entra, o cheiro pesado a droga que paira no ar, um corpo coberto que se revolve no escuro de uma das camas, o aspecto aparentemente estranho da história que ouvíamos e esta personagem que parece inventada — fugida de um estranho conto de Edgar Poe, de Lovecraft, ou até de Kafka, olhos que rolam nas grandes órbitas onde o branco aparece, a sua fala um pouco esganiçada. Ouviamos—e tudo parecia inventado; pairava no ar uma certa irrealidade: aquela mulher, á primeira impressão, carregada de coisas secretas, aquela pequena e pobre cama de cobertas revolvidas que fora desviada e deixava aparecer uma laje de mármore, plantada no meio do chão, semi-encoberta por uma parede, aquelas letras de desenho antigo, indecifráveis á primeira vista, mas onde distinguiamos logo uma data que bailava já na nossa imaginação: *1749*. Sim tudo era estranho, como o acaso que ali nos levara: coisas do quotidiano que se descobrem lentamente, erguendo a ponta de um véu que o hábito e a indiferença, a rotina do dia a dia, quase fazem passar inapercebidos aos nossos desatentos olhos.



A pedra de mármore com a inscrição

O ministro da Defesa

presidiu à abertura do ano escolar

nos Pupilos do Exército

Com a solenidade habitual, procedeu-se, esta tarde, no Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, á abertura do novo ano lectivo, acto que teve a presença do sr. Ministro da Defesa Nacional, recebido pelos srs. coronel Cesar Oom e tenente-coronel Ferreira Gonçalves, respectivamente, director e subdirector. O batalhão escolar prestou a guarda de honra e, depois, foi passado em revista pelo coronel Santos Costa.

Seguiu-se uma sessão solene, no ginásio daquele estabelecimento de ensino, durante a qual usaram da palavra o coronel Cesar Oom, e o major Américo do Nascimento Guerra, proferindo este a oração de sapiência.

À sessão assistiram, também, numerosas pessoas das famílias dos alunos, professores do Instituto e vários oficiais do Exército, assistência que sublinhou com palmas a entrega de trinta medalhas aos alunos mais classificados e de um prémio pecuniário ao aluno Arménio Ramos Pinto Teodósio, que, no passado ano escolar, como finalista do Curso de Contabilistas, foi considerado o melhor aluno do Instituto.

Durante a sessão, o ministro da Defesa entregou também ao sr. José Rosa Junior, as insígnias de cavaleiro da Ordem de Instrução Publica, com que recentemente foi agraciado em prémio do seu esforço como mestre do ensino industrial.

Pasta Medicinal Couto
TRATA—Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA —Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA —Os micróbios da boca

GRANDE MONTRA DE LISBOA

SAVOY-
MADI
Renovou a sua ba
Chri
TALHERES E MATERIAL DE
FORTEMENTE
A MARCA DO HOTEL
Representantes-
ANTIGA CASA JO
8 a 18 — Rua Ga

Morte

Glória

túmulo

duzentos anos

A mulher gargalha. Uma garga-
ada, baixinho, para não acordar
filhinha de 6 anos, que dorme
cama ao lado. Uma gargalhada
cumplicidade, quando nos diz:
—Aqui para nós: já não tenho
edo de nada disto. Até me cha-
am a «mulher da casa da morte».
me assustei ao princípio. E,
ora, já estou habituada. Nem
m as três pancadinhas que ouço
das as noites me assusto!...

* * *

O homem, interrompeu o fio do
ntástico. Apareceu ao de cima,
escada, sólido e irritado, os pés
stados, bem assentes na soleira.
tivera, a ouvir a conversa, era
ver. E' um vizinho. Tinha um
quase colérico e vinha em man-
s de camisa, com uns suspen-
rios enormes, de florzinhas de-
hadas. Forte, de tipo sanguíneo,
nha o rosto congestionado. Que
o tinhamos o direito, que a mu-
er não nos devia ter dito nada
m avisar o senhorio, que era o
Norberto com taberna ali na
quina. Que contar o caso nos jor-
is era coisa séria. Que sim e que
mbém, dissemos nós, mas a his-
ria chegára-nos por outras mãos
que nos limitávamos a ir verifi-
r o caso. Tinha alguma coisa com
o? O homem balbucia ainda
as palavras de protesto, fecha a
rta secamente e fica-se lá para
ntro a desabafar com a mulher
impotência da sua intromissão
outros vizinhos, de uma peque-
janela que dá para o pátio in-
ior onde nos encontrávamos,
farçam ingénuamente, a sua
riosidade inventado uma peque-
tarefa que justificasse a sua
esença ali: a mulher limpa afa-
samente e aparentemente inte-
ssadissima os vidros que nem em
uitos Natais viram esfregão. E
homem afia um palito com
canivete, minuciosamente, a
etexto de lançar para o pátio as
aras...

Mas a nossa personagem faz as
nras da casa e ilude os ouvidos
s vizinhos dizendo-nos para en-
r. A porta fecha-se sobre nós,
bre a realidade exterior.

* * *

A Maria Carolina Martinho tem
na vida triste. Mais ou menos que
tras, mas, de qualquer maneira,
ste.

«Uma vida triste, sim senhor»—
ela que o confirma. Uma ligação
morosa, a ida para a Espanha,
a filho que nasce (hoje tem qua-
20 anos). A guerra civil que re-
nta. O seu alistamento como en-
rmeira, nas tropas de Franco.
is ou três anos de campanha,

(Continua na 13.ª página)

«Quando descobri aquilo fiquei a tremer, a tremer, a garganta seca...»

A acção da França

na Conferência internacional

sobre a energia atómica

por OLIVIER GUICHARD

A ideia de uma conferência internacional sobre a aplicação pacifica da energia atómica, sugerida pelo presidente Eisenhower, foi, logo de inicio, apoiada pela França, que fez parte do comité consultivo dos sete países (Estados Unidos, U. R. S. S., Reino Unido, França, Canadá, India e Brasil) encarregados de ajudar o secretário-geral das Nações Unidas, sr. Hammarskjold, na organização da conferência, tarefa que lhe fora confiada a 4 de Dezembro de 1954 por voto unanime da Assembleia Geral das Nações Unidas. Foi o sr. Bertrand Goldschmidt, director do Comissariado da Energia Atómica, quem representou a França no Comité Consultivo, cuja segunda reunião se efectuou em Paris.

Logo na primeira reunião o comité decidiu limitar a conferência ás questões puramente técnicas, deixando de lado o problema estrutural da cooperação internacional, pois a troca de dados técnicos era já de si suficiente para alcançar tal colaboração. A França procurou orientar a conferência para a questão da produção da energia, problema que até então não fora objecto de qualquer estudo internacional, e mostrou-se favorável á nomeação para presidente da conferência do prof. Bhabha, presidente da Comissão Atómica Indiana, que desempenhou este cargo com uma distinção e uma competência que a todos mereceram louvores.

No acto inaugural da conferência, o presidente do Conselho da França, Edgar Faure, dirigiu aos seus membros uma mensagem exprimindo a esperança de que a nova competição pacifica traria ao Mundo o desenvolvimento económico e o bem-estar que tantos países esperam da energia nuclear.

A presença da França verificou-se em todos os campos; a sua delegação era composta de Pierre Guillaumat, administrador-geral, delegado do Governo no C. E. A.; Francis Perrin, alto-comissário; Bertrand Goldschmidet, director do C. E. A.; Pierre Ailleret, membro do Comité da Energia Atómica, director-geral adjunto da Electricidade de França, e o prof. Bugnard, director do Instituto Nacional de Higiene. Oitenta outros peritos e delegados oficiais e perto de 200 observadores franceses foram designados ou recenseados, entre eles numerosos presidentes e directores-gerais de grandes sociedades in-

(Continua na 11.ª página)

A participação portuguesa

na feira de alimentação

que esteve aberta em Colónia

Realizou-se de 1 a 9 do corrente, em Colónia, a feira internacional de alimentação, conhecida por Feira de Anuga, com a participação de numerosos países estrangeiros.

Portugal fez-se também representar, enquadrando-se a sua representação na política de incremento das exportações estabelecida e orientada pelo sr. ministro da Economia, com a aprovação do Conselho de Ministros para o Comércio Externo.

A nossa participação foi organizada e financiada pelo Fundo de Fomento de Exportação, que enviou a Colónia o pessoal técnico necessário para prestar ao numeroso publico todos os esclarecimentos sobre os produtos expostos e sobre outros que eventualmente fossem solicitados.

No Pavilhão Português, artísticamente decorado pelo arquitecto Brandão de Carvalho, podiam ver-se os produtos portugueses mais representativos no capítulo da alimentação como vinhos do Porto e da Madeira, vinhos comuns e espumantes, aguardentes, licores, azeite, conservas de peixe, conservas de carne, melão, ananaz, nozes, amendoas, avelãs, pinhões, conservas de frutas, concentrados de tomate e outras frutas, produtos hortícolas, mel, sal, vinagre, chocolates, produtos ultramarinos (chá, café e cacau), etc., etc.

No decorrer da Feira visitaram o Pavilhão de Portugal várias altas individualidades, designadamente o ministro da Economia e subsecretário da Agricultura da Republica Federal Alemã, ministros do Comércio do México e da Checoslováquia, ministro da Agricultura da França e embaixador da Irlanda em Bonn.

No «Dia de Portugal» foi organizada uma recepção, muito concorrida e brilhantíssima. Teve a assistência do ministro de Portugal na Alemanha, sr. dr. Ferreira da Fonseca, da delegação portuguesa que se deslocou áquele país para negociar um acordo comercial, presidida pelo sr. dr. Abílio Pinto de Lemos, e de altas individualidades do Governo da Alemanha Ocidental, membros do corpo diplomático e autoridades civis de Colónia. Foi manifestado grande apreço por esta recepção, que a própria administração da Feira considerou excepcionalmente brilhante e superior ás outras manifestações do género.

Foram proporcionadas duas «provas» de produtos portugueses, uma em Colónia e outra em Hamburgo, para as quais foram convidadas individualidades do corpo consular, importadores alemães e representantes das Camaras de Comércio. Estas «provas» decorreram também com muito brilho, tendo sido justamente apreciados os nossos vinhos, ananazes, conservas e produtos ultramarinos.

A Feira de Anuga contribuiu assim para divulgar entre o povo alemão a alta qualidade dos produtos portugueses, sendo por isso de esperar que muito venha a contribuir para o desenvolvimento das nossas exportações para a Alemanha Ocidental.

Os importantes

melhoramentos

inaugurados em Viseu

Na inauguração dos importantes melhoramentos a que procedeu ontem em Viseu o sr. ministro das Obras Publicas, destaca-se o novo sistema de iluminação publica, a luz fluorescente, que foi objecto do maior aplauso e satisfação da população da cidade. De facto, esse melhoramento honra a industria nacional, que mais uma vez afirmou a sua larga competência e possibilidades. Todos os cabos eléctricos utilizados foram fornecidos pela fábrica Cabos Armados e Telefónicos (C. A. T.), a importante firma que tem o exclusivo do seu fabrico e que tem sabido corresponder ás necessidades do País.

Da sua aplicação e montagem se encarregou o sr. Justo Meneses, de Lisboa.

Bolsas de estudo

concedidas a portugueses pelo Instituto Italiano de Cultura

O Instituto Italiano de Cultura põe também este ano á disposição dos seus inscritos bolsas de estudo de Verão para períodos de um mês ou de dois meses para frequentar, nas Universidade e centros de estudo italianos em que funcionam, cursos de língua e cultura italianas para estrangeiros durante o Verão (Perugia, Roma, Florença, Veneza, etc.) Além destas bolsas de estudo reservadas aos inscritos do Instituto Italiano, outras bolsas de estudo italianas, com a duração de um ano académico, são postas á disposição, em regime de reciprocidade, do Instituto de Alta Cultura para os estudiosos portugueses que sejam vencedores do concurso que se efectua todos os anos no mesmo Instituto de Alta Cultura.

MAGNÉSIA
S. PELLEGRINO
PURGA ★ REFRESCA ★ DESINFECTA

DIA 1, FERIADO
«RIBATEJANO» - SALVATERRA
Almoço com folclore regional

HOTEL
IRA
xela preferindo
tofle.
ESA EM METAL BRANCO
PRATEADO
RO CONHECEDOR
Depositários
E ALEXANDRE
ett — Lisboa

MODERNAS CONFECÇÕES
Ouabrita
Símbolo de elegancia e economia
SEMPRE PRONTAS
A VESTIR
GÉNERO AMERICANO
Avenida João XXI, 10-D
* * *
Sucursal: Rua Tomás da Anunciação, 1-B

FIMA-FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA LDA - SACAVÉM. 54-VA-R I

Caminhando juntos!...

A ARQUIVISTA MODERNA E O SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA «SEEL VERTICAL VISÍVEL», TORNAM NUM PRAZER O QUE ERA TRABALHO FASTIDIOSO. UM SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA RACIONAL E SIMPLES, QUE LHE DÁ UM MAIOR RENDIMENTO DE TRABALHO E UM AUMENTO DE LUCROS.

FABRICAÇÃO NACIONAL
EFICIÊNCIA SÊM RIVAL

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, LDA.

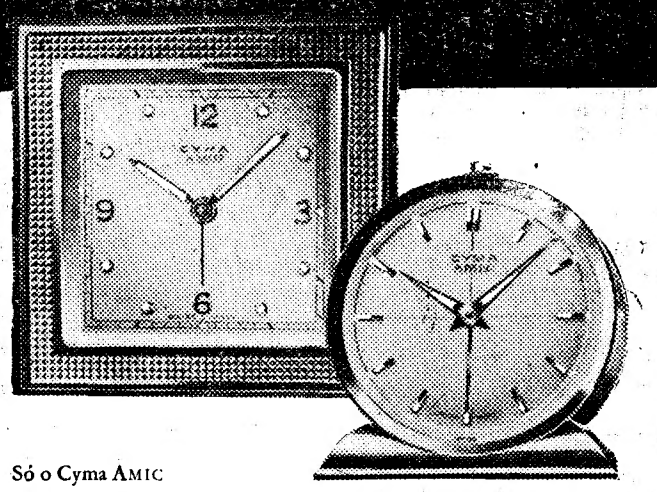
LISBOA PRAÇA DOS RESTAURADORES 53 1.º • TELEFONE 24986
PORTO A. LENCASTRE & SOUSA—R. Santo António, 216-220

Estudarás melhor tomando

MILO fornece ENERGIAS

À VENDA NAS MERCEARIAS E FARMÁCIAS

PRECIOSOS ADORNOS ...sempre úteis



Só o Cyma AMIC suporta o duro trato das viagens; e, para o lar, é tambem um encantador relogio de mesa. A chave dá corda simultaneamente ao movimento de 10 rubis e ao despertador... o indicador fixa o minuto preciso em que há-de despertar. Disponível tambem numa bonita carteira de pele para viagem

CYMA O DESPERTADOR SUIÇO DE PRECISÃO

AMIC

Dia 1 de Novembro
(Feriado Nacional)

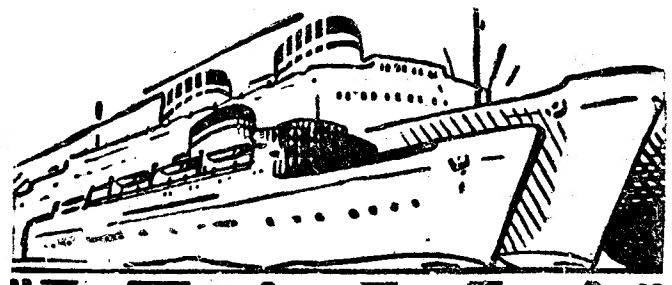
LISBOA - FATIMA

Nos Novos Auto-Pullmans

CAPRISTANOS

Preço Esc.: — 75$00

Informações:
Avenida da Liberdade, 72-A
Tel. 35505



"ITALIA"

SOCIETA DI NAVIGAZIONE

PRÓXIMAS SAIDAS

PARA:

HALIFAX e NEW YORK

«VULCANIA»
EM 4 DE NOVEMBRO

«SATURNIA»
EM 15 DE NOVEMBRO

PARA:

Tânger, Gibraltar, Barcelona, Génova, Palermo e Nápoles

"CONTE BIANCAMANO"
EM 6 DE NOVEMBRO

OS AGENTES GERAIS:
E. PINTO BASTO & C.ª LIMITADA
(Secção Maritima)
Praça Duque da Terceira, 20-26—Telef. 31581 (10 Linhas)

FEIRAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE NOVEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Novembro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende bilhetes a preços reduzidos.

RÉGUA A BAGAUSTE — Romaria a Santa Eufémia, em Bagauste, no dia 1 de Novembro.

BORBA — Feira Anual, nos dias 1 e 2 de Novembro.

MANGUALDE — Feira Anual dos Santos, no dia 6 de Novembro.

PENAFIEL — Feira Anual de São Martinho e Feira das Prendas, nos dias 10, 11 e 13 de Novembro.

PORTIMÃO — Feira de São Martinho, nos dias 11 a 13 de Novembro.

ESTREMOZ — Feira Anual de Santo André, nos dias 29 de Novembro a 1 de Dezembro.

O cartaz anunciador destes serviços especiais pode ser consultado nas estações.

A NOVA «PRINCESS 200»

A ULTIMA REVELAÇÃO DA TÉCNICA ALEMÃ

Casa Coelho Dias

Em 18 prestações mensais
Revendedor autorizado
R. dos Fanqueiros, 92, 1.º
LISBOA
(Esquina R. da Vitória)

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clínica de Necker—Paris. RINS, vias urinárias—Venereo—Sifilis. Trav. Nova de S. Domingos, 9-1.º, ás 15 horas. Telef. 29062.

A posição da França
perante os problemas nucleares

(Continuação da página central)

dustriais que participam no esforço atómico francês.

Embora a questão política não tenha sido abordada, nem durante as exposições nem durante as trocas de impressões que se seguiram, a conferência foi politicamente importante pelos numerosos contactos que suscitou. Os parlamentares franceses que assistiram ás sessões (entre outros, Jules Moch, delegado da França na Comissão do Desarmamento, e três antigos presidentes do Comité de Energia Atómica: Paul Devinat, Felix Gaillard, presidente da Comissão de Coordenação da Energia Atómica e das Investigações nucleares da Assembleia Nacional, e Henri Longchambon) apoiaram com a sua presença a delegação francesa, não lhe regateando louvores. Gaston Palewski, ministro-delegado da Presidência do Conselho, manteve-se em contacto com os principais chefes das delegações e comissões atómicas estrangeiras. Presidiu á maioria das recepções francesas, especialmente á que a delegação ofereceu a bordo de um navio que cruzava as águas francesas e suiças do lago Léman. O êxito desta festa demonstrou que a posição industrial e cientifica da França não alterou uma reputação de hospitalidade que vem de longe. Os especialistas franceses convidaram frequentemente os seus colegas estrangeiros, físicos, químicos e metalurgistas, criando assim uma corrente de contactos pessoais que contribuiu bastante para o clima de entendimento que caracterizou a conferência.

*

O Conselho da Sociedade Europeia de Energia Atómica reuniu-se igualmente durante a conferência. Esta sociedade promove encontros periódicos de informação mutua entre os representantes das comissões de 8 países europeus (Bélgica, França, Itália, Noruega, Países Baixos, Reino Unido, Suécia e Suiça). Bertrand Goldschmidt foi nomeado pera a vice-presidencia do «bureau» da sociedade que, por outro lado, convidou para o seu seio as comissões atómicas da Dinamarca e de Portugal.

*

Em Genebra, com as suas 60 comunicações, a França classificou-se fácilmente entre os 5 grandes países atómicos, isto é, entre os que eram capazes de discutir utilmente todas as questões levantadas, com os conhecimentos suficientes. As suas realizações técnicas surpreenderam, no plano industrial, a maioria dos países. A participação na exposição industrial foi particularmente apreciada e comentada pelas delegações das grandes nações ainda pouco industrializadas, e que vêem no esforço francês uma acção notável pela sua ordem de grandeza e os seus resultados. A França tem auxiilado aliás diversos países como Portugal, no plano da aparelhagem técnica, a India, no plano do fornecimento de metais preciosos, a Suécia, com a qual procedeu a estudos metalurgicos, e com outros países que adoptaram o sistema original de resfriamento da pilha de Saclay.

As comunicações apresentadas pela França na conferência atingiram um alto nivel, servindo de base a discussões técnicas que deram grande importancia á reunião.

As principais referiram-se aos estudos mistos feitos pelo E. D. F. e o C. E. A. sobre a integração da energia nuclear como meio de produção de energia em França e sobre a transformação em electricidade do calor desprendido pelas pilhas de Marcoule G-1, G-2 e G-3 que produzirão, a partir de 1958, 50.000 kws de electricidade além de 100 kgs de plutónio por ano.

A experiência adquirida sobre a transferência de calor por gás comprimido utilizada pela primeira vez no Mundo na pilha atómica de Saclay e que será utilizada em Marcoule suscitou grande interesse, tanto mais que esta solução será empregada na série de geradoras eléctricas que vão ser construidas em Inglaterra.

No campo da física nuclear, a França comunicou os resultados obtidos com fissão dos diferentes combustiveis nucleares por meio de neutrões rápidos; estes resultados que tinham sido mantidos secretos pelos grandes países foram simultaneamente publicados em Genebra, e coincidiram de forma notável com as comunicações americanas, soviéticas, inglesas e francesas.

Esta prova da ineficiência do segredo atómico apareceu igualmente no dominio químico, onde as comunicações francesas foram também de grande importancia. Um dos processos de tratamento de minérios pobres, descrito e aplicado industrialmente em França era também um dos segredos de quatro outros grandes países. A França foi o unico país a revelar pormenorizadamente o processo de extracção do plutónio por solvente, processo que deu os melhores resultados e que será aplicado em Marcoule.

As contribuições francesas no campo dos rádio-elementos artificiais foram numerosas e interessantes, especialmente ás relativas á biologia e á terapêutica. Citemos apenas o problema da acção biológica de doses fracas de radiações ionisantes e o emprego do radiofosfato de crómio coloidal no tratamento dos tumores malignos.

*

Ao mesmo tempo que a conferência realizaram-se duas exposições em Genebra; uma no Palácio das Nações, de caracter cientifico, foi apresentada pelas Comissões atómicas dos «5 grandes» (U. S. A., U. R. S. S., Reino Unido, França, Canadá); a outra, muito mais vasta, no Palácio das Exposições, chamada «Exposição Industrial», apresentava as realizações industriais de grande numero de países. Participaram desta ultima 43 industriais franceses, reunidos em volta da maqueta dos Reatores de Marcoule e da da Fábrica de tratamento do combustivel irradiado, ambas particularmente apreciadas.

*

Presente desde o inicio, a França afirmou-se, nos diversos aspectos da conferência, como uma das grandes potências atómicas do Mundo. Resultado animador para todos os que contribuiram para que o país ocupasse este lugar; resultado normal se se pensa que a França não se deixa distanciar em tudo o que diz respeito ao progresso cientifico.

OLIVIER GUICHARD

Casino do Estoril
TEL. 130
HOJE — No «*Wonder-Bar*»
Jantares — Ceias — Baile
Consumo, min.. 40$00—Adultos
— *QUINTA-FEIRA* —
ESTREIA da artista francesa
MERIBETH OLD
do «Nouvelle Eve» de Paris
Conjuntos *MARIO SIMÕES*
e *OLIVER*

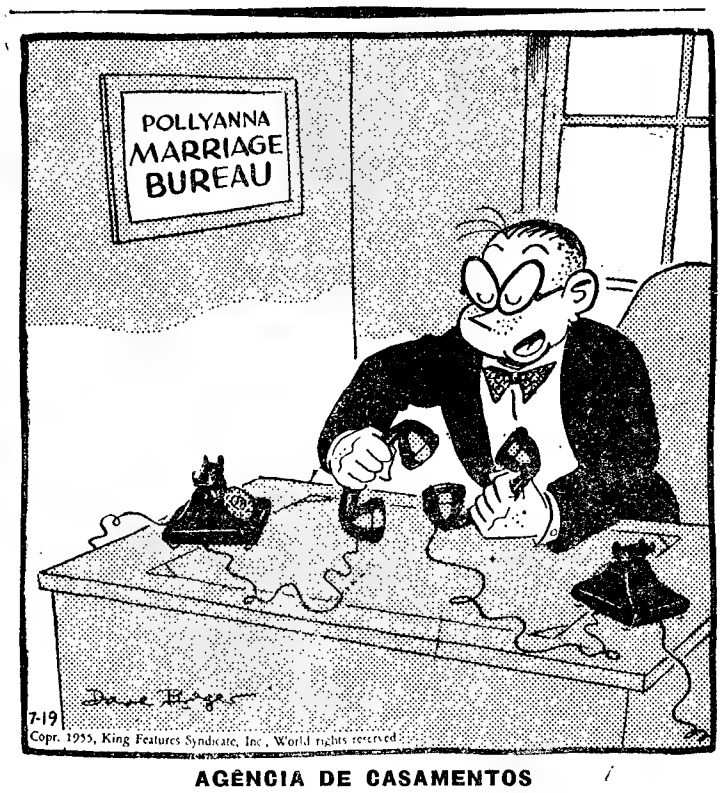
GOLFE

Valorosos campeões
vêm jogar no Estoril de 4 a 6 de Novembro

O golfe português está de parabens. Dentro de poucos dias, a contar de 4 do próximo mês e durante três dias, vão exibir-se no magnífico campo do Estoril, no decurso do 3.º Campeonato Aberto de Portugal, alguns campeões de grande classe, que vêm propositadamente ao nosso País participar no importante certame que a Federação Portuguesa de Golfe promove, com o patrocínio do sr ministro da Educação Nacional e da Junta de Turismo de Cascais e com a colaboração da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol e do Clube de Golfe do Estoril.

A prova é jogada em 72 buracos: 18 no primeiro e segundo dias e 36 no terceiro. O êxito alcançado nos dois ultimos anos é garantia segura de uma competição de excepcional categoria. Desportivamente nada mais se poderia exigir em face do lote de concorrentes: o belga Flory van Douck, o italiano Alfonso Angelini, os espanhóis Angel Miguel, Carlos Celles e Sebastian Miguel, os ingleses J. Jowle, D. C. Thomas, N. Sutton, A. Stickley, Eric Lester e R. Frost, o profissional que no Estoril leciona os sócios do C. G. E. e o francês Jean Ado. Os melhores jogadores portugueses e o profissional João Feliciano alinharão ao lado dos amadores Henri de Lamaze, M. Bardane, Tissies, Conrad, M. Levy, F. de Smet e J. de Smet, formando um lote de que não desdenhariam os principais centros mundiais do golfe.

O valor desta organização nos aspectos desportivo, mundano e turístico é inestimável e não pode deixar de ser devidamente considerado. Portugal enfileira, assim, ao lado de todos os outros países.



AGÊNCIA DE CASAMENTOS

—É o senhor Silva, que tem muito prazer em falar com a menina Maria...

A O.N.U. contribuiu
para o desanuviamento *da situação internacional*

por JACQUES KAISER

Há alguns meses, realizava-se em San Francisco da Colifórnia uma sessão extraordinária das Nações Unidas. Fora essa sessão convocada com urgência, não por causa de algum agravamento da situação internacional, mas pela vontade de vários Estados, desejosos de celebrarem com todo o brilho o 10.º aniversário da Carta.

Pronunciaram-se discursos solenes; fizeram-se balanços, positivos, negativos ou equilibrados consoante as tendências e os interesses diplomáticos dos diferentes oradores, quase sempre ministros dos Negócios Estranros em exercício; formularam-se votos unanimes pelo futuro da instituição; mas a importancia real da sessão residiu nos contactos pessoais, estabelecidos ou renovados, entre as diferentes delegações, e principalmente entre os respectivos chefes.

Estes contactos confirmavam a impressão de relaxamento nervoso, de alivio, que já por mais de uma vez se manifestara em reuniões semelhantes. Melhor, acentuavam essa impressão de desanuviamento e possibilitavam ou apressavam alguns passos favoráveis ao reforço da paz.

Os adversários das Nações Unidas e os eternos cépticos vêem-se forçados a reconhecer que, embora a O. N. U. não seja nem a causa nem o agente desse desanuviamento, facilitou-o grandemente, fornecendo-lhe ocasiões de se preparar e de se afirmar, pondo á sua disposição facilidades técnicas sem as quais muitas vezes as melhores intenções ficam platónicas.

A Conferência dos Quatro Grandes não veio de modo algum afectar a organização internacional que é a O. N. U., uma vez que se desenrolou em Genebra, no centro europeu das Nações Unidas, e que respeitou a função e a personalidade do secretário-geral, o sr. Hammarskjold.

A O. N. U. encontra-se permanentemente perante problemas que não póde resolver e que, ano após ano, reaparecem na sua ordem do dia. Entre eles avultam o do desarmamento e o da utilização da energia atómica para fins pacíficos. As soluções destes problemas são directamente função de um eventual acordo dos «Quatro Grandes», que muito contribuiria para dissipar a tensão internacional.

Parecem, todavia, mais próximas as soluções de outros problemas com incidências políticas de menor envergadura. O obstáculo da desconfiança e o complexo que consiste em tomar por fraqueza certas concessões oportunas diminuiram consideràvelmente de importancia. Refiro-me em especial á irritante questão da admissão de novos membros. Uma visão realista das coisas deveria levar a admitir que a colaboração de todos os Estados existentes, quaisquer que sejam os seus regimes, servirá a causa da paz e que essa colaboração em parte alguma pode ser melhor e mais fácilmente preparada que no clima das Nações Unidas e através dos seus diversos organismos.

De facto, o desejo de abrandamento da tensão internacional manifestado pelos «Quatro Grandes» acarretou um relaxamento apreciável das medidas administrativas que paralisavam o intercambio de pessoas, impedindo, por conseguinte, todo e qualquer progresso no caminho da compreensão mutua. As visitas espectaculares ou discretas, individuais ou colectivas, que, no decurso deste Verão, se fizeram dos dois lados da chamada «Cortina de Ferro», foram o resultado imediato desta vontade oficial de desanuviamento. A amplitude e o exito dessas visitas foram tais que desde já podem inscrever-se entre os factores decisivos que transformaram o clima internacional. Basta, para de tal nos convencermos, ler as narrativas feitas nos países interessados pelos viajantes em questão, relatando espontanea e sinceramente as impressões que experimentaram circulando livremente através de países que, pouco tempo antes, lhes eram ainda interditos.

No espaço de alguns meses deu-se assim uma evolução de tal ordem que seria agora muito difícil voltar atrás. Fora possível anteriormente convencer certos povos de que outros viviam num inferno e só pensavam numa guerra de agressão. Tal não voltará a ser possivel de futuro, logo que o muro da ignorancia seja definitivamente destruído e que numerosas testemunhas, insuspeitas de preconceitos e de parcialidade, atestem a não existência de razões válidas de ódio ou de alarme.

As deliberações das Nações Unidas beneficiarão desta situação, pois as aproximações referidas podem influir em teses que até agora se têm afrontado obstinadamente. Perante a relativa facilidade com que a opinião mundial evoluiu no decurso da Primavera e do Verão, pode acaso admitir-se que os governos pretendam que os seus povos os não seguiriam, se eles avançassem no caminho da paz? São, pelo contrário, esses mesmos povos que empurram os seus governos nesse sentido, com evidente satisfação.

JACQUUES KAYSER

O «Bartolomeu Dias»
chega amanhã ao Tejo

Entra amanhã, no Tejo, de regresso de Londres, aonde conduziu o chefe do Estado e a sua comitiva, o «aviso» de 1.ª classe «Bartolomeu Dias», do comando do sr. capitão-de-mar-e-guerra Sarmento Rodrigues.

Com o «aviso» «Bartolomeu Dias» viajam os contratorpedeiros «Lima» e «Vouga», os quais, com o contratorpedeiro «Tejo», constituiram a escolta do navio presidencial. A chegada ao Tejo está prevista para as 15 horas, devendo os navios atracar ao cais da Base Naval do Alfeite.

O «Tejo» vai entrar na doca seca em Chatham

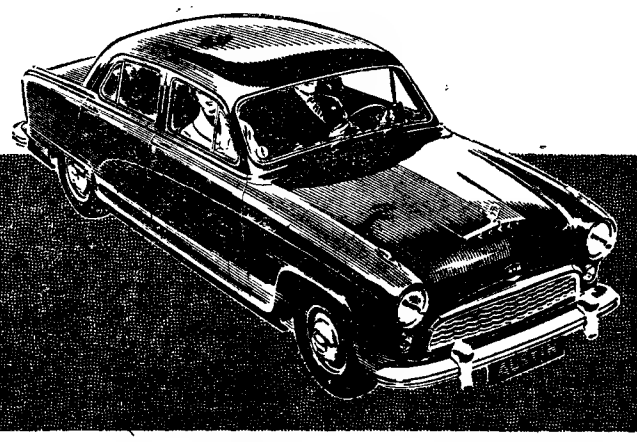
LONDRES, 31—O contratorpedeiro «Tejo» está em Sheerness a descarregar munições, a fim de poder entrar na doca seca dos estaleiros de Chatham. Os oficiais portugueses ainda não podem avaliar a extensão dos danos sofridos pelo seu navio devido ao encalhe.—(Ani).

Empreitadas a concurso
na Camara Municipal de Lisboa

A Camara Municipal de Lisboa abriu concursos para arrematação da empreitada do arranjo dos estabelecimentos de carvoaria e mercearia no Mercado do Bairro da Boa Vista, cujas obras estão orçadas em 54.195$00; beneficiação e limpeza nos balneários do Alto da Serafina e de Alcantara, obras estas orçadas em 95.124$00; construção de ossários no cemitério do Alto de S. João, com a base de licitação de 382.110$00, e a empreitada de diversas obras interiores no edifício da Rua Gomes Freire, 90 a 94, para instalação de serviços municipais, orçadas em 365.030$00.

Também foram postas a concurso as empreitadas para a demolição dos edifícios do antigo Matadouro Municipal. 2.ª, 3.ª e 4.ª fase, cujas obras estão orçadas respectivamente em 216.128$00, 264.674$00 e 312.840$00. As propostas são abertas no Pavilhão dos Desportos, no próximo dia 17, ás 15 e 30.

AUSTIN A50 «CAMBRIDGE»



UM NOME COM PRESTÍGIO TEM A MAIOR IMPORTÂNCIA: SIGNIFICA EXPERIÊNCIA COROADA DE ÊXITO

PROCURE CONHECER AS RAZÕES DESSE EXITO EXPERIMENTANDO O NOVO MODELO DA AUSTIN

A 50 CAMBRIDGE

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS.
LISBOA — ÉVORA — PORTO — AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

Sociedade Geral

Para: **S. VICENTE, PRAIA** e **BISSAU**

N/M «ALFREDO DA SILVA» em 10/11/55
(VIA LEIXOES)
Carrega para Bissau em 7 e para C. Verde em 8 de Novembro
Carga Frigorifica no dia 9 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª. 2.ª e 3.ª classes

N/M «ANA MAFALDA» em 25/11/55
(VIA LEIXOES e FUNCHAL)
Carrega para Bissau em 22 e para C. Verde em 23 de Novembro
Carga frigorifica no dia 24 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª. 2.ª e 3.ª classes

Para: **LUANDA, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M «RITA MARIA» em 21/11/55
Carrega em Lisboa nos dias 17, 18 e 19 de Novembro
Carga Frigorifica no dia 19 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª. 2.ª e 3.ª classes

Para: **C. VERDE, PRINCIPE, S. TOMÉ; LANDANA** (se convier), **AMBRIZ, LUANDA, P. AMBOIM, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M «BELAS» em 10/11/55
Carrega em Lisboa de 7 a 9 de Novembro
Carrega em Leixões nos dias 5 e 6 de Novembro
Passageiros de 1.ª classe

Para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, N. REDONDO, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M «ANDULO» em 30/12/55
(Via Leixões)
Carrega em Lisboa de 22 a 28 de Dezembro
Carga Frigorifica no dia 29
Passageiros de 1.ª classe

Para: **MATADI, LUANDA, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

A' carga em Hamburgo, Bremen e Anvers

N/M «AMBRIZETE»
De 12 a 27 de Outubro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 2 de Novembro

N/M «BRAGA»
De 4 a 16 de Novembro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 22 de Novembro

N/M «BORBA»
De 23 de Novembro a 7 de Dezembro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 13 de Dezembro

N/M «BRAGANÇA»
De 18 a 30 de Dezembro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 5 de Janeiro

Todos estes navios recebem em Lisboa passageiros de 1.ª classe para Matadi

Para: **ANVERS, ROTTERDAM** (se convier), **BREMEN** e **HAMBURGO**

A' CARGA NOS PORTOS DE ANGOLA

N/M «ARRAIOLOS»
De 31 de Outubro a 17 de Novembro

N/M «AMBRIZETE»
De 18 de Novembro a 2 de Dezembro

N/M «BRAGA»
de 12 a 25 de Dezembro

N/M «BORBA»
De 31 de Dezembro a 17 de Janeiro

Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens.

TRATAR EM:
LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Tel. 26314/5
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Tel 27363

Uma nova fórmula de espuma de creme permite-lhe escanhoar-se sem irritar a pele

Amolece a barba ensopando-a mais, e protege a pele mais sensível, mediante um ingrediente de especial poder de penetração.

Se de há muito procura um creme para a barba que lhe permita escanhoar-se — agradàvelmente — e tanto quanto é necessário, AQUI O TEM!

Primeiro, porque a nova fórmula penetrante do Creme de Barbear de Luxo Williams, torna a água pràticamente «mais molhada», e amolece rápida e completamente as barbas mais rijas. Por consequência, pode escanhoar-se melhor e com mais asseio, tendo a certeza maravilhosa de que a lâmina não irritará a pele. Por outro lado, tanto a barba feita como a lâmina duram mais tempo.

Segundo, porque o novo Creme de Barbear de Luxo Williams tem o efeito suavizante que é exclusivo do Extracto de Lanolina, que protege e amacia o rosto sensível ao barbear diário, contribuindo para evitar que a pele seque e esfarele, e impedindo que os óleos naturais da pele sejam eliminados.

Compre o novo Creme de Barbear de Luxo Williams, e poderá escanhoar-se com uma sensação de frescura e bem-estar inimaginável. É mais um magnífico produto Williams.

Caminhos de Ferro

Utilização do apeadeiro de Sanfins

A C. P. tornou publico que o comboio n.º 831, a partir de 1 de Novembro próximo, passa a efectuar paragem no apeadeiro de Sanfins — linha de Espinho a Viseu — ás 19 e 8, quando houver passageiros para embarcar ou desembarcar.

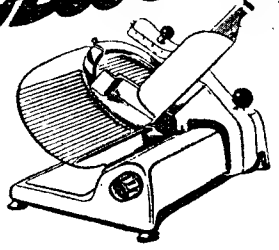
ROWENTA-SNIP

O acendedor ETERNO, com GARANTIA da Fábrica

* Cabeça MONOBLOCO substituivel
* Automático — SEMPRE PRONTO
* Depósito G A S O LINA de grande capacidade
* 20 cm. MECHA
* Desenhos VARIADOS

DISTRIBUIDORES:
VASCONCELOS & F. PINTO, L.DA
Rua dos Fanqueiros, 65 — Telefone 28422 — LISBOA

Bizerba



Cortadora Alemã de alta qualidade, totalmente inoxidável, corte perfeito, sem desperdícios de todas as carnes.

*

Representante exclusivo:
Almeida & Viana Lda.
Rua das Flores, 94
Telef. 28932

LEIAM O sempre fixe

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

MATEMATICA NA PRIMAVERA

Condensação do conto de **Florentino Soria**

TRAÇANDO numeros na ardósia explicava o teorema o professor, já com cabelos brancos e pouco mais de quarenta anos. Depois, através dos oculos, olhou a lista da classe e chamou ao acaso. — Maria Luísa de la Torre.

Levantou-se um rapariga loura, assustada.

— Repita o que expliquei.

A rapariga lançou um olhar consternado ás colegas, dirigindo-se para a ardósia e, tremendo-lhe o giz nas mãos, começou a escrever numeros. Depois deteve-se.

— Continue, continue! — disse o professor.

A rapariga abaixou a cabeça, mordeu as unhas, e hesitou.

Pela janela aberta entrava então, naquela manhã, a Primavera, Céu azul árvores a florescer e um coro de vozes infantis no jardim vizinho. O professor olhou a janela, ouviu a canção, e deteve-se, mas apenas por segundos, voltando á realidade, envergonhado da distracção.

— Continue, continue...

A rapariga permanecia hesitante, agora olhando o tecto, como que buscando a inspiração, e espreitando a classe em angustiosos S. O. S.

— Confesse, não sabe. — concluiu o professor.

Ela abaixou a cabeça, envergonhada.

Ele olhou-a então, como se a janela e a canção o tivessem acordado. Era muito bonita.

Dezoito anos talvez, cheios de graça. Tinha um ar ingénuo, olhos claros. O vestido era primaveril, claro, como a cor dos seus olhos.

O professor dulcificou a voz.

— Sente-se.

Um raio de sol penetrou na aula, mancha alegre de luz, mensagem da Primavera.

O professor desceu do estrado e aproximou-se da janela. Respirou profundamente, olhou o azul do Céu e as árvores do jardim vizinho.

As raparigas cuchichavam, e ele voltou-se.

— Chegou a Primavera — disse.

E as raparigas, sem compreenderem a relação que poderia haver entre a Primavera e a Matemática, concordaram.

Eram raparigas bonitas, ou assim pareceram então ao professor, confuso porque todas o olhavam espantadas. Depois, olhou o relógio, as raparigas e a janela, e disse:

— Ainda não é a hora de acabar a lição, mas podem ir tomar o sol.

A inesperada ordem foi acolhida com alegria, e o professor saiu entre o jubilo daquelas raparigas felizes por recuperarem a liberdade.

Ele encontrou-se também na rua e tomou pelo jardim vizinho, iluminado por um sol alegre. Respirou a plenos pulmões o perfume das acácias que o embriagavam numa doçura inefável.

Absorto, naquela deliciosa inactividade, caminhava sem direcção determinada. Mas, ali, a dois passos, estava a rapariga que momentos antes chamara á pedra. Voltou a cabeça ao ouvir os passos do professor, corou, e levantou-se num cumprimento respeitoso. Ele andou alguns passos mais, espreitou-a, e os olhares de ambos encontraram-se, chocaram-se. Foi um segundo apenas.

Disfarçando, ele sentou-se num banco, pensando que dali a poderia ver, fingindo querer descansar. Viu que ela lia um livro, e que a poderia olhar sem ser visto; mas, e se ela levantava os olhos do livro e o surpreendia olhando-a? Tirou da algibeira um jornal com que se poderia cobrir, fingindo que o lia, e olhava-a á vontade.

Ela, inesperadamente, levantou os olhos do livro, e procurou-o com a vista. Ele tapou-se mais com o jornal, envergonhado.

— Na minha idade, é uma vergonha; mas, porque não lhe hei-de falar? Que lhe direi? Posso perguntar-lhe o que lê, mas pode ser um livro de estudo, e recordar-lhe a lição da manhã.

Posso falar-lhe do tempo. Depois reagiu, desistiu do que era impróprio da sua idade.

— Quarenta, e ela não terá ainda vinte. — pensou, tirando-se anos para os dar a ela — Enfim, a diferença não é assim tão grande. Decididamente, vou-lhe falar.—Guardou o jornal, apertou a gravata e...

Era tarde. Um rapaz, ligeiro e sorridente, já se sentava junto á rapariga, e falava-lhe apressada e alegremente. Ela devia ter-lhe apontado a presença do professor, porque ambos se levantaram e, de mãos dadas, perderam-se na sombra das árvores.

Deixou de os ver, mas ainda ouviu uma risada feminina que lhe doeu na alma. Encontrou-se só, esquecido. Recordou a sua juventude trabalhosa, os seus primeiros tempos de professor, a cobardia de então, ante o amor, com ordenado que lhe não chegaria para manter um mulher. Agora ganhava mais, poderia talvez; mas, a Frimavera chegara tarde para ele...

Uma pedra «tumular» na Rua de St.º António da Glória

(Continuação da página central)

onde aprendeu a «lição da vida», como nos diz, vendo e ouvindo os homens, acompanhando e vivendo a luta dia a dia, vendo-os sofrer e morrer, auscultando de perto a dor e a alegria nos mais transcendentes momentos, a miséria e o fausto, nas horas boas e más,— anos que a envelheceram precocemente, que aos quarenta e poucos anos lhe dão este rosto apagado e cansado, de vincos amargos, a tremura das mãos, o coxear da perna ligada, sabe-se lá com que doença.

E' uma mulher de vivências irregulares. Nas suas palavras aparece uma sensibilidade que nem a miséria apagou. «*Tenho o exame de instrução primária, sim senhor, mas aprendi mais umas coisitas*», diz-nos, aconchegando o roupão sobre o peito plano, num gesto nervoso. «*Mas a vida tem sido uma malvada comigo*». Os seus olhos perdem-se pelas pobres paredes, como em busca de uma sombra, de coisa fugidia que os nossos olhos não podem aperceber. «*Uma malvada. Malvada, sim senhor*», repete como que para si própria, apenas.

Veio de Espanha no fim da guerra. O que lhe ficou? Uns livre-transitos para correr de um lado para o outro nos hospitais de campanha. «*para ajudar os que sofriam*», papeis que o tempo se encarregou de desfazer. «*Perdi-os, caíram de velhos. Ainda há pouco tempo tinha um pedaço de um deles. Perco tudo. Tenho perdido tudo neste borborinho desta vida*». A voz assobia-lhe nos poucos dentes que lhe restam. «*Sim, senhor, vim para Lisboa, depois. Sabe lá o que tem sido a minha vida. Tanta coisa má que até já me esqueci.* Ele *fugiu-me um dia com uma francesa. Nunca mais lhe pus a vista em cima*». Murmura imperceptivelmente uma praga, com um trejeito. Alisa os cabelos escorridos. «*Não vale a pena contar. Depois... Depois... Foram anos e anos que passaram. Mas não interessa. Vim para aqui. A dona da casa alugava-me um dos quartitos. Vivia sózinha. Sim, já morreu. Há doze dias. E faz seis meses que vivo nesta casa e agora já me chamam aí na rua a «mulher da casa da morte»*.

* * *

A velha, doente, deitada na cama, num dos cantos de um dos minusculos quartinhos, sobreergueu-se e disse-lhe: «ó senhora Maria, não lave o chão. Não lave, não lave!». E começou a chorar.

A Maria Carolina deitou para o lado o esfregão, limpou as mãos ao avental: «Mas porque é que não hei-de lavar o chão? A senhora está doente e já não pode fazer estes trabalhos. Deixe-me cá, que eu trato disso». A velha chorava, ainda. «Ai, senhora Maria, olhe que é melhor para si não lavar». Começou a rezar. A Maria Carolina olhava espantada. «Mas que bicho lhe mordeu?». Pensou para consigo que deviam ser esquisitices da velha, já estava meia zuca, ali metida há tantos anos. «Olhe, lavo e lavo mesmo». E a outra a dar-lhe: «Valha-me a Senhora dos Aflitos».

Pegou no balde, piscando os olhos na obscuridade do quarto. Aos pés da cama estava a cadeira de rodas que fora do marido. Ia pegar nela para a mudar e passar por ali o pano. A velha redobrou o choro: «Ai, não mexa nessa cadeira, pela alma da sua filhinha». A Maria Carolina pensou: «Aqui há coisa».

«Olhe, minha senhora, vou lavar isto tudo!». A outra estava numa aflição. «Ai, venha cá, que eu prefiro contar-lhe tudo. Eu vou contar-lhe tudo, mas pelas alminhas não diga a ninguém».

A Maria Carolina limpou com a mão o rosto suado, aproximou-se da cama, sentou-se. A outra agarrou-lhe nas mãos. As lágrimas corriam-lhe pela cara. Respirava a custo, agitada. Na obscuridade, a Maria Carolina mal lhe distinguia o rosto. Começou a falar-lhe num murmurio entrecortado de suspiros. «Eu não lhe queria dizer isto, mas tem de ser. Eu vou morrer e a senhora Maria, que tem sido sempre boa para mim, tem de ficar a saber». Fez um silêncio, puxou de um velho rosário e disse ainda mais baixo, aproximando-se do rosto da outra: «Senhora Maria, esta casa tem maldição. Já aqui me morreu o meu homem e depois um hóspede. E agora vou morrer eu». A Maria Carolina sentiu um arrepiu na espinha. A outra continuou: «E sabe porquê, sabe? Porque temos uma sepultura cá em casa. Ali, ali!». Apontou com o dedo trémulo para o local onde estava a cadeira de rodas. «Ali, ali, debaixo da cadeira de rodas!», desabafou num grito.

A Maria Carolina andou na guerra e não é assustadiça. «História da velha», pensou. «E eu a acreditar». Levantou-se decidida. Pegou na cadeira de rodas. Estava meio emperrada e guinchou. Há anos que não era usada. Olhou para o chão mas com a escuridão não via nada. Foi buscar uma vela. Pôs-se de joelhos. A chama tremeu: a tremura das mãos da Maria Carolina quando viu, ali, debaixo dos olhos, uma pedra de mármore branco, com letras; uma inscrição que não decifrava mas onde viu aquela data: 1749. *Uma pedra de uma sepultura, pensou. A vela caiu-lhe das mãos. A velha morreu no dia seguinte.*

...C DA IRM. DADE
DOS AFLICTOS
...FRIGa DESP...
...LFAMA
...O DE 1749

* * *

À luz da nossa lampada eléctrica de bolso era esta a inscrição visível na laje. O restante estava encoberto por uma das paredes, que apanha um bom bocado de mármore. Esta tem cerca de 70X50 centímetros.

E, afinal, tudo era bem claro.

Dissemos á Maria Carolina que aquilo não nos parecia ser pedra de tumulo. De resto, na inscrição pode ler-se (ou deduzir): «IRMANDADE... DOS AFLITOS). Mas a imaginação da hóspede da casa recusa-se a aceitar a explicação que damos: «Ai, meu querido senhor, ali diz não sei quê, da Célinha. Devia ser alguma menina que ali foi enterrada. Isto aqui, antigamente foi um convento. Quer ver?».

Saímos para o pátio, situado ao fundo de um corredor que comunica directamente com a Rua de Santo António da Glória. Existem ali, realmente, umas arcarias e uma determinada disposição das construções, que parece remontar há mais de duzentos anos. O chão da casa que visitamos é térreo e, embora parte do lajedo se encontre rodeada por um sobrado, há uma outra parte mais extensa, de pedra e, também, semi-encoberta por uma das paredes.

A Maria Carolina não aceita a nossa explicação. «*Pois se eu, depois da velhinha morrer, ouço todas as noites três pancadinhas ali na laje! Três pancadinhas espaçadas, como quem bate* com a *mão...*».

Dissemos-lhe que isso é produto da imaginação. Que a imaginação pode muito: fazer ver e ouvir coisas que, na realidade, não se passam. «Ah, mas eu não me importo nada!»—diz-nos ela. «Eu já tenho visto tanta coisa que já nem tenho medo. E, de resto, dentro de dias devo saír. Têm vindo cá um advogado e a Polícia porque há qualquer coisa com as rendas da casa. Mas a velha morreu, eu era hóspeda. Saio para o mês que vem. Olhe, isso é que me preocupa. Não sei para onde hei-de ir. Mas que há qualquer coisa nesta casa, isso há».

A casa é escura; está num pátiozinho acanhado e cheira mal. O Sol nunca ali entra e os que nele vivem nem sempre têm o prato cheio. Esta tendência para o fantástico macabro é o produto directo do pessimismo diário e do ambiente. E é o velho mitò do culto mortuário, o reverso da medalha do cancioneiro popular.

Ali, na Rua de Santo António da Glória, a história do hipotético tumulo já correu de boca em boca. Dizem que é a «sepultura da Célinha», personagem distante, vagamente romantica, de menina de gente rica que foi enterrada no «convento». Nunca se pensa o oposto: que poderia não ser aquilo, mas outra coisa. Mas não: é a atracção mordente das coisa secretas, o fantástico da morte, das ossadas, das pedras tumulares, do além, das aparições, a «*morbidezza*», tão arreigada ao folclore íntimo do povo. Os prédios de grandes janelas, com ar, sol e luz, paredes caiadas, são irreconciliáveis com estes velhos mitos... Estas *acontecem* sempre nas ruas escusas, nas casas miseráveis ou em ruínas (símbolo de morte) onde uma espécie de noite permanente é como que uma cortina a encobrir as verdadeiras realidades do dia-a-dia...

* * *

Respira-se de novo — mas é na rua. O cheiro a gasolina queimada até parece um perfume. Emergimos deste pedacinho de fantástico numa manhã lisboeta, num bairro, numa rua de Lisboa. Até a chuva é uma realidade que sabe bem. E, além disso, rega as hortas, os campos. Mas, ao mesmo tempo, como podemos ignorar o que vimos? Não o fantástico de um tumulo que não o é, mas o significado da história desta mulher—«a mulher casa da morte!»—desta vida aos baldões da sorte, do acaso, que agarra, frenèticamente, um símbolo—agarra-se a ele e embala-o nos braços, como á filha que, descuidada, brinca na obscuridade da casa e, ainda ignorante, desafia o segredo dos adultos sentando-se junto á laje misteriosa e abrindo para nós o seu sorriso lindo e triste de menina que não tem brinquedos...

Reclamações locais

Os C. T. T. retiram telefones instalados há 18 anos

GONDOMAR, 28 — O lugar de Sante, deste concelho, está práticamente isolado do resto do País, em consequência de os C. T. T. terem retirado os seis telefones da A. P. T. do Porto instalados ali há 18 anos, pois só agora se reconheceu que a área em que se encontravam, por uma diferença de 5 metros (?), está fora do limite da concessão daquela companhia. Os assinantes locais enviaram uma exposição ao sr. ministro das Comunicações, com o objectivo de pedir ao Governo providências para tão angustiante situação. Enquanto as linhas do Estado não chegarem áquele lugar, e atendendo ao isolamento a que fica sujeito, pois é apenas servido por uma unica carreira de camionagem, era justo que se mantivessem instalados os aparelhos da Companhia dos Telefones do Porto.

Pavia não tem azeite nem petróleo

ÉVORA, 28 — Esgotadas as reservas de azeite dos produtores da respectiva região, a vila e freguesia de Pavia têm lutado ultimamente com notória falta deste produto indispensável. O petróleo também tem faltado.

O lugar de Torcatas não tem mercado

TORCATAS (PRAGAL), 29 — A população deste lugar, que aumentou muito nestes ultimos tempos, aguarda que o Município de Almada resolva com a possível urgência o ambicionado problema do mercado de Torcatas, que ao mesmo tempo favoreceria os habitantes da sede do concelho, cuja mercado, em determinadas ocasiões, já não comporta o grande movimento resultante do desenvolvimento populacional.

DE LUTO

António de Abreu

Na sua residência, em Aicôbaça, faleceu o sr. António de Abreu, subchefe reformado da P. S. P., de 83 anos, casado com a sr.ª D. Modesta dos Santos Abreu e pai das sr.as D. Miquelina de Abreu Piedade, casada com o sr. Filipe Serrano Piedade, proprietário, D. Maria da Luz Abreu Rodrigues, casada com o sr. Carlos Augusto Rodrigues, comerciante; D. Valentina Abreu Cesário, casada com o sr. Joaquim dos Santos Cesário, empregado no comércio em Alcobaça, e do sr. Alberto Abreu, linotipista do jornal «Diário de Notícias», casado com a sr.ª D. Regina da Silva Abreu. O funeral, a cargo da Agência Magno, efectuou-se hoje, ás 16 horas, da capela do cemitério dos Prazeres para jazigo no mesmo cemitério.

Domingos Gonçalves Palha

Com 76 anos, faleceu o sr. Domingos Gonçalves Palha, natural de Braga, casado com a sr.ª D. Ernestina de Sousa Palha. O funeral, a cargo da Agência Magno, efectuou-se hoje, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério dos Prazeres.

Maria da Saudade Nunes Veiga

A bordo do paquete «Pátria», vindos de Lourenço Marques com destino ao cemitério do Couto do Mosteiro, Santa Comba Dão, chegaram hoje os restos mortais da sr.ª D. Maria da Saudade Nunes Veiga, de 46 anos, natural de Santa Comba Dão.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Telefs. 43189 - 43180 - 55301
62772 - CC 22—R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A
Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

Ora bem, faça como eu:

USE OMO, O MÁGICO PÓ AZUL QUE PRODUZ MONTANHAS DE ESPUMA!

Desde que lave a sua roupa na espuma activa do OMO, toda a sujidade se desliga do tecido e fica em suspensão na água. Quanto mais a água se torna escura, mais a sua roupa se torna branca e limpa. Ela causa a admiração das suas amigas, e o vosso orgulho. Ela tem a brancura OMO!

PACOTE GRANDE 8$00

PACOTE MÉDIO 4$50

OMO LAVA MAIS BRANCO!

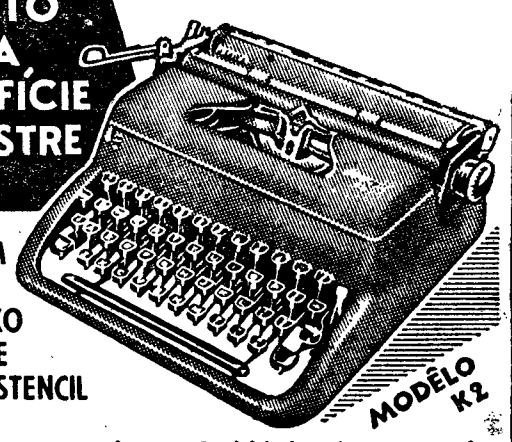
55-OM-04 INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA-SACAVÉM

8.849 m

Everest

O MAIS ELEVADO PONTO DA SUPERFÍCIE TERRESTRE

EXPOENTE MAIS ALTO DA TÉCNICA MODERNA DE MÁQUINAS DE ESCREVER

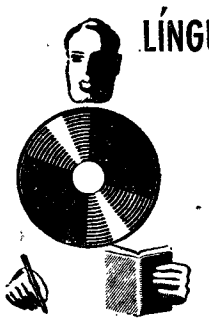


- PORTÁTIL COM TABULADOR
- ESTOJO DE LUXO
- FITA BICOLOR E GRAVAÇÃO DE STENCIL

Demonstrações sem compromisso e facilidades de pagamento

Representantes Exclusivos
AGENCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
Escritório: Rua Pinheiro Chagas, 1-1.º
Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 37
Telefone P. P. C. A. 59181 (3 linhas)—Lisboa

COM ASSIMIL NÃO HÁ LÍNGUA DIFÍCIL



Alemão
Francês
Inglês
Italiano
Russo, etc.

O método eficiente para cada idioma

Oiça-o e compare-o com qualquer outro método

Peça uma demonstração na casa

Custódio Cardoso Pereira & C.ª
R. do Garmo, 11 LISBOA

TRANSPORTES "TRAGEL"

TRAGEL

O COMPLEMENTO SEGURO DE TODAS AS TRANSACÇÕES

EM LISBOA E PARA TODO O PAÍS

RUA ZAIRE, 17-B — LISBOA
TELEFONES 54912 - 58542

CARTUCHOS ALEMÃES
IMPERMEABILIZADOS
DOS AFAMADOS
CARTUCHOS

IMS RWS SINOXID

O CARTUCHO DOS TIROS PERFEITOS

Fulminante totalmente anticorrosivo

Estes cartuchos apresentam a **NOVIDADE** do tubo de cartão ser feito de pasta de papel, extraída de uma madeira especial, o que permite que o calibre não se altere com diferenças de temperatura.

UM EXCLUSIVO DE

A. M. SILVA
ARMEIRO
R. da Betesga, 1 — LISBOA — Tel. PBX 31313/14

ARMAS — MUNIÇÕES: vendendo as melhores desde há muitos anos
Com os nossos cartuchos carregados atiram as melhores «espingardas» do País

LEIAM O sempre fixe

DIARIO DE LISBOA

CARTAZ DO DIA

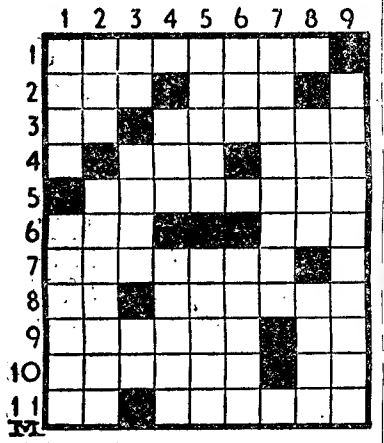
TEATROS

TRINDADE—A's 21 e 45—«Quando a verdade mente».
MONUMENTAL—As 20.45 e 22.45—«Melodias de Lisboa».
MARIA VITORIA—As 20.30 e 22.45—«Festa é festa!».
COLISEU—A's 21 e 30—«Barbeiro de Sevilha».

CINEMAS

TIVOLI—«O Mundo é das mulheres».
S. LUIS—«Frou-Frou».
SÃO JORGE—«Svengali».
EDEN—«Viagem em Itália».
POLITEAMA—«Estes homens são perigosos».
MONUMENTAL — «20.000 léguas submarinas».
IMPÉRIO—«Melodia interrompida».
CONDES—«O conde de Monte Cristo».
ALVALADE—«Frou-Frou».
ODEON e ROYAL—Diabruras de amor».
PALACIO—«Piedade para os que caem».
CAPITOLIO—«O preço da glória».
OLIMPIA—«O ultimo bandoleiro».
TERRASSE—«Ulisses».
LYS—«A grande ofensiva».
PROMOTORA—«Rapariga da Província».
JARDIM—«Patrulha de cavalaria».
IDEAL—«A ilha do pecado».
RESTELO—«O jardim do Diabo».

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVÉRBIO)
Problema n.º 341



HORIZONTAIS: 1—Elogio. 2—Recusa. Rio da Russia, afluente do mar de Azov. 3—Porco. Lugar onde se passam acções notáveis ou qualquer acontecimento. 4—Cincho. Chefe etíope. 5—Galhofes. 6—Em companhia. Transpire. 7—Gravoso. 8—Idem (ábrev.). Inscreve. 9—Realidades. Prefixo que designa direcção. 10—Globo. Poeira. 11—Apenas. Graves.

VERTICAIS: 1 — Diante. Patadas. 2—Sustento. Humanitário. 3—O dormir dos pequeninos. Equipe. Pequena ilha francesa no Mediterraneo, famosa pela prisão de Estado ali existente num castelo mandado construir por Francisco I. 4—Prefixo que designa três. Toques de leve. 5—Lugar onde, em Atenas, se faziam ouvir os poetas e os musicos. Interjeição de afirmação e satisfação. 6—Um dos distritos do Estado português na India. Tributar com sisa. 7 — Metediços. 8—Vassourou o forno depois de aquecido. Cobre. 9—Tranquilos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 340

HORIZONTAIS: 1—Roeu. Levo. 2—ENTRE. Ir. 3—Pactuem. 4—Ag. IRMÃOS. 5—Sr. Copos. 6—Sova. Assa. 7—Içar. Eu. 8—NÃO. Vil. 9—Orco. Sena. 10—Sua. METAS. 11—AS. Eros.

VERTICAIS: 1—Repassados. 2—Onagro. Rua. 3—Etc. Vincas. 4—Urticação. 5—Euro. Ao. Me. 6—Empar. Ser. 7—MÃOS. Veto. 8—Vi. Osseinas. 9—Oras. Aulas.

(Provérbio: ENTRE IRMÃOS NÃO METAS AS MÃOS).

Blusas
Casacos
NOVOS MODELOS
TORRE EIFFEL
104—RUA DO CARMO—106

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Danças; 18 e 45, Cançonetas; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 50, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A»—Ás 19, Noticiário; 19 e 5, Alegria no Trabalho; 19 e 30, Recreio musical; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Orquestras típicas; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos de piano; 21 e 30, 19.º episódio da adaptação radiofónica do romance de Alexandre Dumas «O Conde de Monte Cristo»; 21 e 50, Passatempo musical; 22 e 20, Poesia, musica e sonho; 22 e 50, Musica ligeira sinfónica; 23 e 20, Danças 23 e 50, Junção dos emissores.

Programa «B»—Ás 19, «6.ª Sinfonia», de Prokofieff; 19 e 40, Três peças para piano, Roussel; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Os grandes musicos, Respighi, programa comentado; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, «Lamento de Ariana», da ópera «Ariana», por Elisabeth Hongen; 21 e 30, Concerto sinfónico; no intervalo do concerto, ás 22, Crónica semanal; 22 e 50, Recital de violino, por Lidia de Carvalho Conceição; 23 e 20, Canções, pelo tenor Ejörling; 23 e 50, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Musica de dança; 18 e 30, Cançonetas; 19, Asas; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Musica do Brasil; 20 e 30, Musica portuguesa; 21, Festa brava; 21 e 30, Panorama musical; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 24, Musica de dança; 0 e 30, Noticiário; 0 e 35, Ritmos de baile; 0 e 55, Amanhã: 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22, Clube Radiofónico de Portugal; das 22 e 1, Voz de Lisboa.

VINHOS DA MADEIRA
«BLANDY»
Representantes:
BLANDY BROTHER'S & C.ª, L.da
RUA VICTOR CORDON, 31
Tels. 26163 - 35142 - 26166

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — O tempo, em Portugal continental, está a ser influenciado por uma massa de ar instável, transportada na circulação de uma depressão, localizada a Este de Barcelona.

PREVISÃO ATE' A'S 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu de nebulosidade variável. Vento fraco a bonançoso de Norte, a Nortedo rio Tejo e bonançoso a moderado a Sul do mesmo rio. Possibilidade de aguaceiros e períodos de chuva fraca. Temperatura sem alteração apreciável.

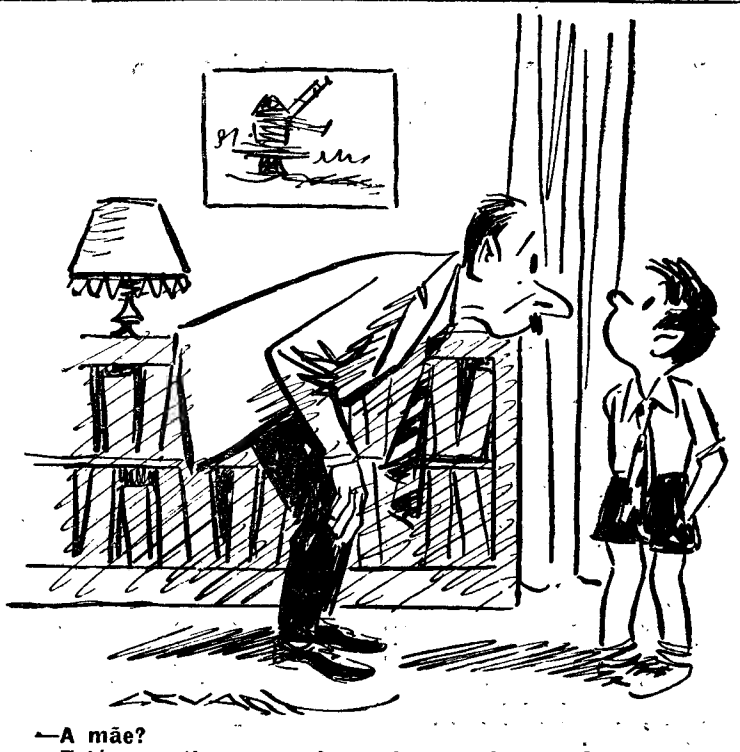
HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 31 de Outubro de 1925 tratava em fundo do caso da renuncia do Chefe do Estado, dizendo: «O sr. Teixeira Gomes quer ir-se embora, desgostoso com os homens, porque estes o não compreenderam, e aborrecido consigo mesmo, porque não conseguiu tornar-se compreensível».

A ultima página era também dedicada ao caso do dia, e com o seguinte título: «O Chefe do Estado não renunciará antes das eleições».

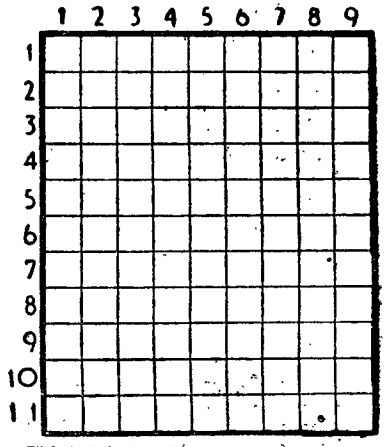
FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO G—Marques—Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Alegria — Estrada de Benfica, 277-C-281, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Cabrita—Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil—Av. da Igreja, 9-D—Sítio de Alvalade—Tel. 778380; Bentozinho — Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; Garantia — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3/A — ao Areeiro — Tel. 777300; Jaime Mendonça—Av. Duque de Avila, 125, Tel. 45225; Ducal —Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Ascenso—R. 27, 41—Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Grilo, Rua do Grilo, 25; Frazão—R. da Cruz de Santa Apolónia, 90-92, Tel. 847019; Ziler—Rua de S. Tomé, 54-56, Tel. 22835; Central da Penha—Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 849245; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. 840703; Vitalis — Rua Morais Soares, 66-A, Tel. 848011; Pancada, Lda., Suc.—Rua Rebelo da Silva, 9, Tel. 43340; Confiança—Avenida Almirante Reis, 46, Tel. 42453; J. Ribeiro, Lda.—Largo das Olarias, 33, Tel. 28843; Albano— Rua da Escola Politécnica, 59, Tel. 26750; Salutar —Rua B, 75-A/B—Bairro da Liberdade—Tel. 53694; Pinto—Rua de Campolide, 11, Tel. 49210; Almeida — Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 663226; União — Rua Saraiva de Carvalho, 119, Tel. 663643; Restelo (Do)—Rua Duarte Pacheco Pereira, lote Pedrouços; S. Jerónimo—R. dos Jerónimos, 8-C, Tel. 638916; Biotifar — Rua D. João de Castro, 27-B, Tel. 638824; Botanico-Química, Lda.—Rua da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Bairrão—Rua Prior do Crato, 25, Tel. 661321; Eduardo A. César — Rua das Trinas, 102, Tel. 662631; Moz Teixeira—Rua do Poço dos Negros, 115, Tel. 653961; Galénica — Rua das Pretas, 12-14, Tel. 22588; Azevedo, Filhos—Praça D. Pedro IV (Rossio), 31, Telefone 27478-A.



—A mãe?
—Está a vestir-se para ir comigo ao cinema. O pai quer que lhe peça para o levar?

PALAVRAS CRUZADAS
NOVA MODALIDADE
Problema n.º 1357



HORIZONTAIS: 1 — Gelos. 2 — Resumo. 3—Desprovida de tecido adiposo. 4—Canhamo de Manila. Corrente de água natural e abundante. Nota musical. 5—Ferro endurecido. Progenitor. 6—Impugnado. 7—Pertencia. Ribeira que concorre para a formação do Sorraia. 8—Além. Falsas. Apelido. 9—Nome de cineneu que ajudou Cristo a levar a cruz. 10—Pessoa mal-dizente (fig.). 11—Ingerisseis alimentos.

VERTICAIS: 1—Pálida. 2—Campeão. Amola. Porco. 3—Alcool de melaço. Vazia. Preposição que designa falta. 4—Gostar muito de. Tenda. 5—Andáramos apreensivos. 6—Vagabundeio. Substancias resultantes da combinação dum ácido com uma base química. 7—Mulher bíblica a que Camões se refere num dos seus mais belos sonetos. Utensílios. Reze. 8 — O sono das crianças. Canção popular (pl.). Nesse lugar. 9—O chefe.

Solução do problema n.º 1356

HORIZONTAIS: 1—Barca. Ara. 2—El. Arabes. 3—Agá. 4—Sua. 5—Contamina. 6—Olhar. Mim. 7—Avô. Amo. 8—Pá. Ar. 9—Ala. Meã. 10—Raimundo. 11—Assas. Iça.

VERTICAIS: 1—Bem. Compara. 2—Al. Sol. Alas. 3—Cunha. Ais. 4—Cá. Atava. Má. 5—Ara. Aro. Mus. 6—Agem. Iem. 7—Aba. Imã. Adi. 8—Ré. Anima. Oc. 9—Asa. Amora.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Comp.	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	878$00	877$00	878$00
Cons. 3 % T. 10	944$00	943$50	—
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	1.019$00	1.020$00
Centenários 4 % 1940	2.275$00	2.270$00	2.280$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	980$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	980$00	978$00	986$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	980$00	978$00	980$00
Externo 1.ª série	—	1.262$00	—
Ext.ª 1.ª série car.	—	1.262$00	1.266$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	1.400$00
Ext.ª 3.ª série car.	1.410$00	—	1.410$00
Caut. 3.ª série. s/juro	187$00	186$00	188$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	520$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	109$50	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	975$00	977$00
Gás Elect. 4 %	—	993$00	995$00
Gás Elect. 4 1/2 %	—	—	—
Gás Elect. 5 %	—	1.048$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	96$50	98$00
U. E. P. 4 % 1948	—	96$50	98$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	97$00	—
U. E. P. 5 % 1951	—	102$00	—
U. E. P. 5 % 1952	—	102$00	—
Metropolitano	1.030$00	1.025$00	—
Acções			
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	780$00	800$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Bancos			
Alentejo	—	495$00	510$00
Angola	1.160$00	1.155$00	1.160$00
Espírito Santo	—	8.775$00	9.000$00
Lisboa & Açores	—	2.990$00	—
Portugal	2.490$00	2.485$00	2.500$00
Ultramarino	950$00	945$00	955$00
C.ª Diversas			
Aguas Lisboa 1934	—	222$00	235$00
Aguas Lisboa 1936	—	209$00	—
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	480$00	488$00
Crédito Predial	68$20	68$20	68$30
Electr. das Beiras	—	1.560$00	1.570$00
Gás e Electricidade	324$50	324$00	325$00
H. Alto Alentejo	154$00	153$50	154$00
H. E. Cávado	1.810$00	1.809$00	1.813$00
H. E. Zêzere	1.600$00	1.595$00	1.605$00

C.ª Diversas	Efec.	Comp.	Venda
Industrial Aliança	380$00	370$00	390$00
Portugal e Colónias	—	450$00	470$00
Nac. de Electricidade	1.725$00	1.720$00	1.725$00
Nacional Navegação	—	1.810$00	1.820$00
Colonial Navegação	740$00	735$00	745$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	477$00	476$50	478$00
Tabacos de Portugal	—	615$00	625$00
União Elect. Port.	—	249$00	250$00
C.ª Ultramarinas			
Ag. Cassequel	2.265$00	2.265$00	2.266$00
Ag. das Neves	—	1.600$00	—
Agric. Colonial	1.095$00	1.090$00	1.100$00
Açucar de Angola	—	350$00	—
Boror	—	631$00	635$00
Cabinda	—	447$00	450$00
Colonial do Buzi	411$00	411$00	411$50
Ilha do Principe	—	3.050$00	3.150$00
Moçambique	187$50	187$50	188$00
Zambézia	253$00	252$50	253$50
Incomati	4.735$00	4.730$00	4.770$00
Cádá	—	4.600$00	4.630$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAÍSES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$00	77$00
Alemanha	6$80	6$95
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000	28$70	29$00
Argentina	1$05	1$10
Bélgica	$57	$58
Brasil	$42	$45
Congo Belga	$56	$57
Dinamarca	3$95	4$20
Espanha	$65,5	$66.5
França	$07,4	$07.6
Holanda	7$35	7$55
Inglaterra	75$75	76$75
Itália	$04.5	$04.7
Marrocos	$07.3	$07.6
Noruega	3$50	3$75
Suécia	5$30	5$60
Suiça	6$72	6$82
Uruguay	7$70	8$20
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	265$00	275$00
Portugal — Barra	33$20	33$70
Portugal — Barra Fino	33$40	33$90

J. BURNAY, LDA.
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
TELEF. 21273

Leiam o jornal humoristico
«SEMPRE FIXE»

Os Três Ocidentais

reuniram-se esta manhã

a discussão incidiu sobre os temas do Médio-Oriente

(Continuação da 1.ª página)

niões ocidentais seria uma reafirmação pelos ministros dos Negócios Estrangeiros do compromisso das três potências de 1950 de acção contra qualquer violação do armistício entre os Árabes e Israel.

Harold Mac Millan, Antoine Pinay e Foster Dulles reunem-se de manhã para discutir a crise do Médio Oriente, poucas horas antes de iniciarem com Molotov a quarta sessão da conferência dos «Quatro Grandes».

Moshe Sharett, primeiro-ministro israelita, encontrar-se esta tarde pela primeira vez com Molotov. Círculos autorizados disseram que ele informaria Molotov do choque sofrido pelo seu país pelo envio de armas checoslovacas ao Egipto, seu vizinho árabe hostil. Espera-se que se encontre mais tarde com Mac Millan.

Círculos da conferência esperam que Molotov declare que considera o contrato checoslovaco-egípcio uma transacção comercial normal, mas que não dará esperanças de poderem ser postas armas soviéticas á disposição de Israel.

Sharett regressa amanhã de avião a Jerusalem. Foi-lhe declarado ontem por Dulles que os Estados Unidos estavam decididos a evitar a continuação da corrida aos armamentos entre Árabes e Israelitas, mas que Washington consideraria «com simpatia» um pedido de abastecimentos defensivos.

Mahmoud Fawzy, ministro dos Negócios Estrangeiros do Egipto, regressa hoje de avião de Zurich ao Cairo, depois de ter travado consultas urgentes com representantes diplomáticos egípcios na Europa. Ignora-se se representantes Europa. Ao contrário do que constou, não virá a Genebra, para conferenciar com os «Quatro Grandes»

Na sua reunião desta manhã, os ministros ocidentais tratarão, também, da táctica a seguir nas negociações com Molotov acerca de segurança europeia e unidade alemã. Dulles preside hoje á sessão dos «Quatro Grandes», que se iniciará com breve discussão sobre a forma de reduzir barreiras á maior amizade, comércio e entendimento entre os povos da Russia e do Ocidente. A conferência nomeará, depois, uma comissão de peritos para estudar os problemas inerentes á questão e fazer recomendações.

Espera-se que Molotov apresente propostas complementares do seu plano para uma aliança por 50 anos contra agressão de todos os países europeus.

Sharett visitará esta noite o secretário dos Negócios Estrangeiros britanico, segundo anunciou um informador. Será a segunda discussão do primeiro-ministro israelita com Mac Millan sobre a crise no Médio Oriente. A visita desta noite será feita pouco depois da conferência de Sharett com Molotov.—(Reuter).

Reunião dos Três Ocidentais

GENEBRA, 31 — O ministro dos Negócios Estrangeiros francês chegou de Paris esta manhã.

três ministros ocidentais reuniram-se ás 10 horas nos aposentos de Foster Dulles, no Hotel du Rhône. A reunião terminou ás 11 e 30, e a discussão versou sobre as questões do Médio Oriente e a preparação da sessão dos «Quatro», hoje á tarde.

No que respeita á questão alemã, entende-se do lado ocidental que cabe agora a Molotov a vez de expor o seu ponto de vista sobre a reunificação da Alemanha. Exclui-se que as potências ocidentais aceitem pôr o problema de parte e limitar a discussão á questão da segurança.

A's 15 horas, realiza-se a quarta sessão da Conferência dos Quatro. Começar-se-á pelo ponto 13.º da agenda que ainda não foi abordado. Trata-se das relações Leste-Oeste, isto é, das medidas que poderiam tornar a famosa Cortina de Ferro, progressivamente mais permeável. As mais substanciais dessas medidas são as que devem facilitar as trocas comerciais.

Os ministros esperam chegar fácilmente a acordo sobre as linhas gerais. Incumbirão depois os especialistas de apresentar propostas concretas, e só voltarão a tratar do assunto na fase final da conferência. Hoje, depois de abordarem o ponto 3.º os quatro ministros voltarão ao ponto 1.º, o unico de que trataram até agora e que diz respeito á segurança europeia e á reunificação da Alemanha.

Terminada a sessão plenária, Molotov recebe o presidente do Conselho de Israel, Moshe Sharett e a seguir vai á residência de Foster Dulles, que o convidou para jantar, primeira manifestação de cortesia desta conferência. E o dia remata com o encontro Sharett-Mac Millan, ás 21 e 30. O chefe do Governo de Israel regressa a Tel Aviv amanhã.—(F. P.).

Comentários americanos

NOVA YORK, 31. — «O espírito de Genebra está a desaparecer» é o título de um artigo de fundo do «New York Herald Tribune» acerca das ultimas declarações de Molotov quanto á Alemanha e á segurança europeia. O editorialista escreve: «A declaração de Molotov é tamanha afronta á inteligencia dos ministros ocidentais que não admira que a temperatura tenha baixado consideràvelmente na conferência. Enquanto a União Soviética se agarrar a ideias semelhantes, nada se poderá fazer pela negociação sobre os principais assuntos tratados em Genebra».—(F. P.).

Comentários alemães

BONN, 31. — A unica esperança que a Alemanha pode ainda assentar na Conferencia de Genebra é que a discussão dos quatro ministros talvez permita descobrir alguns pontos comuns e salvar assim o espírito de Genebra — é a opinião dos fundistas dos jornais da Alemanha ocidental.

O «Frankfurter Rundschau», de tendência social-democrática, concui do ultimo discurso de Molotov que os Soviéticos apenas aceitariam a reunificação se toda a Alemanha aceitasse um regime comunista.

O órgão social-democrático «Neue Rheinzeitung» salienta igualmente a impossibilidade de conciliar os planos do Ocidente e da U. R. S. S. no que respeita a Alemanha. «O abismo que separa os pontos de vista sobre os problemas concretos, acentua aquele jornal, é tão fundo como na Conferencia de Berlim de Fevereiro de 1954. Os dois planos em presença nem sequer apresentam pontos de aproximação». — (F. P.).

A viagem de Dulles comentada pelo «Hoja del Lunes»

MADRID, 31—O unico jornal que se publica á segunda-feira em Madrid, o «Hoja del Lunes», comenta brevemente a visita de Foster Dulles á capital espanhola: «Em presença das perspectivas difíceis do Mundo, escreve, a aliança da Espanha e dos Estados Unidos representa um forte e positivo instrumento de paz e defesa da civilização cristã que nos é comum».

A «Hoja del Lunes» prossegue: «E' evidente que sejam quais forem os assuntos a discutir, esta aliança será reforçada pelas conversações que Foster Dulles tiver com o Caudilho e os diversos ministros do seu Governo».—(F. P.).

A Islandia viu-se distinguida e contemplada este ano com o Prémio Nobel da Literatura, na pessoa de Halldar Kilian Laxness, de 53 anos, aqui presente a receber pelo telefone a boa nova que nesse dia fez correr o seu nome pelos sete cantinhos das partidas do Mundo

Trasbordou

um rio em Marrocos

e há dezenas *de mortos e feridos*

CASABLANCA, 31 — Um rio em cheia trasbordou na região de Settat, entre Casablanca e Marraquexe. Algumas pessoas foram arrastadas pelas águas. Contaram-se já 23 mórtos e há ainda numerosos cadáveres entre os destroços provocados pela cheia.

Foi em resultado de violentíssimas trovoadas e chuvas sucessivas que o ued Bu Mussa, que começara a engrossar ao meio-dia, trasbordou furiosamente pouco depois das 16 horas, provocando a inudação catastrófica de que foi vítima a vila de Settat.

A torrente lamacenta invadiu a povoação e os arredores, devastando tudo na sua passagem. As águas recuaram tão rápidamente como tinham avançado, uma vez completada a obra destruidora. Settat apresenta agora um espectáculo desolador. O bairro judeu está soterrado por 15 metros de lama. O bairro europeu também sofreu grandes estragos. Abateram algumas casas e, numa avenida, ainda se vêm dois automóveis que, levantados do solo pela violência da corrente, ficaram presos ás árvores. Mas os prejuizos são principalmente consideráveis na medina, contando-se elevado numero de vítimas, sobretudo crianças.—(F. P.).

O temporal em Málaga

MALAGA (Espanha), 31 — Três mortos, 5.000 pessoas sem tecto e prejuizos consideráveis—é o balanço dos violentos temporais que ontem e anteontem varreram a zona costeira meridional espanhola. — (France Presse).

O rio Manzanares

vai passar a ser navegável

MADRID, 31—O Manzanares, aprendiz de rio, de que se dizia ter de ser regado no Verão para não levantar poeira, vai ser um autêntico rio mediante um sistema de represas que lhe regularão o nível de águas. O Manzanares passará, deste modo, a ser navegável, em onze quilómetros, em torno de Madrid, por pequenas embarcações, espectáculo inédito que poderá ser apreciado das margens, num passeio com gradeamento de ferro sobre pilastras de granito. Esta nova atracção turística de Madrid estará em comunicação com as estradas que vão a Toledo, á Corunha e a Sevilha.—(Efe).

O sultão exilado

regressou hoje a França

e regressará em breve ao trono de Marrocos

NICE, 31.—O avião que trouxe Sidi Mohamed Ben Yussef, sua familia e comitiva para França poisou esta madrugada no aeródromo de Nice. Henri Yrissou, chefe do gabinete de Antoine Pinay, foi o primeiro a entrar a bordo para cumprimentar o antigo sultão. A conversa durou vinte minutos.

Depois, Sidi Mohamed Ben Yussef, com uma djelaba cinzenta, saiu do aparelho e encaminhou-se para os salões do aeroporto, onde foi recebido com gritos de «Viva o soberano! Viva Ben Yusef!» pelos membros das diversas delegações marroquinas que se encontravam, com muitos jornalistas, no restaurante.

O antigo soberano, acompanhado pelos principes e as princesas da sua casa, deu uma entrevista de 15 minuitos aos representantes da Imprensa. Nessa altura, não fez qualquer declaração; os fotógrafos e cineastas trabalharam á vontade.

Um pouco depois, fez ao enviado especial da France Presse a seguinte declaração:

«Estou muito penhorado com a maneira como fui recebido á chegada a França. E' com prazer muito grande que volto a este país, onde aguardarei o regresso, em breve, a Marrocos».—(F. P.).

O presidente do Conselho do Trono vai conferenciar com Ben Youssef

RABAT, 31. — El Mokri, presidente do Conselho do Trono marroquino, embarcou hoje num avião para a França, onde travará conversações com o Governo francês acerca do regresso ao trono do ex-sultão Ben Youssef. El Mokri, cuja idade é calculada entre 108 e 112 anos, era acompanhado por outros conselheiros, que conferenciarão com Ben Youssef, regressado hoje de Madagascar á França.

Centenas de milhares de marroquinos ouviram o relato pela rádio da chegada do ex-sultão á Riviera francesa. Operários industriais marroquinos, em Casabranca, recusaram-se hoje a regressar ao trabalho depois dos três dias de comemoração do regresso de Ben Youssef de Madagascar. Declararam aos patrões que comemorariam o regresso de Ben Youssef, prolongando as suas férias até, pelo menos, quarta-feira. São afectadas várias fábricas pela decisão.

Representantes de organizações hebraicas de Marrocos, em Rabat, pediram para o Governo francês fazer voltar ao trono Ben Yussef.

Doze marroquinos ficaram feridos quando um desconhecido lançou uma granada no meio de 50 marroquinos que bebiam café num terraço, em Fez, na noite passada.

Em Rabat, ontem, foi lançada uma granada de um automóvel que passava contra um grupo de soldados franceses, em frente da Camara de Comércio, no bairro europeu. Ficaram feridos dois soldados.—(Reuter).

Vaga de frio na Suecia

e na Austria

ESTOCOLMO, 31. — A vaga de frio que passa sobre a Suécia há dois dias bateu, no centro do país, o «record» do Inverno de 1941, considerado muito rigoroso. Na província de Norrland, o termómetro desceu a noite passada a 29° negativos. — (F. P.).

*

VIENA, 31. — O frio apareceu na Austria e pela primeira vez, este Outono o termometro desceu abaixo de 0. Registaram-se temperaturas de 2° a 10° negativos em várias regiões do país e, em Viena, 5° abaixo de zero. — (F. P.).

O debate

sobre a reforma eleitoral prosseguiu hoje no Parlamento francês

PARIS, 31 — A Assembleia Nacional francesa, após uma sessão que durou noventa minutos, para considerar qual o sistema de votação que deve ser utilizado para a realização de eleições em Dezembro, decidiu esta manhã por uma votação de braços levantados adiar os trabalhos para a tarde. O adiamento tem por finalidade permitir aos partidos considerarem as suas atitudes.

Ao abrir o segundo dia de debate, o radical Emile Hughes propôs um sistema de votação por departamentos com os candidatos agrupados em listas dos partidos.

Edgar Faure encontrou-se ao começo da tarde com os membros do seu Gabinete para discutirem o debate. Na reunião, os ministros mostraram-se profundamente divididos entre partidários do sistema de antes da guerra e partidários de completa representação proporcional.

Faure ofereceu hoje um almoço aos chefes de todos os partidos do seu Governo, numa tentativa para ver se será oportuno o momento para um compromisso. Se não se chegar a esse compromisso, antes do fim do debate, que poderá ainda arrastar-se por alguns dias, o plano governamental de eleições antecipadas estará em perigo.

Foram apresentadas nada menos de seis propostas de sistemas eleitorais. Duas foram já rejeitadas.

A Assembleia debateu hoje uma terceira sugestão, que representa o sistema existente menos a muito criticada característica de alianças sob as quais partidos «aliados» obtêm mais de 50 por cento dos votos e conseguem todos os lugares no círculo eleitoral contestado. —(R.).

*

PARIS, 31.—Passada a primeira jornada do debate da Assembleia Nacional sobre as questões eleitorais, são muitos os observadores a pensar que a data de Dezembro proposta pelo Governo poderá ser, finalmente, aceite no termo de uma batalha tão confusa como renhida.

Foram ontem rejeitados diversos contra-projectos relativos ao sistema eleitoral. A Comissão do Sufrágio Universal, depois de rejeitar os projectos que lhe foram apresentados, pronunciou-se a favor da representação proporcional integral, mas os observadores crêem tratar-se de uma atitude de expectativa: o escrutínio por bairro em duas votações talvez disponha de uma pequena maioria parlamentar, contando além disso com a simpatia de muitos senadores.

E' possível que outra modalidade de escrutínio venha a contar com uma maioria: o de 1951 (escrutínio de lista departamental, numa só votação), mas isto só depois de revogada a lei das alianças. Neste caso, se uma lista obtem a maioria absoluta, dispõe de todos os mandatos; se nenhuma lista obtem a maioria, os mandatos são repartidos proporcionalmente.—(F. P.).

Palm Beach
Praia da Conceição—Cascais
Aberto todo o ano com esmerado serviço de
Almoços — Chás — Jantares
E
Ceias à Americana
Serviço especial de banquetes
Aos domingos chás dançantes

...SÓ QUERO...
...VINHOS
MESSIAS
POR SEREM BONS

DIA 1, FERIADO
«RIBATEJANO» - SALVATERRA
Almoço com folclore regional

«RIBATEJANO»
SALVATERRA DE MAGOS, Telef. 14
Amanhã, almoço com folclore pelos ranchos «Os CAMPINOS» e Pescadores «OS AVIEIROS»
Ementa: Fataça á Ribatejano, caldeirada de irozes, ensopado de enguia á fragateiro, pescada á Setubalense, linguado á Miramar, arroz de frango á Ribatejano, dobrada á moda do Porto, febras de porco na braza, bife á cortador, etc.

Desportos
Diario de Lisbôa

«BOLA PARA O AR»

Fernandes, elevando-se bem, remata de cabeça, sem perigo, por entre Celestino e Palma. O guarda-redes, atento, faz a defesa sem dificuldades

por *Tavares da Silva*

Julgávamos que o encontro dos Arcos, o qual tinha no placard *o sinal de luta nivelada, poderia ser um* bom espectáculo, *pois a C.U.F. deu-nos na sessão de quarta-feira contra o Grupo Nacional a sugestão de equipa ligada e de várias fontes nos vinha a informação de que o Vitória estava em forma. A sugestão de presenciar um bom espectáculo, repetimos, e ainda outras razões que não interessam para o caso, levou-nos, esperançados, á terra das laranjas, donde têm saído* jogadores de estirpe *e que ainda hoje os produz, embora em menor numero.*

Se é certo que, para quem gosta da bola, há sempre a perspectiva de descobrir, mesmo num desafio mau, ou melhor, mal jogado, vários aspectos curiosos, que, portanto, o entretêm suficientemente, temos de afirmar que desta vez não conseguimos fazer farta recolha desses motivos.

A recolha de aspectos agradáveis

Agradou-nos, sem duvida, a agilidade e o desembaraço do de-

(Continuação da 3.ª página)

Uma atitude curiosa e acrobática de José Pereira, guarda-redes belenenses, dando a impressão de que pretendia medir a altura a que a bola rematada por Rosário passou, indo anichar-se no fundo da baliza, dando assim o unico golo aos alcantarenses

NO CAMPO «D. MANUEL DE MELO»

Labareda de energias

e... pouco mais!

O Barreirense perdeu dois pontos em casa, mas pode alegar que o infortunio o perseguiu. E assim foi — em parte. Quando conseguiu sacudir a pressão inicial do Sporting, que entrou no desafio a toda a velocidade, viu o seu avançado-centro falhar infantilmente um golo, atirando ao lado numa altura em que Carlos Gomes estava fora das balizas, e viu ainda a bola ir duas vezes embater no poste. Foram lances de infelicidade, tanto mais que a sua pressão era ainda

(Continua na página seguinte)

Sempre que no futebol português, seja em que clube for, aparece um novo jogador, com qualidades, de modo a prever-se que será um dia figura, a sua aparição deve ser saudada com jubilo pela crítica, pois o jogo, como todas as actividades, afinal, precisa de ser renovado nos seus valores. Ora, José Augusto, o novo extremo-direito do Barreirense, deu ontem muito nas vistas, além de ser o autor dos dois golos da sua equipa — dada a rapidez acutilante da sua manobra. E' um rapaz de jogo fino e limpo, de asas nos pés, com carradas de intuição para o lugar. Dá gosto vê-lo jogar! Alto e magro, de passada descontraida, foi sempre um quebra-cabeças para Pacheco. José Augusto, eis um valor que desponta, e oxalá que o rapaz tenha força de vontade para se treinar devidamente a fim de atingir o plano que as suas magnificas qualidades deixam prever!

Correia disparou perigoso remate. Irão os sportinguistas sofrer mais um golo? Não, apenas não ganharam para o susto. Pacheco levanta os braços — «Escapámos de mais esta»!... Passos, rosto carregado, a espelhar alma de lutador, é que não desprende os olhos da bola. Segui-la-á sempre com a vista, num teimoso desafio ao rodar do tempo—até ao fim...

A equipa do Belenenses

não teve avançados

Sempre que nos lembre foi assim. Dificilmente os belenenses conseguem levar a melhor quando se deslocam á Tapadinha. Não descortinamos qual seja o motivo de inferioridade que atinge os jogadores da camisola das quinas, mas, o que não sofre contestação é que sempre foi assim, mesmo na altura em que a turma de Belem era nitidamente superior á dos alcantarenses. E ontem se verificou o mesmo complexo de inferioridade dos «azuis» numa partida que eles poderiam ter ganho com relativa facilidade se os seus avançados, lutassem com mais entusiasmo e procurado com frenesi a vitória que lhes fugia, afinal, por culpa própria. E' bem verdade que sem dianteiros expeditos dificilmente se ganham os desafios e neste com o Atlético, a equipa de Belem não teve avançados com «nervos» capazes de ganhar o encontro. Também os alcantarenses não tiveram, por seu turno, na linha de ataque o entendimento indispensável para tornear as dificuldades que apareceram aos seus dianteiros, mas estes, mesmo assim, tiveram o animo suficiente para «mascarar» essa falta de ligação, com um dispendio de energia que chegou para obrigar a defesa visitante a todas as cautelas, para não ser surprendida.

A partida, no entanto, decorreu com

(Continua na página seguinte)

ECOS DO FUTEBOL MUNDIAL

A Confederação Brasileira de Desportos resolveu nomear um técnico permanente para a selecção nacional. Seguindo a corrente mais numerosa, aquele organismo designou para ocupar o importante lugar o famoso «coach» do Vasco da Gama, Flávio Costa. Esta decisão da C. B. D. representa um brilhante triunfo pessoal do reputado técnico, cuja nomeação era, todavia, contrariada por uma outra facção. Os interesses do futebol brasileiro acabaram por sobrepor-se aos das inumeras «guerrilhas» que pululam no Brasil e que, no fundo, podem considerar-se na base de muitas contrariedades verificadas.

Ficou assente, em definitivo, que o Brasil seguirá, até á altura de vir jogar na Europa, o critério de constituir duas selecções. Quando o adversário se exibir no Rio, o «team» será só de cariocas; quando o encontro se celebrar em S. Paulo o onze será só de «bandeirantes». Para a vinda ao velho continente a equipa será forma pelos melhores valores da duas cidades.

* * *

A Inglaterra, alarmada com os resultados que vem fazendo, parece disposta a tomar medidas drásticas na representação nacional. Depois do sensacional revés verificado em Cardiff (Gales, 2--Inglaterra, 1), o comité de selecção, constituído por mais de uma dezena de indivíduos, resolveu afastar Matthews do «onze da rosa» para o desafio de de depois de amanhã, em Wembley, contra a Irlanda.

Não parece que seja esta a melhor solução do problema inglês. Efectivamente o «caso inglês» não é, fundamentalmente, de jogadores mas de sistemas. Enquanto estes não forem modificados, afigura-se-nos que a solução se tornará difícil, senão impossível...

* * *

E' um facto a reorganização do grupo nacional hungaro, a qual começou pelo próprio treinador: deixou de ser Mandi, que passou a dirigir o «team» de juniores, substituindo-o Titkos.

Grosics, o famoso guarda-redes, perdeu o lugar. Lorant e Lantos foram substituídos por Karpati e Varhido, na defesa. O médio Zakarias cedeu o posto a Szojka. O avançado Budai encontrou o sucessor em Rudaly e o próprio Hidegjutti tem alternadamente permutado com Machos. Praticamente, de onze que jogou no campeonato do Mundo só continuam efectivos Buzanski (defesa), Bozsik (médio), Kocsis, Puskas e Czibor (avançados).

Estas alterações justificam plenamente os resultados feitos pela Hungria na fase natural de transição.

* * *

Os Checoslovacos parecem dispostos a sair do seu país para digressões futebolísticas. As melhores equipas mostram-se inclinadas a aceitar convites sucessivos de França, Alemanha, Grécia, Egipto e... Sudão.

Ao que se sabe, o futebol checo pretende recuperar o seu antigo prestígio e para isso nada melhor que estas viagens de larga projecção.

NO CAMPO «D. MANUEL DE MELO»

O empate seria a verdade

(Continuação da página anterior)

mais envolvente do que o tinha sido a do Sporting.

Mas se o contrário se tivesse dado, isto é, se o Sporting tivesse perdido, também ele teria de que se lamentar. Poderia lamentar-se, por exemplo, da infelicidade de Travaços num remate que a trave defendeu e de dôis golos perdidos por Vasques mesmo á boca da baliza e completamente isolado! Bem entendido que neste caso dos golos perdidos por Vasques não pode ser culpado o azar...

Afigura-se-nos que o empate seria o resultado mais justo, tanto ao intervalo, como no fim do encontro. Mas — e cá estão os famigerados «lugares comuns» — o futebol é futebol, perdidas há-de haver sempre, em todos os jogos e para todos os jogadores, os postes e as traves também fazem parte do jogo e... ganha quem marca mais golos considerados legais pelo árbitro.

E a verdade é que o Sporting depois de ter dominado e de ter sido por sua vez dominado, chegou ao intervalo a ganhar por 2-0.

Francisco Silva foi mal batido em qualquer destes dois golos. No primeiro, que resultou da transformação de um «livre» que Fabian veio provocar sobre Galileu, perto da sua grande área, o remate de Travaços tocou ligeiramente num dos pés da barreira, e foi entrar pela esquerda, enquanto que o guarda-redes caía para a direita.

E no segundo todas as culpas lhe pertencem porque deixou passar perto de si o remate rasteiro e frouxo de Vasques, que estava na posição de interior-esquerdo.

O Barreirense teve neste primeiro tempo e no período do seu domínio, um golo anulado, porque um avançado carregou Carlos Gomes fora de tempo, quer dizer, irregularmente.

O publico local manifestou-se então ruidosamente contra o árbitro, contra a Federação, contra o «monopolio» dos grandes clubes e também contra a Imprensa (foi o que ouvimos a alguns espectadores de espírito mais exaltado — que os há em toda a parte...), como se tinha já manifestado antes, alegando que o segundo remate ao poste, atirado por Custódio, havia também batido nas mãos de Passos.

Quanto á anulação do golo, o árbitro estava mesmo em cima do lance, em óptimas condições para ajuizar e haja em vistas que ele se mostrou sempre rigorosamente imparcial. E quanto ao outro caso, o embate da bola no poste foi suficientemente ouvido para poderem ficar quaisquer duvidas. Mas neste lance, diga-se de passagem, o árbitro estava distante.

A irritação do publico afecta ao Barreirense compreende-se e até há que a compreender com espírito de tolerancia, pela infelicidade que perseguiu a sua equipa, que na verdade não merecia então estar a perder. E relativamente ao árbitro veio a ter posteriormente certa justificação, por ele não ter punido uma carga de Galaz sobre um adversário que lealmente e dentro das regras pretendia dificultar a reposição da bola em jogo por Carlos Gomes e ainda uma falta de autêntica «grande penalidade» feita por Passos, que dentro da grande área chocou propositadamente com José Augusto, no evidente propósito de o afastar da perseguição da bola, que caminhava para a baliza.

Mas não foram só estas as falhas flagrantes, ou mais flagrantes da arbitragem. Também ainda no primeiro tempo Francisco Silva «vassourou» Quim, dentro da área, sem que a respectiva falta, merecedora de «grande penalidade», fosse assinalada.

O árbitro, apesar das dificuldades surgidas e com a excepção dos casos apontados, não fez mau trabalho. E foi sempre imparcial! Nem está certo que se levante a um homem toda a espécie de dificuldades, rodeando-o de franca e declarada hostilidade, e depois se lhe exija a perfeição. Talvez houvesse, sim, tudo a lucrar em não o mandar ao Barreiro que agora, onde o ambiente só lhe poderia ser desfavorável, em consequência de factos ainda recentes. Quem tal permitiu, certamente ignora o que é a psicologia das multidões.

*

Apesar de tudo, o primeiro tempo foi nitidamente superior ao segundo. Nunca se chegou a jogar bem, mas as duas equipas fizeram uma verdadeira labareda de energias, lançando-se abertamente para a frente á procura do golo.

Mas enquanto que o Sporting regressou um tanto amolecido, talvez na convicção de que tinha o jogo na mão, o Barreirense retomou o fio vivo do seu entusiasmo, dando a entender que não estava conformado. Voltou a ser a equipa mais voluntariosa. E quando, aos 13 minutos, o jovem José Augusto marcou o primeiro golo, em completa liberdade de movimentos junto a uma confusão que um fortíssimo remate de Correia, não blocado por Carlos Gomes, provocara, ficou-se com a impressão de que a labareda de energias ainda tinha que voltar a atacar-se nos dois campos.

Bem tentou a equipa do Sporting refrear o jogo e fazendo recuar Martins para a linha média, lugar por onde já tinham passado Travaços e Vasques, visto que a equipa jogou sempre com 1-3-3-4, pouco significando, portanto, o n.º 7 nas costas de Travaços, ainda que na extrema direita tenha ele forjado jogo suficiente, em quantidade e qualidade, para um resultado diferente.

Mas o Barreirense, agora ainda mais em força e mais depressa, continuou a forçar o ataque. E assim surgiu o empate, em condições comprometedoras para a defesa «leonina». O médio barreirense Vasques marcou um «livre» e José Augusto viu a bola á sua frente, filtrada pela defesa do Sporting, a dois passos da baliza. O golo foi fácil!

Ao contrário do que se supunha e do que seria de esperar, as equipas abrandaram nitidamente. Ambas pecaram por falta de pernas e como muitas das unidades estavam a jogar francamente mal, o jogo decaiu. Do lado do Sporting Travaços e Martins é que davam mais nas vistas, um dominando bem o defesa que o vigiava e o outro procurando ligar o jogo a meio do terreno.

E foi mesmo Martins quem preparou o golo da vitória, um golo em que já pouco se acreditava. Meteu a bola por entre a defesa local e Vasques, na passada, atirou rasteiro e a um canto.

Mas o Barreirense poderia ter chegado novamente ao empate se José Augusto, mesmo no ultimo minuto e, mais uma vez isolado em frente de Carlos Gomes, não tem atirado ao lado!

*

O defesa Fonseca, novo na equipa e na idade, cumpriu a contento, seguindo de perto o médio Luís Vasques em plano aceitável. Os restantes terminaram francamente mal, principalmente Duarte.

No Sporting, Carlos Gomes, Travaços e Martins tiveram boas actuações, mesmo bastante boas, Juca também não destoou, assim como Galileu, que se revelou um médio áspero e combativo. A experiência foi util e prometedora. Vasques falhou os dois golos que poderiam ter feito muita falta á equipa, mas foi um elemento esforçado. Aliás, toda a equipa jogou com coração e espírito de sacrifício, o que, bem entendido, nem sempre vale por um elogio, principalmente quando se trata de uma equipa de quem se pode esperar, além disso, também um nível de jogo de harmonia com os seus pergaminhos. Foi evidente o esforço de Travaços em querer dar ordem á casa, mas Walter e Quim estiveram pouco felizes e da retaguarda também não partiu a tranquilidade indispensável para que a equipa pudesse fixar os olhos na baliza contrária. Mas tudo está bem, quando acaba bem e este encontro terminou bem para o Sporting.

LUÍS ALVES

Que sucedeu? A apreensão e o receio estampam-se claramente nos rostos de barreirenses e sportinguistas, que ontem disputaram movimentado e emotivo encontro. Da esquerda para a direita: Correia, Passos, Pinto, José Augusto (que aperta desesperadamente a cabeça com as mãos), Grilo, Galaz, Carlos Gomes (em atitude curiosissima) e Pacheco. Que sucedeu? Apenas isto, os barreirenses acabaram de desperdiçar excelente ocasião de introduzir a bola nas redes «leoninas». Ficaram naturalmente desapontados. Mas, em seus semblantes, os jogadores «leoninos» deixam transparecer apreensão e receio... Ainda havia muito tempo para jogar!

A defesa do Atlético organizou-se e dominou o ataque azul!

(Continuação da página anterior)

agrado e entreteve o publico devido aos lances de jogo que se registaram perto das duas balizas. A nota mais agradável do desafio foi dada pela exibição de Germano, no seu antigo lugar de defesa-central, numa actuação, que pela oportunidade na entrada dos lances chegou para diminuir o perigo que Matateu, colocado em ponta de lança, oferecia e ainda para anular por completo outro jogador perigoso — André — que desde o seu regresso á sua antiga equipa, ainda não conseguiu uma exibição capaz. Antes pelo contrário, tem actuado de maneira a dar razão a todos aqueles que não concordavam com o seu regresso... De facto neste desafio, o ataque do grupo da «Cruz de Cristo» esteve apático pela falta de entendimento e de cooperação do seu avançado-centro, que sistemáticamente retardava todas as jogadas, prendendo o esférico e não procurando estabelecer a ligação devida com os restantes companheiros.

De que serviu ao grupo de Belém jogar ao ataque, com os defesas a meio do terreno, se desse comando nítido de jogo nada resultava devido, também, á relutancia com que os seus avançados, com excepção dos dois extremos — Tito e Dimas — entravam em luta com os defesas adversos? Matateu, demonstrou uma apatia que nos surpreendeu, quase fugindo á luta e teimando, por vezes, em tentativas pessoais que resultavam inúteis, por falta de cooperação. De resto, toda a defesa dos belenenses não esteve nos seus dias felizes, consentindo que os avançados adversários, especialmente Rosário, os contornasse com relativa facilidade. Pellejero, foi, sem duvida, o médio que mais procurou «remar» contra a apatia dos seus companheiros, fornecendo jogo jogável e estorvando com utilidade as tentativas de ataque dos adversários.

Dimas, foi outro jogador dos belenenses que esteve também bastante diligente, valendo-se da sua velocidade para transportar o perigo para o terreno adversário, em jogadas bem traçadas, que difícilmente e nem sempre dentro da legalidade, foram destruídas pela defesa dos alcantarenses. Se no primeiro tempo, os de Alcantara, com vento pelas costas, actuaram, por vezes, mais tempo no terreno ocupado pelos «azuis», as suas jogadas de ataque raramente revestiram o perigo, que se verificou com os contra-ataques dos visitantes, algumas das quais levavam o rótulo de golo, gorado pela persistência de toda a defesa alcantarense, apoiada na oportunidade e no tempo de entrada de Germano, sem exagero o jogador mais generoso e util dentro do terreno!

Desafio sem grandes filigranas, nem rendilhados, em que os jogadores procuravam caminhar para a baliza o mais rápidamente possível e que nem sempre foi dirigido com a oportunidade desejada.

Eduardo Gouveia não esteve feliz, apesar do desafio não ter decorrido com quezílias, como por vezes se verifica quando uma equipa está lançada ao ataque e não consegue com a marcação de tentos a supremacia conseguida. As duas grandes penalidades marcadas por mão de Valente Marques e de Germano, dentro da grande área, foram bem assinaladas, mas não percebemos depois o seu critério, quando castigou Figueiredo por ter metido mão á bola, com um livre fora da área, quando a falta, se existiu, foi nitidamente feita dentro da área de rigor. Também com a preocupação de reprimir o jogo duro, beneficiou por vezes o infractor, especialmente nos ultimos 15 minutos, em que assinalou um livre a favor de Dimas, quando este caminhava isolado para a baliza e com possibilidade de desfazer o empate.

Também deixou escapar uma falta de Valente Marques, quando segurou Dimas, pela camisola, quando este jogador caminhava com a bola para a baliza, no segundo tempo, dentro da grande área, e não reparou na marcação da segunda grande penalidade, que Matateu, não conseguiu transformar, na qual Ernesto se movimentou o suficiente para poder socar a bola, que o avançando de Belem atirou depois para o lado esquerdo, quando tinha feito menção de chutar para a direita. Merece citação a actuação de Ernesto, que regressou á equipa principal cheio de confiança e que esteve feliz no segundo tempo, encaixando, pelo menos, dois «tiros» de Matateu, disparados na marcação de «livres», perto da área de rigor. Tomé, que teve a felicidade de salvar um golo dado já como certo—e Abel de grande utilidade no auxílio á linha média.

JOSÉ MALHEIRO

Abel, interior-esquerdo do Atlético, pretende jogar a bola de cabeça. José Pereira intervém na jogada com os punhos e afasta o perigo. Moreira e Pellejero aguardam o desenrolar do lance...

GINÁSTICA

na Académica da Amadora

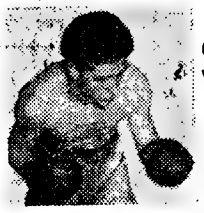
Na sede da Associação Académica da Amadora encontra-se aberta a inscrição para a frequência das aulas de ginástica, que começam a funcionar depois de amanhã.

MOTORISMO

O «rallye» Lisboa-Porto-Lisboa

Encerram-se hoje, ás 22 horas, as inscrições para o «rallye» organizado pela secção de moto e automobilismo do Sport Lisboa e Benfica e que se disputa no dia 6 de Novembro próximo. Foram instituídos valiosos prémios e os organizadores contam com muitas inscrições.

Este é...



Santiago Parra

O meio-pesado espanhol que defrontará Grelha na sessão do Coliseu.

Os motivos agradáveis da partida de Setúbal

(Continuação da 1.ª página)

fesa-central Graça, unidade plenamente feita, que provàvelmente jogará contra a Suécia a 20 de Novembro, mas desgradou-nos a sua espécie de futebol, sempre por alto, com pontapés para a frente, que não poderá ser a espécie adoptada por um jogador do tipo moderno, o jogador que ele é ou pode ser...

E fazemos esta censura, se assim se lhe pode chamar, por duas razões: o convencimento em que estamos de que se trata dum homem que pode atingir uma bitola alta é tomar parte sistemàticamente em coordenação de movimentos; a atenuante que resulta para o seu trabalho de, em todo o seu redor, melhor ainda quase no tom geral da partida, se verificar invariàvelmente o que designamos por confusão.

* * *

Foi agradável de ver em actividade um jogador do recorte de Casaca, apesar de lhe terem saído mal muitas jogadas. Julgamos até que o interior-direito de Setubal deve ter feito uma exibição inferior á bitola ultimamente evidenciada (curamos de ouvido e leitura). Se tal tem importancia para avaliar ou apreciar o jogo de equipa, já pouco significa quando se analisa sòmente a figura do jogador, o seu recorte técnico e inteligência de futebol. Talvez haja quem entenda que seja impossível dissociar um elemento do jogo de equipa, isto é, isolá-lo. Convencemo-nos que não! Casaca, mesmo não tendo jogado bem, fez-nos a revelação das caracteristicas duma figura: boa execução com os pés e a cabeça, domínio-drible-finta, desejo de bater o adversário de surpresa e explorar as brechas e duvidas de combinação. Mas se tal nos parece—não vá o rapaz julgar que é um portento, antes deve convencer-se de que a esse se comportou em certa actuada é mais ardua e penosa.

* * *

Fernandes, já internacional B, também continua a mostrar-se uma figura, ainda que a sua colocação a centro-dianteiro deva constituir um recurso para aproveitamento conveniente de todas as outras unidades, já que nos parece tratar-se dum interior, homens que precisam de espaço para dominar a bola e gisar os golpes. Ele próprio, no jogo de ontem, se arreliou várias vezes quando, de movimentos presos pela colocação do adversário, a bola lhe fugia... Apontem-se também alguns pormenores do interior-esquerdo (Miguel), o qual apareceu frequentes vezes no vértice do triangulo mais próximo das balizas, para lá virado (a marcação dos golos significa talvez uma vocação); e finalmente várias defesas seguras de Baptista, parecendo-nos indesculpável a maneira como ele se comportou em certa altura com o adversário.

* * *

Em maré de apontar aquilo que merece referência, não querémos citar, individualisando, o gauche de vários jogadores, com pouca qualidade técnica a recomendá-los e com a agravante de desejarem impor-se quase só pela força, metendo medo ao adversário (este tipo de jogador é ainda uma reminiscência do passado).

Má interpretação de jogo!

Com os jogadores incapazes de interpretar *uma qualquer estratégia, não tendo o sentido do tempo em que se deve demorar a bola nos pés, pecando umas vezes por fazerem o passe quando deviam prender a bola para dar tempo á desmarcação, outras deixando passar a espléndida aberta, o tempo foi-se arrastando á espera que o golo surgisse ao acaso. Esquemas de jogo não os havia, mas simples lances parcelares, ou isolados, o futebol não era feito com consciência, resultava simplesmente de haver 22 hamens em campo, mais ou menos esforçados e com maior ou menor energia. Foi, na verdade, por acaso, que o 1.º golo surgiu, ao quarto de hora da segunda parte, colocando o Vitória de Setubal em estado de relativa tranquilidade. Era a equipa da casa, e a sua condição física parecia a melhor. Só no final, porém, após a marcação de um livre indirecto na zona de reparação dos Setubalenses, é que estes confirmaram o triunfo. E tudo acabou.*

* * *

O terreno de jogo, *dadas as suas más condições, é quase seguro, contribuiu para a manifesta confusão que geralmente se verificou—esclareça-se que os comentários negativos se aplicam ás duas equipas— mas entre grupos habituados a semelhante pista seria licito esperar mais alguma coisa do que* bola para o ar e jogo desligado.

* * *

Ainda houve uns resquicios de futebol organizado *por parte do sector defensivo (sentido amplo) da Cuf, mas, em contra-partida, o quinteto avançado dos Barreiros foi uma lástima, complicativo, estranho, nada-afoito.*

No ultimo treino da Selecção, chegámos a pensar que esta equipa do Barreiro havia ganho mais eficência *relativamente á produção da época passada. Nada pode dizer de concreto uma prova, mas em todo o caso a impressão é de que o Onze não avança neste capitulo. O seu treinador, Buchelli, profissional que gosta de trabalhar e que vive o seu trabalho, há muito que deu pela falha e a tenta combater por todos os modos e feitios, —percebe-se!—sem que ela, pelos vistos, desapareça. O trio-central do ataque só quere rematar á certa — esquecendo-se que as combinações desaparecem quando as balizas estão ao alcance do tiro—um dos extremos é frágil, o outro muda o sinal das coisas fáceis.*

* * *

Libanio é um guarda-redes seguro: o seu desentendimento com o defesa, no primeiro golo, foi fatal, mas isso pode acontecer (acontece) ao mais pintado. Palma, de boa visão de jogo, colocação adequada e regular execução, precisa de ginasticar-se no sentido de se elevar *melhor, condição imprescindivel a um bom defesa-central.*

A coligação Orlando-Vale poderá ser um trunfo, poderoso e excelente, quando estas unidades se convençam que a jogada tem um tempo próprio de elaboração. Pisar a bola, retardando, quando o caminho está livre ou há homens desmarcados, poderá satisfazer o orgulho do executante mas é prejudicial ao conjunto. Perdem-se e ganham-se encontros por pequeninos nadas. *Em todo o caso consideramos que o labor da linha média barreirense, se com defeitos, teve também qualidades. As que advêm do trabalho infatigável e de cortes oportunos, até de boas entregas.*

Mas um desafio é um somatório, e a bola pelo ar, aloucada, está há muito posta de parte. Morreu, ou devia ter morrido.

TAVARES DA SILVA

Uma atitude de Libânio!

NA COVILHÃ

Triunfo justo, mas difícil

Decididamente, os serranos vêm sentindo sérias dificuldades no seu terreno. Na estreia, contra os cufistas, voltou a ter cópia mais ou menos exacta no segundo domingo contra os torrienses. Desta vez, porém, se a culpa residiu na progressão lenta dos lances, com troca exagerada de passes entre os avançados, a dar azo a que a defesa visitante tivesse de se opor ao ataque «telegrafado» e cheio de reticências dos donos da «casa», também não é menos verdade que o Torriense teve no trio Amilcar-Forneri-Fernandes um sustentáculo de classe, bem apoiado no trabalho de Belén e Gonçalves. Mais no primeiro do que no segundo tempo, desta maneira, os covilhanenses gastaram o primeiro tempo a desenhar «bonitos» que se desfaziam como ténues bolas de sabão na zona da verdade, onde o remate foi sempre tardio e um sem numero de vezes em condições de defesa fácil. Por sua vez, os torrienses, desfeita a pressão com eficiência, tiveram, no passe longo, um meio de colocar, num ápice, o esférico no reduto defendido pelo guardião Rita, mas, os seus avançados também não se mostraram nem eficientes nem com engodo pela baliza. Neste panorama, com o Covilhã a desenhar esquemas de belo efeito espectacular e de boa contestura técnica, umas falhas de acção prática, o intervalo chegou com o marcador em branco, muito embora, um tanto lisongeiro para os visitantes, que, nesse periodo, sofreram cinco «cantos» contra três dos covilhanenses.

No reatamento, os torrienses forçaram o andamento, postando-se ao ataque. Desta insistência apareceu, aos oito minutos, o golo de Pina, que, embora em posição de «fora-de-jogo», foi automàticamente posto em acção quando Rita desviou o esférico com a mão. O juiz de linha do lado da bancada ainda levantou a bandeira, mas o árbitro indicou, justamente, o centro do terreno. Os serranos tiveram, então, um periodo de fecundo trabalho que teve, aos dezassete minutos, resultados práticos, com o golo de igualdade feito por Suarez. Sempre atentos na defesa, os visitantes impuseram um período de equilibrio. Os covilhanenses, porém, incitados pelo publico, empregaram todos os esforços, lutando com afinco, conseguindo, pouco depois da meia hora, passar a vencedores. O resultado, bem difícil, estava feito, mas os vencidos, dando boa réplica, tornaram mais precioso este triunfo dos covilhanenses. Ao longo da partida fizeram o necessário para que a vitória lhes coubesse com merecimento. Contudo, os torrienses deram boa conta de si, impressionando pelo sua réplica intemerata, embora cautelosa.

Os covilhanenses, por seu turno, voltaram a experimentar sérias dificuldades, como já se disse, que poderão ser atenuadas, mercê dos recursos técnicos de alguns dos mais cotados atletas. Caso unico: Janos, que abusou do passe curto, embora geometricamente perfeito, foi quem conseguiu consolidar um êxito que ele próprio fez tardar.

Rita, Gama, Belén, Cabrita, Helder, Couceiro e Mendonça, além dos já citados, mereceram nota alta que igualmente atribuiremos a Inocêncio Calabote pelo acerto com que dirigiu a partida nem sempre fácil.

S. ANTUNES

Novos horizontes do atletismo

Terminou uma época, mas já outra se avizinha, bastante prometedora. Os dirigentes da modalidade, na sua ansia, muito louvável, de quererem manter a posição de interesse, que o atletismo em Portugal está a ter, não se poupam a esforços, não só para avivarem o culto pelas *corridas, saltos e lançamentos*, mas, também, para que não se perca o que, até hoje, de util e de agradável se fez em prol da modalidade.

Nunca tão poucos — utilizando uma expresão já muito estafada, mas que exprime melhor o nosso pensamento — fizeram tanto, por uma «*especialidade*» desportiva, que começa, agora, a despertar dum letargo incompreensivel.

A época que findou, foi sem duvida, uma das mais brilhantes da modalidade. Nunca se bateram tantos «records» e, também, nunca se registaram «tempos» de classe internacional como aquele que alguns atletas conseguiram. Cerca de 40 novos máximos foram estabelecidos e centena e meia de provas foram organizadas pelas entidades federativas ou associativas. Isto diz-nos bem o que foi a época que findou há dias e o que nela se produziu.

Agora, a poucos dias do começo da nova temporada, cabe dizer nestas colunas, que ela vai ser, por certo, tão movimentada como a anterior, pois os calendários oficiais, já elaborados e enviados ás entidades competentes para sua aprovação, indicam-nos que houve uma criteriosa marcação de datas, não esquecendo os dirigentes por outro lado a competições com os estrangeiros, principalmente, com os franceses e espanhois, estes ultimos a insistirem por um retorno á actividade entre os dois países.

A actividade de Inverno da temporada que se avizinha foi bem acautelada, merecendo, portanto, os federativos um aceno de simpatia.

De resto, a nossa participação no «Cross das Nações», que se efectua em Belfast, tomará, não só aos responsáveis pela orientação, condução e constituição da equipa algumas horas de labor intenso, mas, também, obrigará os atletas lusitanos a atenderem a uma preparação cuidada.

Vejamos, portanto, como foram distribuidas as datas para a próxima época de «corta-mato» e estrada:

Em Dezembro — Regional de Aspirantes e Nacional de Aspirantes.

Em Janeiro — Corta Mato dos Dez, Regional de Principiantes, Nacional de Principiantes, Torneio de Equipas e Regional de Juniores.

Em Fevereiro—Nacional de Juniores, Regional de Seniores e Nacional de Seniores.

Em Março—Preparação «Cross das Nações», Provas do conjunto seleccionado e «Cross das Nações».

Em Abril—Estafeta Cascais-Lisboa.

Em Setembro—15 kms. em estrada.

Em Outubro—30 kms. em estrada.

Após leitura deste enunciado de provas ressalta-nos á vista uma nota fundamental: o acautelamento da actividade nacional e internacional.

O calendário oficial para as competições de pista foi, também, já elaborado, mas a sua aprovação oficial está, ainda, em estudo. Tudo leva a crer que as datas indicadas pelos dirigentes da modalidade não sofram alterações e, a ser assim, podemos dizer que a primeira quinzena de Abril foi escolhida para início dessas competições e que o seu fecho não ultrapassará o mês de Setembro.

Quer dizer que a actividade desta temporada começará precisamente a 11 de Dezembro de 1955 e terminará a 15 de Outubro de 1956.

A efectuar-se esta época o Portugal-Espanha, é opinião assente nos meios directivos da modalidade que ele se efectuará em Lisboa e não na Corunha, como se indica nalguns sectores.

Tauromaquia

A Festa dos Idolos

Realiza-se no próximo sábado, 5, em Vila Franca de Xira, organizada pelo semanário «Festa», a Festa dos Idolos, eleitos pelos leitores e que são: o escritor Ferreira de Castro, os actores Alves da Cunha e António Vilar, as actrizes Laura Alves e Ana Paula, o cavaleiro João Nuncio, o matador de touros Francisco Mendes, o novilheiro José Julio, o grupo de forcados-amadores de Santarem, o Benfica, o nadador Baptista Pereira, etc. A concentração de automobilistas faz-se ás 12 e 30, na Rotunda, e ás 13 e 30 começa um almoço de 280 talheres na Estalegem do Gado Bravo, seguido de «tentadero» e, á noite, no cine-teatro de Vila Franca de Xira, apresentação dos ídolos e entrega dos trofeus por Gentil Marques, director da «Festa».

Festival em Madrid

No próximo dia 9, efectua-se na Monumental de Madrid, a favor da Campanha de Inverno e sob o patrocínio de D. Carmen Franco, um festival em que tomam parte António Bienvenida, Luís Miguel, Julio Aparício, António Ordoñez e, possívelmente, «Litri» e «Chamaco», o que seria a garantia de uma enchente total.

Mendes recebeu o trofeu da Feira de Lima

LIMA, 31 — Os organizadores da época tauromáquica em Lima procederam ontem á entrega a Francisco Mendes do «Escapulário do Senhor dos Milagres», prémio atribuído tradicionalmente ao espada que mais se distinguiu nas corridas da Feira dos Milagres.

Depois do grande êxito de Paco Mendes na segunda toirada da feira, pensou-se em dar a de ontem com quatro matadores, incluindo o português, e oito toiros. Mas os apoderados de Girón e Antoñete não concordaram e o projecto ficou sem efeito. Também se frustrou a ideia de uma corrida em que haveria mano-a-mano entre Francisco Mendes e Cesar Girón, por recusa deste. —(F. P.).

IMPERMEÁVEIS
para crianças desde 42$50
para senhoras desde 47$50
para homens desde 97$50
GABARDINES
de 450$00 a 315$00
de 550$00 a 385$00
de 650$00 a 455$00
TRINCHEIRA
Para civis ou militares:
de 570$00 a 399$00
de 650$00 a 455$00
Estes preços são apresentados na
LIQUIDAÇÃO TOTAL
da CAMISARIA CISNE — Rua Augusta, 168, onde também se pode adquirir com descontos de
50 %
TODOS OS ARTIGOS DE
MALHAS
para Senhoras, Crianças e Homens.
Trata-se de uma
LIQUIDAÇÃO
autêntica
por motivo de encerramento
para obras de ampliação
beba
SABUGA
ÁGUA DE SINTRA

Entre os jogadores do Benfica que, sem duvida, constituem um todo, a caracteristica das boas equipas, destaca-se, pelo esforço que desenvolve e pela tenacidade com que se emprega, o jogador Coluna, alinhando vulgarmente a interior-esquerdo, desempenhando do mesmo modo, com vontade e acerto, outras tarefas. Não há da parte deste rapaz a mais leve má-vontade, seja qual for o trabalho a que seja chamado. A médio ou a avançado, em ponta-de-lança ou a jogar recuado, Coluna, que nem sempre dá o rendimento mais elevado, como aliás acontece a todos os jogadores, é um daqueles homens que, no campo mais vive o jogo. Forte como o aço apesar disso agil e rápido, o excelente jogador do Benfica, do qual publicamos duas atitudes no jogo de ontem, dá sempre uma imagem pujante de força. Na atitude de cima, Coluna elevou-se alto, numa combinação harmoniosa de movimentos, e já um pouco inclinado vai jogar a bola de cabeça, a qual vem a caminho. Em baixo, o mesmo jogador, dando prova de elasticidade apesar do seu peso, executa com perfeição o chamado «golpe de tesoura» com que os árbitros embirram, mesmo quando não há ninguém ao pé. Coluna que, já em Africa revelava qualidades que o destacavam, tem-se aperfeiçoado no Benfica e é hoje um valor positivo do nosso futebol

NO ESTÁDIO DA LUZ

Apesar do susto, os campeões venceram...

Durante cerca de uma hora, pairou sobre o Estádio do Benfica uma nuvem negra, carregada de duvidas, sobressaltos e apreensões... — para os donos do campo, claro está.

Estamos certos de que, ao intervalo, muitos espectadores terão pensado que o Benfica cederia mais um ponto no seu próprio campo, contra adversário que, pelo menos em teoria, lhe era inferior.

Os acontecimentos da primeira metade da partida conduziam, efectivamente, a tal ideia, isto é, revelavam-nos um Benfica actuando em jeito de superioridade quando no desenvolvimento de lances a meio-campo, mas que se submetia á vontade dum adversário animoso e cauteloso na defesa da sua área, sem que tal pudesse envolver qualquer ideia de defesa deliberada.

Acontece que, abusando duma tendência a arrastar-se com nitidez até á obtenção do primeiro golo (19 minutos da segunda parte), mas que não deixou de existir ao longo de toda a partida, os avançados «encarnados», ora demorando a sequência de jogadas que de trás lhes chegavam com um cunho de intenção que denotava a facilidade de manobra, ora atrasando caprichosamente a bola, quando o caminho indicado seria o das redes de Ramin, não pareciam capazes de desfeitear um reduto defensivo no qual se via boa colocação das respectivas peças, rapidez de pernas e de reflexos e óptimo sentido de entre-ajuda.

Por outro lado, verificava-se, também, ao intervalo, que a turma «académica» traçava na relva, quase sem esforço aparente, esquemas de ataque que aqui e ali perturbavam a organização defensiva do Benfica, a ponto de, nalguns lances, Costa Pereira ser chamado a intervenções de apuro.

Podemos, até, acrescentar que, nos primeiros 45 minutos a equipa escolar, exibindo um futebol rápido, alegre, a que não faltava certa dose de precisão e intencionalidade, nunca foi subjugada pelo adversário, antes lhe criou problemas defensivos com que os «encarnados» certamente não contariam.

Os primeiros minutos da segunda parte não alteraram o panorama anterior, pois nem sequer a passagem de Fernando Caiado para interior do lado direito, recuando Pegado para o seu lugar, teve o condão de resolver o problema do Benfica, simples, afinal, pois resultava mais da defeituosa manobra ofensiva da equipa, do que, propriamente, de uma virtude incontestada do adversário.

Aliás, não se percebe muito bem a razão de ser da tendência do ataque da «casa», porquanto se lhe não deparava uma equipa remetida a uma defesa sistemática, isto é, com um reforço ostensivo do sector a quem incumbe a protecção da baliza.

A Académica foi — isto é importante que se frize — uma equipa de jogo aberto, franco, que procurou o jogo pelo jogo, consciente, sim, do valor do adversário, mas também confiante nas suas possibilidades.

O escalonamento das suas peças na pista é que poderá ter induzido em erro muita gente, mas o que aconteceu, afinal, foi a Académica ter utilizado um dispositivo idêntico ao do Benfica, com a variante, apenas, de o extremo-esquerdo Vaccari ter actuado mais recuado e descaído sobre a faixa central do terreno, como verdadeiro orientador da manobra de ataque, deixando a Pérides o encargo de acudir á defesa quando necessário. Funções especificas, cremos, estudadas antes do jogo e não resultantes da sua própria marcha.

Tendo aqueles dois elementos exercido acção preponderante na sequência de todo o jogo da equipa, a manobra resultou na medida em que criou embaraços ao adversário e o fez «suar as estopinhas» — como se costuma dizer — antes de alcançar um momento de tranquilidade.

Só a partir do segundo golo — aos 22 minutos da segunda parte — o Benfica fugiu um pouco á toada que até então vinha desenvolvendo, ainda que não possa dizer-se da sua actuação que tivesse chegado a um ponto de completo agrado.

Mesmo assim, a Académica deu sempre réplica firme através duma acção coordenada de todas as suas peças, moldada em esquemas que, se não tinham a mesma rapidez das manobras adversárias, nada perdiam no confronto das contexturas. Todavia, a caminhar para a baliza, era seriamente prejudicada pela deficiente finalização — defeito que já em outras ocasiões tivemos ensejo de apontar aos dianteiros de Coimbra.

* * *

Poderiamos dizer, com absoluta propriedade, que a primeira ideia sugerida pelo jogo de ontem foi, de decepção e decepção não só para os milhares de adeptos dos Campeões Nacionais, ansiosos de verem repetida a exibição do ultimo domingo, frente ao Sporting, mas para muitos entusiastas do jogo ali atraídos pela mesma perspectiva e, até, para a crítica, já que se impunha uma confirmação do elevado nível atingido pela equipa «rubra» oito dias antes.

Todavia, fazendo o balanço geral da partida, não podemos deixar de considerar que ela nos deu muitos motivos de agrado. Tanto a Académica, como o Benfica, executaram sobre a relva esquemas que definem elevada capacidade técnica, através de manobras conscientes, traçadas com precisão, nas quais cada elemento colaborava com uma parte minima de esforço muscular, repartida a execução pelo conjunto.

A pecha maior do jogo, isto é, o aspecto em que ele mais nos feriu — mesmo levando em conta a deficiente finalização dos lances, num e noutro campo — residiu no erro de manobra táctica do ataque «encarnado».

Cremos que daí resultou, em maior escala, a nuvem negra que pairou sobre o Estádio da Luz. Desfez-se, porém, a tempo de os «benficas» poderem arrecadar — com justiça, sem duvida — os dois pontos regulamentares. Mas não há duvida de que o susto foi grande!

* * *

Assentando o trabalho das equipas, essencialmente, como acentuamos no valor de conjunto exibido, parecerá descabida qualquer referência individual. No entanto, não podemos fugir á tentação de o fazer, pela influência que alguns jogadores tiveram no comportamento dos quadros.

Torres, Pérides e Vaccari, na Académica, e Jacinto e Palmeiro no Benfica, ficam no lugar mais destacado em mérito. E ainda uma referência para Coluna, lutador incansável, rematador perigosissimo, dominando a bola e os adversários com impressionante facilidade, mas excessivamente egoísta, retendo o esférico mais do que o admite a normal sequência do jogo.

ISAAC PAIS

Acorrendo, oportuno, a um cruzamento, José Aguas aplicou excelente remate de cabeça que parecia dar golo... No entanto, o jovem guarda-redes da Académica, Ramin, atento á jogada «vocu», e num espectacular golpe de rins conseguiu desviar o esférico e salvar as balizas

Libertando-se duma carga de Wilson, José Aguas pôde aplicar na altura própria o seu temivel remate e bater o guarda-redes Ramin, alcançando o 4.º golo do Benfica

HÓQUEI EM CAMPO

A Espanha venceu o Campeonato da Europa

LYON, 31.—A Espanha ganhou o campeonato europeu de hóquei em campo ao vencer a Bélgica por 2-0, depois de ter vencido a França por 2-1.—(Efe).

RÂGUEBI

A primeira prova da época

Em breve começa—já no próximo domingo—a actividade normal do raguebi, ainda que fora do terreno de jogo e antes disso—na próxima quarta-feira—se iniciem actividades de certo vulto na sede da A. R. L. Esta preferência tem em vista as «palestras técnicas» que o estagiário português do curso de Joinville irá fazer á sede da Associação, na rebusca e recolha de elementos do jogo e das suas leis, aprendidos ou esclarecidos em França, durante a frequência do estágio.

Desta ordem de organizações precisa, sem duvida, o nosso raguebi, ainda que a teorização dos problemas importe a efectivação de sessões práticas, para que nada se perca da plenitude e complexidade do jogo, por todas as razões, considerado de precisão técnica ou de execução superior á sua movimentação definida ou teórica.

Enfim, voltemos mais os olhos para o que se vai passar nos campos, com início no próximo domingo, onde a acção dos jogadores deverá reflectir a verdadeira preo-

(Continua na 7.ª página)

beba SABUGA ÁGUA DE SINTRA

O grupo do Sport Clube Vianense figurar bem no torneio secund trad

NAS CALDAS DA RA

Bispo e Ma — as figuras c

A partida do campo da Mata, embora com o desenlace que se previa, não correspondeu inteiramente á expectativa, pois o Lusitano de Evora realizou exibição assaz modesta para aquilo que era lícito esperar.

Não deve, porém, pretender ver-se nessa circunstancia a razão do exito dos caldenses... A turma local, a jogar como jogou, não teria necessidade desse factor para sair vitoriosa do confronto. Tê-lo-ia conseguido mesmo noutras condições, isto é, com os alentejanos a produzirem o seu melhor. Neste caso, o que poderia suceder era ter-se resolvido a luta com um resultado mais escasso...

Com efeito, o Caldas, com a sua excelente actuação de ontem, confirmou a melhoria de que se suspeitava, e que se tem acentuado jornada a jornada. E o que é mais curioso é que o conjunto tem estado privado de dois titulares (Amaro e Leandro) de cuja falta seria natural que se ressentisse. Essas baixas, porém, em nada afectaram a «máquina» que continua a desenvolver um trabalho colectivo bem controlado e, o que é mais, com notória melhoria, quer de concepção, quer de execução, dos esquemas básicos da sua manobra. A exibição de ontem foi até superior á de há oito dias, não obstante o contratempo surgido da luta e que poderia ter acarretado graves consequencias. Referimo-nos á lesão do novo defesa-direito Oliveira que deu lugar á troca de posições com o extremo-direito Romeu, e de que resultou, obviamente, o enfraquecimento da linha dianteira numa altura (á meia hora do primeiro tempo quando o Caldas ainda levava apenas um golo de vantagem) em que a equipa mais necessitava da colaboração efectiva de todos os seus homens para resolver o desafio já que a feição do jogo era propícia.

Fosse o Lusitano mais perspicaz e vigoroso no ataque, que talvez os seus esforços para estabelecer o empate tivessem sido coroados de êxito. Mas, nem os seus dianteiros souberam explorar aquela falha, nem a defesa local, até certo ponto, o consentiu, cerrando fileiras de protecção ás suas posições estratégicas. E a oportunidade que se lhe deparou perdeu-se sem que tivesse logrado o seu objectivo.

Feito o segundo golo, já no decurso do primeiro tempo, dissipam-se todas as duvidas. E, após o descanso, as possibilidades do Lusitano tornaram-se ainda mais reduzidas, com o regresso de Romeu á linha dianteira e a incorporação de A. Pedro no plano ofensivo, en-

O CARNIDE

vai comemorar o seu 35.º aniversário

O Carnide Clube, que conquistou no País posição de realce no basquetebol e que poderá ufanar-se de haver realizado obra de notável alcance social, vai festejar, com brilho, a passagem do seu 35.º aniversário. Além de luzidas festas recreativas, organiza torneios de basquetebol que deverão por certo decorrer com muita animação.

...que muito se tem esforçado para ...o do País. E' clube de boas ...es

...NHA

...tinho

...ntrais do encontro

...uanto Amorim, por via do recuo ...e Romero, teve de desempenhar ... duplo papel de «médio-defesa» e ...médio-avançado». Com esta mecа...ização ficou perfeitamente com...ensada a falta do jovem vilafran...uense Oliveira.

E' justo, todavia, salientar o em...enho com que os eborenses se de...am á luta, nunca desanimando e ...sistindo mesmo quando da malo...ro dos seus esforços. A turma lu...tanista claudicou por duas razões, ...usência de sincronização de mano...ra e descuido na zona de repara...ão.

Não surpreende, portanto, que o ...esultado se tenha cifrado em 3-1. ...onvém acrescentar que se desper...içaram boas oportunidades de am...os os lados (mais acentuadamente ...or banda dos locais) e que o pon...o de honra dos visitantes resul...ou dum lance inofensivo em que ... guardião caldense Rita, depois de ...r a bola em seu poder, a deixou ...ir das mãos para além da linha ...e golo...

Sob o ponto de vista técnico a ...artida não desagradou, tendo até ...tingido nível bastante apreciável ...urante a primeira meia hora em ...ue o jogo teve os seus apontamen...os mais valiosos.

Entrando na apreciação indivi...ual, não pode deixar de pôr-se em ...special relevo a acção preponde...nte de Bispo, Martinho, Lenine ...A. Pedro, sem duvida as figuras ...entrais do jogo, o primeiro dos ...uais com dois golos de grande efei...o. Ainda no Caldas merecem real...e Amorim, Romero e Piteira.

No Lusitano, Polido na defesa ...salvou dois golos certos sobre o ...isco), José da Costa, Flora, Pa...lino e José Pedro foram os me...hores.

Arbitragem do juiz aveirense, ...ário Garcia, com alguns erros, mas ...em influencia na marcha do jogo.

EDUARDO GUITA

EM FAMALICÃO

Quatro golos de entrada

amoleceram os vencedores...

Deslocado para Famalicão — a Vila Nova dos romances camilianos — o encontro Braga-Porto não alcançou, por isso, a grandeza habitual. A tradição tem feito deste embate, entre Bracarenses e Portuenses, um autêntico acontecimento para a capital do Minho, que todos os anos vive, com a sua realização, um dos dias de maior movimento e de colorido, e ontem deverá ter sentido, como nunca, que o seu belo estádio permanecesse silencioso e vazio.

Braga perdeu, efectivamente, uma das suas mais apetecidas jornadas e o caso, bem lamentável sob todos os aspectos, poderá servir — e oxalá sirva — á reflexão de quantos possam ter nele qualquer quota-parte de responsabilidade.

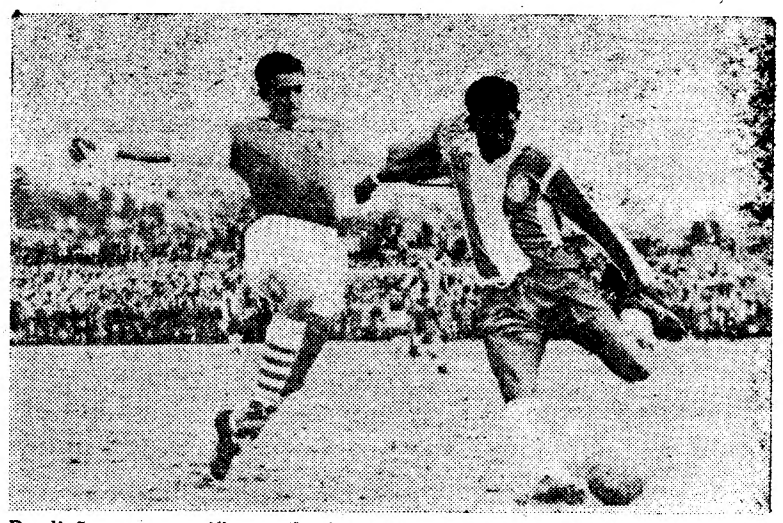
Na emergência, o terreno de Famalicão, admirávelmente cuidado, serviu muitíssimo bem, albergando multidão superior a 10.000 pessoas, muito longe, no entanto, daquilo que o encontro motivaria se nada houvesse a afastá-lo do Estádio 28 de Maio.

Os prejuízos, para mais, não se limitaram apenas ao ambiente e á concorrência de publico. Mesmo a partida acusou as consequências do desvio do seu palco natural, onde os Braçarenses teriam, sem a menor duvida, adversários de outro cariz, e os Portistas haveriam de pôr na luta outro grau de vibração algo superior áquele que ontem lhe emprestaram.

O encontro sofreu, precisamente, da falta de calor dos «azuis-brancos» e pode dizer-se, embora com alguma injustiça, que só a actuação de Jaburu, no meio tempo inicial, imprimiu entusiasmo ao jogo, levando a assistência a expandir-se e a dar por bem empregado o esforço da sua deslocação.

Na realidade, o centro-avançado do F. C. do Porto tornou-se a principal figura sobre o terreno, pondo a sua chancela nos quatro golos registados a favor da sua equipa nessa metade, dois deles transformados pessoalmente, e outros dois saídos da sua influência directa. A rematar, Jaburu foi de rara precisão e violência, mas não impressionou menos no trabalho de forjar os lances e no serviço aos companheiros, feito, sempre, em condições de aproveitamento imediato.

Este brasileiro dos «azuis-brancos» sabe, como poucos, abrir o caminho da baliza, com um toque subtil na bola, a fazê-la surgir ao alcance dos seus pés quando o adversário menos o espera. Foi de tormento para a defesa de Braga a acção de Jaburu até ao intervalo, e as dificuldades minhotas ficaram bem atestadas com os quatro golos sofridos.



Perdigão, em magnifico estilo, faz um remate, apesar da oposição vigorosa do defesa bracarense

Monteiro da Costa e outro jogador portuense apoderam-se da bola, não deixando que Baptista prossiga no caminho...

Há, no entanto, a acrescentar que o facto explica-se — porque acharíamos injusto atribuir tudo a Jaburu — porque o conjunto portuense manobrou por inteiro com acerto no trecho inicial, dando agradável sequência ao jogo, e evidenciando boa compenetração na urdidura dos lances, que assim tomaram toda a aparência de trabalho realizado na segurança de um processo que já deitou raízes.

O primeiro golo «azul-branco», obtido a escassos segundos do início, ainda sob as estridências do apito do árbitro, foi mesmo, embora possa haver quem suponha o contrário, a demonstração prática de um golpe característico que havia de repetir-se, com ou sem êxito, ao longo do encontro, em toda a sua simplicidade: «fogo de vistas» com a bola a meio do terreno, desmarcação dissimulada de Jaburu sobre o flanco direito e um passe subito para essa zona, momentaneamente esquecida, requerendo duas a três passadas e o remate daquele jogador.

Esse golo e mais três que se lhe seguiram, com facilidades mais ou menos idênticas, foram o bastante para que o F. C. Porto não necessitasse de tranquilidade para ganhar fácilmente o desafio. Pelo tempo adiante, os Portuenses jamais aceleraram, abandonando, na segunda parte, toda a ideia construtiva, para não falar de luta, e dando-se até ao luxo de dispensar Teixeira que acusava sintomas de lesão.

Não se viu, assim, tudo quanto pode dar a equipa do Porto, quando as exigências foram diversas. O amolecimento provocado pela vida fácil é, no entanto, perigoso, tanto mais que todo o conjunto, fisicamente, indica respirar excelente saude. Técnicamente, nem todos os elementos satisfizeram em absoluto. Os extremos, por exemplo...

O Braga com o peso de quatro golos, ao intervalo, foi, entretanto, admirável no seu propósito de jogar até ao fim por um melhor resultado. O golo obtido foi merecidíssimo e com um pouco mais de sorte até talvez fosse mesmo além do que conseguiu. Mas o grupo bracarense acusa, sensívelmente, as faltas que o afligem, como as de Velez, Pinto Vieira, José Maria, etc.

O seu jogo foi sempre algo emaranhado e nem a colocação de Garófalo a médio, como reforço da defesa e fonte de inspiração do ataque, logrou dar clareza e força ao labor minhoto, que se perdeu, na retaguarda, por falta de consistência e, á frente, por carência de decisão.

Louve-se, entretanto, o desportivismo com que os Bracarenses encararam o resultado e a forma como lutaram para o tornar menos penoso. Braga, com isso, deixou em Famalicão indicação de virtudes bastantes para se salvar. E o F. C. Porto, encarando, no presente, horizontes bem diversos, igualmente se mostrou dentro da rota que o pode conduzir até ao melhor.

ALBERTO LOBO

VOLEIBOL

TORNEIO

de Encerramento

A Associação de Voleibol de Lisboa vai fazer disputar um torneio de Encerramento cuja inscrição, reservada apenas a clubes filiados, se encerra depois de amanhã.

A competição, a disputar em «poule» de uma volta, obedece á seguinte fórmula:

Se houver inscrições de mais de seis equipas, formar-se-ão séries de quatro ou cinco equipas, consoante o numero de inscrições verificadas. Serão cabeças de série os clubes considerados mais fortes, os quais se fixarão na série A, B ou C, por sorteio. Igualmente por sorteio serão incorporados nas séries os restantes clubes inscritos.

Os 1.º e 2.º classificados de cada série jogarão na «poule» final, a apurar o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º classificados e os restantes jogarão também entre si para os restantes lugares.

Registando-se a inscrição sómente de seis filiados a prova será disputada em «poule» a uma volta.

A equipa do Juventude Sport Clube, a popular colectividade de Evora, que trabalha com afinco, e através das maiores dificuldades, para alcançar lugar saliente no futebol nacional

A MARCHA DO CAMPEONATO

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão teve ontem a sua 7.ª jornada, sem incluir qualquer desafio de maior interesse, quer em Lisboa, quer na Província.

Pela recapitulação dos resultados ver-se-á que é assim:

Benfica-Académica	**4-0**
Atlético-Belenenses	**1-1**
Barreirense-Sporting	**2-3**
Braga-F. C. Porto	**1-5**
Covilhã-Torriense	**2-1**
Caldas-Lusitano	**3-1**
V. Setubal-C. U. F.	**2-0**

Entre seis vencedores, quatro são equipas visitadas, o que quer dizer que a tendencia geral (vantagem das equipas que jogam nos seus campos) não foi atraiçoada.

A jornada não deu surpresas. Bem pelo contrário, os desfechos dos desafios são normalissimos. Apenas, o numero de tentos poderá suscitar reparos, mas, de um modo geral, as diferenças são correspondentes ás previsões.

O Benfica e o F. C. Porto, os dois grupos da vanguarda da classificação e os unicos sem derrotas, ao defrontarem os dois ultimos da tabela, fizeram os melhores resultados da jornada, com realce para os nortenhos, que jogaram em campo que não era o seu.

O outro vencedor fora de «casa» foi o Sporting, o que valoriza o triunfo «leonino».

As equipas lisboetas não perderam pontos no despique contra grupos da Província e isto quer dizer que o futebol da capital não esteve mal nesta jornada.

Das 14 equipas concorrentes sete conservaram as posições trazidas da jornada anterior. São elas: o Benfica, o F. C. do Porto e o Vitória de Setubal. Todas ganharam o que permitiu que as diferenças entre si se mantivessem... a aguçar o interesse pelo desafio Porto-Benfica, do próximo domingo; vem depois o Atlético, que se quedou em 9.º lugar; e, por fim, os três ultimos da tabela, todos derrotados, continuaram nos seus postos, sofrendo novos revezes.

Três equipas tiraram bom partido das suas vitórias de ontem: o Sporting da Covilhã passou de 6.º para 4.º; e o Sporting subiu um degrau: de 7.º para 6.º.

Como não podia deixar de ser, a medalha teve o seu reverso. Assim, o Belenenses desceu de 4.º para 5.º; o Torriense, de 5.º para 7.º; o Barreirense, de 8. para 10.º e o Lusitano, passando de 10.º para 11.º.

Dentro da primeira metade da tabela ficaram pois as mesmas equipas que lá se encontravam já e entre elas estão três de Lisboa (Benfica, 1.º, Belenenses, 5.º e Sporting 6.º). O F. C. Porto permanece num lugar que de certo modo lhe é peculiar. Mas, os três restantes concorrentes vencida a primeira quarta parte da prova estão realmente a exceder as melhores previsões. Naturalmente não se esperaria tanto do Vitória (3.º), do Covilhã (4.º) e do Torriense (7.º).

Magnifica, também, a posição do Caldas — a abir a segunda metade da tabela — o que para um estreante é muito bom. Na zona de perigo estão equipas que já têm conhecido melhor sorte.

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	4	2	2	—	11- 4	6	3	3	—	—	7- 3	6	7	5	2	—	18- 7	12
F. C. Porto ...	3	2	1	—	5- 1	5	4	2	2	—	12- 4	6	7	4	3	—	17- 5	11
Vitória F. C.	5	3	2	—	13- 4	8	2	—	1	1	4- 5	1	7	3	3	1	17- 9	9
S. Covilhã ...	4	3	1	—	8- 4	7	3	—	2	1	3- 5	2	7	3	3	1	11- 9	9
Belenenses ...	3	2	1	—	9- 4	5	4	—	3	1	3- 5	3	7	2	4	1	12- 9	8
Sporting C. P.	3	1	—	2	6- 6	2	4	2	2	—	8- 6	6	7	3	2	2	14-12	8
Torriense.. ...	3	2	1	—	5- 1	5	4	1	—	3	3- 7	2	7	3	1	3	8- 8	7
Caldas..	4	3	—	1	6- 2	6	3	—	1	2	2- 8	1	7	3	1	3	8-10	7
Atlético	4	2	2	—	11- 8	6	3	—	—	3	2- 8	0	7	2	2	3	13-16	6
Barreirense ...	4	1	2	1	11- 5	4	3	—	1	2	4- 8	1	7	1	3	3	15-13	5
Lusitano... ...	1	—	1	—	1- 1	1	6	1	2	3	8-14	4	7	1	3	3	9-15	5
C. U. F.	3	1	1	1	3- 5	3	4	1	—	3	5-10	2	7	2	1	4	8-15	5
Académica ...	3	2	—	1	9- 6	4	4	—	—	4	3-13	0	7	2	—	5	12-19	4
Spt. Braga ...	5	1	—	4	9-14	2	2	—	—	2	1-11	0	7	1	—	6	10-25	2

DE JORNADA A JORNADA

Nove jornadas da fase inicial do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão estão vencidas — precisamente uma terça parte do despique. De domingo para domingo, o despique ganha interesse, com o ataque cerrado que está a ser travado contra os guias.

Os encontros de ontem, no Grupo Norte, forneceram os seguintes resultados:

Boavista-U. Coimbra	*6-0*
Salgueiros-Sanjoanense ...	*3-2*
Leixões-Chaves	*2-0*
V. Guimarães-Tirsense ...	*2-0*
Spt. Espinho-«Leões»... ...	*9-1*
Gil Vicente-Acad. Viseu ...	*2-0*
Peniche-Vianense...	*2-1*

Desta vez, esteve vedado ás equipas visitantes o privilégio de arrecadarem pontos para a classificação. Todos os vencedores — e não houve um unico empate — foram grupos que jogaram para os seus adeptos.

Os três do Porto, todos corresponderam aos vaticínios, vencendo. O Boavista, confirmando a sua posição de guia, chamou a si o melhor resultado da jornada, entre os concorrentes da frente da tabela. Naturalissimo. Como natural é, que tenha sido o Salgueiros o que mais escassamente afirmou a sua superioridade.

A supremacia dos três grupos da A. F. P., descolada a Sanjoanense, apresenta-se, agora, com maior clareza. O Vitória de Guimarães, empenhadissimo na sua tarefa de recuperação já se encontra em 4.º lugar, adiantado, por permuta com a Sanjoanense. A posição dos Vimaranenses é motivo de valorização para a luta, com vista aos três primeiros lugares.

O Sporting de Espinho com um resultado que desperta a atenção passou de 7.º para 6.º. Mas, melhor sorte teve, ainda, o Gil Vicente, que era 10.º e passou para 7.º. Claro que outros haviam de sofrer as consequências. E esses foram o Tirsense (de 6.º para 8.º), o «Leões» (de 8.º para 9.º) e o União de Coimbra (de 9.º para 10.º).

Entre os quatro ultimos, a ordenação sofreu alterações. Destes só o Peniche logrou vencer e isso serviu-lhe para ascender de 13.º para 11.º; o Chaves caiu de 11.º para 12.º e atrás dele veio o Vianense, descendo de 12.º para 13.º.

O Académico não pôde deixar a ingrata posição que ocupa. Perdeu em Barcelos e... em Peniche.

(Continua na página seguinte)

OS OUTROS JOGOS DA ZONA SUL

O Portimonense

não teve dificuldade em vencer o Juventude por 4-0

O Portimonense recebeu o Juventude de Evora. E venceu por 4-0. Vitória merecida, mas não resultante de pronunciada ascendência técnica. Simplesmente, os avançados algarvios foram mais incisivos e decididos no remate e toda a equipa revelou também mais desenvoltura e rapidez na execução dos lances de ataque. Parecendo desmoralizados, lentos, falhos de iniciativa, os Alentejanos limitaram-se a desenhar algumas jogadas vistosas, mas carecidas de vigor e de sentido prático, sem os quais se torna praticamente impossível chegar longe nas árduas e longas competições futebolísticas.

Em globo, os Portimonenses tiveram mais poder. E foi esse poder que lhes proporcionou ontem a robusta vitória sobre os juventudistas de Evora.

Um grande êxito do Coruchense

O Sporting Farense, ora em foco, deslocou-se para Coruche. A despeito de se tratar de um adversário bem apetrechado, com elementos de magnífica constituição física, os Coruchenses, que estão também a ferir as atenções, alcançaram excelente triunfo que se cifrou em 5-2. A equipa local dispôs de dianteiros mais mexidos e hábeis no capítulo do remate, a despeito de terem encontrado pela frente uma defesa sólida e rude. Foi até essa rudeza que originou alguns embaraços aos defesas da capital algarvia. Em vários trechos da partida, os visitantes desfrutaram de domínio, mas os seus dianteiros não estiveram felizes no remate e, quando dispararam com acerto, o guarda-redes Sério, ex-belenense, teve o ensejo de executar defesas de valor. Sofreu dois golos, um dos quais de maneira um pouco surpreendente, mas evitou muitos outros. Em todo o caso, repita-se, os Coruchenses fizeram-se valer, e justificaram, assim, o seu triunfo, pela rapidez, voluntariedade, denodo e finura que imprimiram aos lances ofensivos. Certamente, os Farenses não esperavam uma derrota tão severa.

Os elvenses continuam a ver-se desamparados pela sorte

No seu campo, contra o Montijo, «O Elvas» não pôde apresentar ainda o seu «team» completo, mas produziu jogo suficiente para sair vencedor do encontro. A sorte, porém, continuou a fazer-lhe negaças, e assim puderam os Montijenses retirar-se com o empate de 2-2. A defesa visitante bateu-se com valentia e, por vezes, até com demasiada dureza, o que embaraçou nitidamente a acção dos frágeis avançados adversários.

No balanço geral, os Alentejanos desfrutaram de maior domínio e perderam mais ocasiões de marcar. Mas a verdade é que os Montijenses souberam organizar-se bem á defesa. Jogo modesto no aspecto técnico. Bola muito por alto. Choques frequentes. Confusões desnecessárias...

Boa vitória do Olhanense

Em Olhão, a equipa local, no momento em evidência, recebeu o Desportivo de Beja, que teve um começo auspicioso na prova em curso, mas parece agora debater-se com um período de má forma. Os Olhanenses ganharam por 3-0, com todo o merecimento. Os Bejenses apenas se bateram esforçadamente na defesa, de nada valendo a sua maior robustez física. Ao ataque, falharam de maneira assaz surpreendente. A defesa algarvia teve, assim, a sua tarefa muito facilitada. Os locais gizaram, por vezes, lances de ataque de bom efeito, nos quais havia decisão e velocidade. Venceu, em suma, a equipa mais hábil e homogénea.

Uma fase do jogo Olivais-União de Montemor, em que a defesa alentejana, uma vez mais, levou a melhor sobre o frágil ataque dos lisboetas

NOS OLIVAIS

O limão não deu sumo...

Há jogos que, dada a maneira como se desenrolam, logo se assemelham a um limão daqueles que, por mais que se esprema, nunca se consegue que dê sumo. Isto, não obstante a boa vontade posta na luta por ambos os contendores.

Quer isto dizer que o encontro Olivais-U. Montemor, não correspondeu, de modo algum, á expectativa que o rodeava. Esperávamos mais porque na verdade, os grupos sabem e podem fazer melhor, mormente o dos lisboetas, que jogara em «casa» perante o seu publico. Este desiludido abandonou o campo com um nó na garganta, não só porque a sua equipa perdeu, mas, também porque a exibição que se lhe proporcionou, foi, por demais, fraca. De tal modo que um pequeno numero de sócios tomou uma atitude que não sendo «virgem» não deixa de ser, contudo, deplorável, atendendo que é nas horas amargas que se conhecem os amigos.

Beneficiando de uma grande penalidade, que a colocou em vencedora, quando iam decorridos, sómente, quatro minutos do primeiro tempo, a equipa do Olivais pareceu que viria a ser triunfadora, isto, não obstante, haver, ainda, muito tempo para se jogar.

Sucedeu porém, e contra todas as expectativas, que o grupo lisboeta se tornou incaracteristico e sem talento necessário para se opôr ao jogo do adversário.

A bola andou sempre, por alto, com manifesto prejuizo para a equipa da «casa», e os dois golos sofridos resultaram de outros tantos deslizes da sua defesa, onde Moutinho foi, entre todos, o mais infeliz, para não dizer, o bode expiatório da contenda, se bem que num momento de apuro Paiva tenha introduzido a bola na própria baliza. A desorganização, porém, era já total.

A linha média, motor impulsionador *do ataque, faliu, o que obrigou muitas vezes, este sector a vir atrás, numa tarefa inglória, buscar jogo, — pois encontrou-se completamente desamparado—, dando aso a que a defesa contrária ocupasse, a tempo, o seu lugar, para desfazer com facilidade, todas as investidas, de uma linha de ataque, cuja agressividade era práticamente nula, conforme se verificou ao fim dos noventa minutos, mesmo tendo em conta que ao Olivais pertenceram as melhores oportunidades de golo.*

Perdida pois, a noção de conjunto, a equipa lisboeta, acabou por se desmembrar e tornar-se em corpo sem cabeça, pelo que, a vitória alcançada, «extra-muros», pelos alentejanos foi absolutamente justa. Não porque o grupo de Montemor tivesse sido superior, mas porque teve a virtude e a inteligencia suficientes para não deixar fugir dois pontos preciosos, com que, certamente, não contava, ainda, que pela diferença mínima de golos.

Na sua configuração global, os alentejanos foram, porém, o espelho fiel do adversário. Neste capítulo, ambos andaram de braço dado!

Os golos obtidos em nada abonam o seu sistema de ataque, porquanto e como já foi dito, foram mais «dados» do que «forjados», o que quer dizer que tanto aos olivalenses como aos montemorenses falta poder de infiltração e de audácia. A' defesa e á meia defesa, devem pois, o seu êxito.

A José Trindade, de Setubal, que dirigiu a partida, já temos visto fazer melhor mas... errar é próprio dos homens.

PEDRO CARVALHO

NO CAMPO DA AMOREIRA

Jogo por jogo

ponto por ponto

Albuquerque e Eloi que, em regra, travaram uma luta de perto, encontram-se, neste lance, separados, mas activos

Quando duas equipas possuem a mesma força ou, o que é mais justo, equilibrio evidente, a que se desloca a terreno alheio, leva, de regra, maiores preocupações e cuidados.

Está, pois, certo, que o Oriental haja jogado na Amoreira com excesso de zelo na defesa—Morais, Capelo e Fernandes cobrindo a zona; Luz fazendo todo o serviço extra, no jeito de homem do «ferrolho».

Por tudo isto, o Estoril ganhou da linha média, para o ciclo dos interiores, um homem, que, umas vezes, era Gonzaga e outras, Melão. Assim, e tanto por isto como por outras razões, o grupo da «casa» jogou mais ao ataque que o antagonista, vendo-se este na situação perpétua de contra-atacante.

Mesmo nesta circunstancia, o poder parcelar das equipas foi, em tudo, semelhante, até no propósito e frustação do jogo feito de sector a sector, arma que, quase sempre, se virava para quem a empregava.

No Oriental, a linha média, formada por um homem ou dois, conforme a disposição dos defesas que, alternadamente, muito avançavam no terreno, quebrou pelo elo de ligação com a avançada, o jogador Rogério, em dia-não, ou, pelo menos, em dia assim-assim.

No Estoril, a quebra deu-se na ligação da defesa com a meia-defesa, sendo a primeira, culpada do jogo só de destruir, feito por alto, sem aflições, é certo, mas, também, sem a preocupação da entrega.

Neste defeito insistiu, a todo o momento, o n.º 5, Eloi, que do muito jogo que destruiu, algum deu, de ressaca, ao adversário. É, contudo, espantoso ver como este homem foi tão util, tão prático e tão certo, jogando contra o jogo, isolado e firme no seu propósito, mas, a todo o momento, pondo uma palavra de vigor na acção de conjunto da defesa local.

No campo oposto, o melhor jogo defensivo era o que corria pelos corredores laterais, onde, nunca ou poucas vezes, pelo menos, era chamada a «dobra» de Luz, jogador colocado para esse ofício.

A partida terminou por um empate sem bolas e, se a igualdade está certa, a verdade é que a falta de golos já não tem a mesma figuração.

As avançadas evoluiram com relativo acerto, mais claro, na zona de manobra, do que na área de remate. No campo de desenvolvimento do lance até, esteve, pelo lado do Estoril, um excelente jogador, um nome desta época, Paulino, um rapaz de habilidade rara, com o senão de querer sózinho fazer tudo, o que, na verdade, não era contra o jogo—dava gosto vê-lo evoluir—mas resultou, por vezes, contrário á perspectiva do resultado.

De tudo quanto fez, no entanto, e da generosidade de que deu mostras pode o Estoril, com razão,

(Continua na página seguinte)

EM PORTALEGRE

A estreia de Guela contribuiu para a vitória dos locais

O Portalegrense entrou em campo cioso de desfazer a má impressão deixada na sua massa associativa pelo jogo do ultimo domingo.

Nas primeiras jogadas, tudo parecia encarreirar a equipa para uma vitória tão necessária quanto era imperativo á recuperação que se impõe.

O jovem Guela, que se estreou no centro do ataque local, parecia fadado para abrir o «score». A equipa visitante, todavia, começou a «crescer» no meio do primeiro tempo e a ganhar jus ao zero-zero que se verificava ao intervalo.

Depois do descanso, os locais apareceram com mais frequência no terreno do adversário e dessa insistência nasceu o primeiro tento, num soberto toque de Moreno, a que Carvalho não pôde opor a sua excelente elasticidade e os reflexos rápidos até então revelados. Mal se haviam extinguido os ecos do primeiro tento, o grupo alentejano obteve segundo golo e a equipa visitante partiu-se pela espinha dorsal. Assistiu-se, então, á costumada pecha do futebol português — ataque, de um lado, em tentativa de remar contra a maré; e defesa do outro, desesperada, para anulação do perigo que os da «casa» ofereciam.

Daqui partiu, inexplicávelmente, um retraimento dos Alentejanos, que passaram a praticar futebol incaracterístico e a consentir, progressivamente, a recuperação dos visitantes, que se tornaram, por via disso, mais ameaçadores.

Isso não evitou que Bica fizesse esplêndido tento, que foi, sem duvida, o ponto final do ascendente portalegrense. Todavia, o chamado «ponto de honra» dos visitantes apareceu ainda para que a sua perseverança não deixasse de ser premiada.

De lamentar, que a partida acabasse com três expulsões, uma dos locais e duas dos visitantes.

QUEZADA GUANILHO

De jornada a jornada

(Continuação da página anterior)

A classificação passou a ser a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Golos F.	Golos C.	Pontos
Boavista	9	7	1	1	31	9	15
Salgueiros	9	7	—	2	22	14	14
Leixões	9	5	3	1	33	9	13
V. Guimarães	9	5	1	3	25	19	11
Sanjoanense	9	5	1	3	16	14	11
Espinho	9	4	2	3	31	24	10
Gil Vicente	9	3	2	4	20	20	8
Tirsense	9	4	—	5	16	17	8
«Os Leões»	9	4	—	5	15	25	8
U. Coimbra	9	3	1	5	15	28	7
Peniche	9	3	1	5	15	29	7
Chaves	9	3	—	6	16	24	6
Vianense	9	2	1	6	16	20	5
Academico	9	1	1	7	15	34	3

Vejamos, agora, o que se registou no Grupo Sul:

Estoril-Oriental	*0-0*
Olivais-U. Montemor	*1-2*
Portalegrense-Arroios	*3-1*
Coruchense-Farense	*5-2*
Elvas-Montijo	*2-2*
Portim-Juventude	*4-0*
Olhanense-Desp. Beja	*3-0*

Em dois campos juntaram-se os grupos que ocupam os quatro primeiros lugares. No Estoril, 1.º contra 3.º; em Coruche, 2.º contra 4.º. Os dois desafios não deram surpresas. O Estoril continuou invicto em casa e o Coruchense confirmou quão difícil se torna no seu campo.

Os outros dois grupos lisboetas não deram boa conta de si, perdendo ambos. O Arroios, ainda, tem a atenuante da deslocação; mas o Olivais...

Descontando o Farense, o futebol algarvio esteve em evidência. O Olhanense e o Portimonense vincaram boa superioridade sobre os Alentejanos de Beja e Évora. O Elvas alcançou um ponto — caso de assinalar.

O Coruchense foi o grande triunfador: aproximou-se da guia e distanciou-se do terceiro, mantendo-se entre os três a mesma ordenação. Também o Montijo (10.º), o Olivais (13.º) e o Elvas (14.º) conservaram os seus lugares.

Quatro concorrentes subiram na tabela: Portimonense (de 5.º para 4.º), Portalegrense (de 7.º para 6.º), U. Montemor (de 11.º para 7.º) e Olhanense (de 12.º para 9.º). Outros quatro concorrentes desceram. Foram eles: Farense (de 4.º para 5.º), Desportivo de Beja (de 6.º para 8.º), Juventude (de 8.º para 12.º) e Arroios de 9.º para 11.º

Posto isto, vejamos a classificação actual:

	J.	V	E.	D.	Golos F	Golos C	Pontos
Oriental	9	6	3	—	27	10	15
Coruchense	9	6	2	1	28	10	14
Estoril Praia	9	5	3	1	22	13	13
Portimonense	9	4	2	3	19	13	10
Farense	9	3	4	2	20	10	10
Portalegrense	9	3	3	3	22	22	9
União M.	9	3	2	4	18	17	8
Desp. Beja	9	3	2	4	10	12	8
Olhanense	9	3	2	4	13	19	8
Montijo	9	3	2	4	10	17	8
Arroios	9	3	1	5	20	28	7
Juventude	9	3	1	5	13	22	7
Olivais	9	2	1	6	18	26	5
Elvas	9	1	2	6	13	24	4

PROVAS DE HANDEBOL

Sporting e Oriental à frente

no final da segunda jornada

Vão apenas decorridas duas jornadas e o numero de golos marcados está já em 121, o que pode significar ataques de respeito e defesas demasiado frágeis. Na jornada de ontem foi marcado mais um ponto que na anterior, tendo sido o Benfica o que mais tentos alcançou, logo seguido do Sporting.

O jogo em que havia mais equilíbrio de valores desenrolou-se na Outra Banda, entre o Sporting e o Almada. A vitória pertenceu aos «leões» (12-8) mantendo-se o grupo á frente, acompanhado do Oriental. O Sporting fez uma primeira parte superior á segunda, mas revelou-se sempre em melhor plano que o adversário. E' a segunda vitória que o Sporting alcança, este ano, sobre o Almada. Há quinze dias ganhou ao mesmo a final do torneio de abertura do ano passado, prova que não se efectuou esta época.

Não causou surpresa o triunfo alcançado pelo Belenenses na sua deslocação a Alverca, mas os numeros que expressaram esse triunfo, talvez tenham constituido alguma coisa mais do que estava nas previsões. O Alverca, que se estreou muito bem o ano passado na Divisão de Honra, fez prova interessante e foi sempre muito difícil no seu burgo. Esta época, porém, já é a segunda vez que perde em «casa». Ontem, frente ao Belenenses só marcou um tento e sofreu dez, os mesmos que no domingo anterior, mas, contra o Oriental, conseguiu quatro para as suas cores. O Belenenses deu boa nota e recompôs-se do desaire de há oito dias.

A vitória do Benfica sobre o Glória (14-5) é apreciável, sabendo-se que o adversário dos «encarnados» é sempre bastante animoso. O 15-7 da jornada anterior contra o Liberdade F. C. perde, assim, grande expressão, mas mantém a duvida sobre as possibilidades do Glória, uma vez que o Oriental, ao defrontar, ontem, o Liberdade, ficou aquém daqueles numeros (9-2).

O Benfica está isolado na terceira posição, logo seguido do Belenenses e do Glória, ambos em igualdade. O Almada ficou um furo acima do Alverca e do Liberdade, os ultimos, numa ordem em que os valores começam a definir-se, conforme se pode verificar pela tabela da classificação actual, assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	2	2	—	—	24-10	6
Oriental	2	2	—	—	19- 6	6
Benfica	2	1	1	—	19-10	5
Belenenses	2	1	—	1	12-13	4
Glória	2	1	—	1	20-21	4
Almada	2	—	1	1	13-17	3
Alverca	2	—	—	2	5-20	2
Liberdade	2	—	—	2	9-24	2

A actividade do râguebi

(Continuação da página central)

cupação dos técnicos, sabendo nós, no entanto, que, de regra, uns e outros são refractários á preparação sistematizada, preferindo ser ou ter homens para certos lugares, de preferência a fabricar ou conseguir gente para o jogo definido, sem essa restrição.

E' nesta figuração, no entanto, que se vai iniciar o Torneio de Abertura, onde todos os clubes, com excepção de Agronomia, a braços com a sua falta de recrutamento, inscreveram duas equipas, o que, de certo modo, traz para um plano de êxito a segunda edição da taça «Alberto Valente», instuida pelo grupo Desportivo de Direito.

Neste momento, contudo, certos casos de transferência, agitam ou, melhor, espantam o meio das competições nacionais de raguebi. E' o caso de algumas pretensões do C. D. U. L., sobre jogadores doutros clubes, estes juntarem as suas pretensões de tranferência e verem negado ou atrasado o seu pedido nas secretarias respectivas, sob os mais variados pretextos. Contudo, nos casos em questão, as suas carreiras de desportistas respondem pelo seu amadorismo integral, aquele que, no raguebi — até informação contrária — não parece ter sofrido deturpações ou atropelos.

Há, pois, que resolver estes poucos casos, dos quais, que se saiba, depende mais o nome dos clubes, teimosamente obstrucionistas, do que o da modalidade que se não quer deixar manchar.

Estoril-Oriental

(Continuação da página anterior)

chegar a uma verdade: a de que está na passagem dos seus juniores á equipa principal e formula a seguir um clube que, como o da Costa do Sol, possui um largo centro de recrutamento.

Repare-se que na equipa da «casa» alinharam quatro rapazes vindos dos juniores: BatalhaII, defesa-direito; Raul Silva, avançado-centro; Emídio, extremo-esquerdo; e Paulino, de quem já se falou, interior-esquerdo e, por certo, com o «veterano» Lourenço, alinhando no grupo dos mais votados.

Os orientalistas, com equipa igual á do ano anterior, parecem, contudo, jogar futebol mais rápido, ainda que menos decidido, por enquanto. Também, nesta falha de decisão o jogo dos dois lados foi igual e o ponto do empate, melhor para um lado do que para outro, tem, afinal, o mesmo sentido e expressão.

ADELINO TAVARES DA SILVA

Pontos perdidos

Num máximo possivel de 14

	Em casa	Fora	Total
Benfica	2	—	2
F. C. Porto	1	2	3
V. Setubal	2	3	5
Spt. Covilhã	1	4	5
Belenenses	1	5	6
Sporting	4	2	6
Barreirense	1	6	7
Caldas	2	5	7
Atlético	2	6	8
Barreirense	4	5	9
Lusitano	1	8	9
C. U. F.	3	6	9
Académica	8	8	10
Spt. Braga	8	4	12

Restaurante Maioral

PRATOS REGIONAIS

VILA FRANCA DE XIRA

Rua Palha Blanco, 11—Tel. 150

PORTO-BENFICA

(6 de Novembro)

E

Feira da Golegã

(11 de Novembro)

*

Nos Novos Auto-Pullmans

CAPRISTANOS

Informações:

Avenida da Liberdade, 32-A

Tel. 35505

Uma boa notícia

A GRANDE FEIRA DE INVERNO tem o prazer de informar V. Ex.ª que inaugurou hoje as suas instalações com o mais completo sortido de camisaria e malhas para homem, senhora e criança, destacando entre outros os seguintes artigos:

COMBINAÇÕES PURA LÃ desde ... 78$00

CASACOS E BLUSAS EM MALHA DE LÃ desde ... 42$00

VESTIDO DE SENHORA COMPLETO EM MALHA DE LÃ 98$00

«PULOVERS» EM MALHA desde ... 22$00

«PULOVERS» COM MANGA EM MALHA desde ... 34$00

CAMISAS EM FINA POPELINE desde ... 43$50

GRANDE FEIRA DE INVERNO

RUA DA TRINDADE, n.º 1 — Ao Largo do Carmo — cimo do do Elevador de St.ª Justa

CRÓNICA CINEGÉTICA

Os falcões (IV)

suas espécies, hábitos e instintos

O falcão tagarote — falco subbuteo, de Lin., e *le faucon hobereau*, dos Franceses. Bastante comum no nosso País, tem, quando adulto, a parte superior do corpo azulada escura, a cabeça parda, a garganta branca e de cada lado, a partir dos olhos, uma malha larga, de cor escura, que se estende aos lados do pescoço, e uma malha esbranquiçada que lhe toca a nuca, as remiges e rectrizes negras, á excepção das duas do centro que têm oito malhas arruivadas formando listas transversais. Nas partes inferiores é branco ou branco amarelado, com malhas negras longitudinais; as coxas e o uropígio ruivo vivo, a parte nua em volta dos olhos trigueira escura, a cera e os pés amarelos e o bico azulado.

Tem o corpo alongado, asas compridas que alcançam ou excedem a extremidade da cauda; mede 35 cm. de comprimento e 80 cm. de envergadura. A fêmea, que é mais corpulenta do que o macho, tem as partes superiores do corpo trigueiras anegradas, de cor branca suja as inferiores, e as coxas e o uropígio ruivos, menos vivos, todavia, que nos machos.

Encontra-se em quase todos os países da Europa. Vive nas matas, poisando raras vezes no solo e dando preferência ás árvores; é uma ave muito viva, ágil e arrojada, rivalizando em velocidade com todos os seus congéneres. Devora a presa no solo. O macho e a fêmea vivem permanentemente reunidos, e juntos emigram, caçando de sociedade, denotando os seus hábitos certo grau de inteligência.

Alimenta-se o falcão tagarote de aves pequenas e de insectos, e parece ser o terror das cotovias, sua caça preferida, tornando-se não menos perigoso para as andorinhas, apesar da rapidez do voo destas pequenas mas muito uteis avezinhas.

O tagarote aninha nas árvores fazendo o ninho á semelhança dos outros falcões, construido de ramos e tapizado de pelos, de lã e de outras substancias macias. A fêmea põe de 3 a 5 ovos.

Era, outrora, o falcão tagarote adestrado para a caça, e de todas as aves da familia dos falcões é a que depios de cativa se torna mais agradável, mostrando-se dócil, conhecendo o dono e apreciando as carícias que lhe fazem.

O francelho ou *peneireiro — falco tinnunculos*, de Linneo e *la crécerelle* dos Franceses. O peneireiro, tão conhecido de todos nós, assemelha-se aos falcões na forma do bico, das asas e da cauda, sendo esta relativamente mais comprida e excedendo as penas das asas. O alto da cabeça é de cor parda azulada, as partes superiores do corpo trigueiras, avermelhadas, regularmente semeadas de melhas angulares negras, e as inferiores brancas, levemente coradas de vermelho, com malhas oblongas trigueiras, cauda cinzenta com uma faixa larga negra na extremidade e franjada de branco; bico azulado e a cera, a parte em volta dos olhos nua; os pés são de cor amarela. Mede, aproximadamente, 35 cm. de comprimento.

A fêmea, que é mais corpulenta, tem as partes superiores mais avermelhadas, cortadas transversalmente de listas trigueiras escuras, e as inferiores ruivas amareladas com malhas negras oblongas; a cauda, arruivada, é atravessada por nove ou dez listas negras, estreitas, e uma, da mesma cor, mais larga, na extremidade, acabando em branco aruivado.

Habita a Europa e é muito frequente em todo o nosso País. Vive nas matas, nos rochedos e algumas vezes encontra-se nos edifícios em ruínas, até mesmo no interior dos povoados, alimentando-se de ratos e de outros pequenos roedores e de insectos, não desdenhando as aves pequenas, os perdigotos, uma ou outra rã e alguns pequenos lagartos. E' util até certo ponto pelo grande numero de animais nocivos que destroe, embora nas espécies cinegéticas faça grandes destruições.

O ninho é semelhante ao dos seus congéneres. A fêmea põe de 4 a 7 ovos, brancos amarelados ou amarelos ferrugem com salpicos e manchas vermelhas trigueiras.

Além das espécies de que antecedentemente falámos, outras do género *Falco* existem na Europa, mais pequenas do que estas, semelhantes nos hábitos, e alimentando-se de aves menores e de insectos, tais como o *esmerilhão — falco microfalco*, de Gmelin, que não excede em tamanho o tordo e o *falcão de pés vermelhos — falco vespertinus*, de Linneo, com 33 cm. de comprimento; a cera, o círculo em volta dos olhos e os pés são de cor carmezim, vivendo de insectos e principalmente de gafanhotos que empolga no ar.

O milhafre ou milhano — falco milvus, de Linneo. Os individuos do género *Milvus*, a que esta espécie pertence, têm a cabeça pequena, o bico forte e arqueado desde a base, asas muito compridas, cauda longa e aforquilhada, tarsos curtos cobertos de penugem até um pouco das articulações, unhas compridas e pouco vigorosas.

O milhafre é a espécie mais comum do género na Europa; o macho mede 65 cm. de comprimento e 57 de envergadura; a fêmea é maior. Tem esta a parte superior do corpo ruiva ferrugem com malhas e listas trigueiras escuras, a cabeça e o corpo esbranquiçados em riscas longitudinais trigueiras, a cauda ruiva atravessada de listas trigueiras escuras. Encontra-se esta ave em quase toda a Europa, sendo muito comum no nosso País, principalmente no Alentejo.

E' notável pelo seu voo dependurado, aguentando-se muitas vezes quinze minutos e mais sem um unico movimento das asas, e tão depressa se eleva a uma altura tal que á vista desarmada mal podemos avistá-lo, como adeja perto do solo.

Alimenta-se de mamíferos de pequeno porte, de aves adolescentes que rouba dos ninhos, de lagartos, cobras, rãs, sapos, gafanhotos e vermes. Não lhe escapam os pintos, os patos pequenos, os perdigotos e os lebrachos. Pairando ás vezes a grandes alturas, observa dali a presa, e, caindo, rápido como um raio, sobre ela empolga-a e vai devorá-la, sossegadamente, para o topo de uma árvore. O milhafre é preguiçoso e cobarde, o que não o impede de ser um dos mais descarados e atrevidos rapinantes.

A par dos prejuizos causados, o milhafre pode, por outro lado, considerar-se util até certo ponto, se atentarmos a que destroe numero elevado de ratos campestres para seu alimento e dos filhos. E' o equilibrio da Mãe Natureza em toda a sua pujança.

O milhafre aninha nas árvores mais altas, formando o ninho de troncos e ramos secos, que tapisa de substancias macias, por vezes de trapos e pedaços de papel; quando encontra um ninho de gralha ou de falcão abandonado aproveita-o. A fêmea põe 2 ovos e ás vezes 3, no fim de Abril, de cor esbranquiçada e salpicados de manchas avermelhadas, só ela se encarregando da incubação e o macho de prover á sua mantença durante este tempo. Na alimentação e «educação» dos filhos cooperam os dois.

Cativo, o milhafre torna-se manso e até muito dado e afeiçoado ás pessoas que o tratam bem.

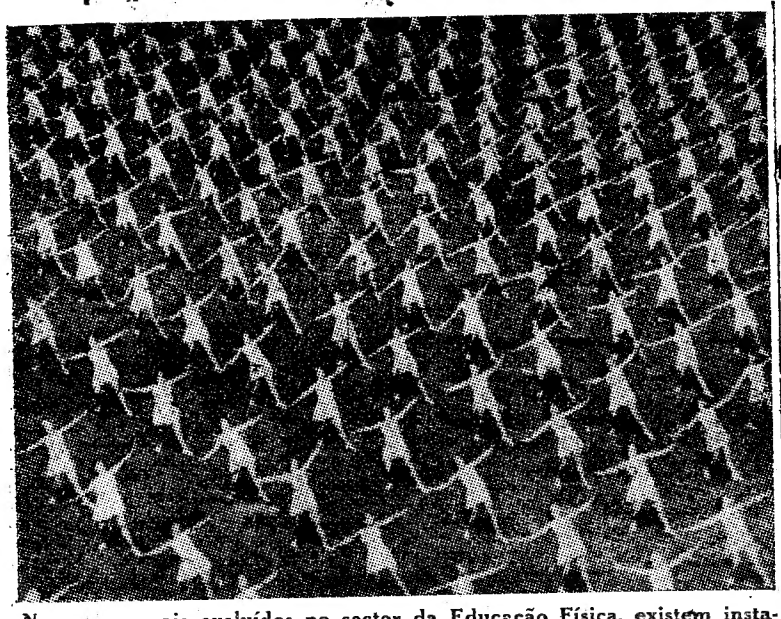
Existem outras espécies do género *Milvus* e entre elas o milhafre preto — *falco ater*, de Linneo, — e o milhafre parasita — *milvus parasitus*, de Degland, — que habitam na Europa, não havendo, ao que parece, a certeza que arribem ao nosso País.

O primeiro aparece em França e na Alemanha e é frequente na Rússia. Além dos pequenos mamíferos e das aves, para sua alimentação, não lhe escapam também os peixes; é pescador hábil, e introduz-se com o maior arrojo nos lugares onde haja criação, para empolgar as aves pequenas. No Inverno emigra para o Egipto, onde é muito frequente.

O segundo, o milhafre parasita, sendo originário de África, vem á Europa, costumando visitar a Grécia, e parece dever o apelido ao hábito de viver á custa do homem, roubando-lhe as aves dos galinheiros e até mesmo os, comestíveis aos viajantes.

Na América existe uma espécie, sedentária no Brasil, vulgarmente denominada aqui «Gavião das praias» — *falco furcatus*, de Linneo, ou *le milan de la Caroline* ou *naucler*, dos Franceses, notável pelo aforquilhado da cauda, semelhante á das andorinhas, com a cabeça, o pescoço e o ventre brancos de neve, as costas, as asas e a cauda negras com reflexos azuis e verdes, bico negro, cera azulada e pés verde claro. Mede 60 cm. de comprimento e 1.37 de envergadura. O seu principal alimento são os insectos.

NABAIS DA CUNHA



«Nos países mais evoluídos no sector da Educação Física, existem instalações para ginástica em abundancia, aproveitando-se, com bom tempo, os recintos relvados ao ar livre para o funcionamento de várias aulas — como se pode observar na gravura acima, duma classe feminina dinamarquesa»

Não há lugar

para todos nos ginásios!

Por autêntica «avalanche» se pode considerar o extraordinário movimento de indivíduos que, no limiar desta época, se agregam aos clubes de ginástica, dispostos a encontrar nos seus ginásios aquele equilibrio físico-psíco necessário a uma vida mais saudável, vigorosa, confiante e optimista.

Isto tem sucedido nos ultimos anos: imensa multidão a acorrer aos verdadeiros «laboratórios de saude, força e beleza», que são os ginásios, e estes a encerrar extemporanea e precipitadamente as suas portas, por excesso de alunos. E, já não basta o prejuizo de milhares de indivíduos educando e recreando-se em salas insuficientes, em espaço e condições; quanto mais agora, o grande dano educativo-social de centenas, ou talvez milhares, de pessoas que não encontram um cantinho ou uma hora conveniente para fazer ginástica...

E o prejuizo é, ainda, maior quando se trata de crianças ou adolescentes recusados, jovens que recorrem aos clubes de ginástica e desporto confiados em usufruir a educação física que, infelizmente, a escola lhes não proporciona com eficiência. Tratando-se, realmente, da juventude, bastante sofre o País com estas limitações, inibidoras de uma educação bem orientada, equilibrada, completa, aos jovens a quem incumbirá a renovação da raça.

Devem as entidades superiores atentar neste problema de capital importancia, impulsionando, com os seus meios, a instalação de novos e bem apetrechados ginásios de carácter popular (clubistas, corporativos e bairristas); e auxiliando as colectividades que mantêm actividade ginástica, na construção de instalações modernas e amplas e na manutenção de classes para todos.

Três casos actuais da nossa ginástica

Belenenses e Ginástica — é uma associação de geral regozijo para aqueles que, acima de tudo, desejam uma vida melhor para amanhã.

E' fora de duvida de que o alheamento da ginástica e dos seus superiores benefícios por parte daqueles clubes mais populares, ecléticos e de maior população associativa, representa um grande mal para a nossa orientação formativo-desportiva, cuja unica consequência que produz é — dano!

Dos chamados «grandes clubes» — popularizados futebolisticamente — o Benfica e o Sporting mantêm uma actividade de certa importancia, os restantes, nada fazem neste sector.

Apenas, Atlético, Lusitano, Porto e Covilhã nutrem um rasgo de interesse, escassissimo. E, no entanto, a estes, que movimentam grandes massas e dispõem de vastas possibilidades económicas, compete uma grande obra, por realizar, aliás.

Depreenda-se, portanto, do benefício enorme da iniciação ginástica do Belenenses, cujos sócios não podem de forma alguma alhear-se de tão profícua e conscienciosa actividade.

*

Factos bem estranhos se estão a apoderar da ginástica do Sport Algés e Dafundo, precisamente uma das colectividades que considerávamos de melhor orientação e progresso.

Já não falando na situação das «Aplicadas» — a Feminina, com pretensões a eliminação, depois de um surgimento feliz sob todos os aspectos; e a «Masculina», em posição inquieta — que são nos países mais evoluídos os verdadeiros índices da cultura físico-desportiva de um povo ou de uma colectividade; têm-se por fito, segundo lemos recentemente, utilizar a ginástica apenas para auxílio de modalidades desportivas. Se for, na verdade, assim, o Algés, tendo como fim unico o desporto, não cuidando principalmente do racional, metódico e científico desenvolvimento físico-organico (onde só a ginástica é perfeita) das suas gentes, prejudicando as aulas de ginástica-formativa ou conservadora, em benefício desportivo, pode dizer-se, terá abandonado totalmente a ginástica, para apenas se dedicar ao desporto...

Confiamos em que nenhuma destas intenções se confirme, e que a sensatez não se afaste dos homens a quem compete guiar o prestigioso clube no caminho do verdadeiro progresso.

*

A classe especial de homens do Lisboa Ginásio, há tempos justamente popularizada como «classe maravilha», tal a categoria atingida, e que alcançou em 1953, rotundo êxito na «Gymnaestrada» de Roterdão, parecia, ante o pesar de todos, condenada a extinguir-se, em face do pouco cuidado havido com a sua renovação.

O brilhante clube, porém como esperávamos, fez um derradeiro esforço para garantir a continuação da magnífica classe — de fins de propaganda, ginástica, clubista e nacional, e desportiva — esforço que, por bem orientado, deve redundar em êxito absoluto para o futuro.

CÉSAR FAUSTINO

beba SABUGA
A MELHOR ÁGUA DE SINTRA

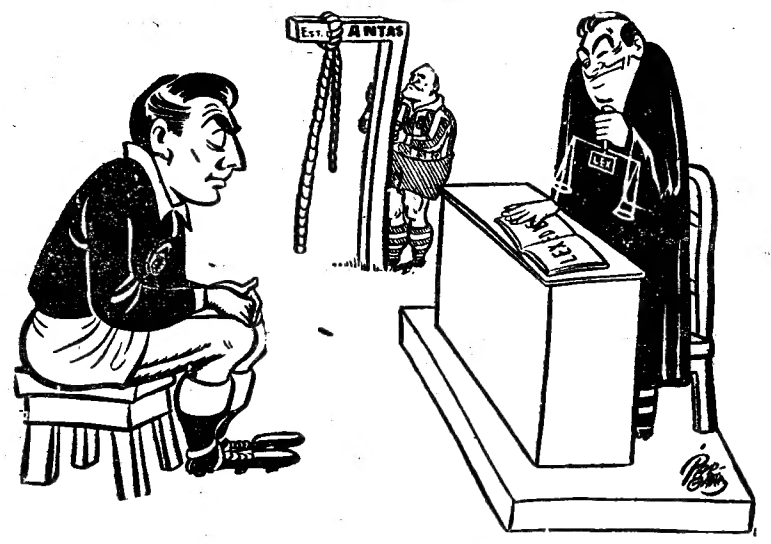
O Tejo

cenario ideal para as regatas de vela

O Tejo, nesta quadra outonal propícia a proezas de tomo no desporto da vela, continua a ser o belo cenário de movimentadas regatas. A recompensar a sua aplicação, a sua tenacidade e a sua vontade de progredir, os velejadores portugueses já conquistaram renome mundial. Antigos praticantes da modalidade acamaradam e competem com jovens dotados de notável intuição. A Mocidade Portuguesa e a Brigada Naval, juntamente com vários clubes de grande prestígio, despendem trabalho aturado para que o desporto da vela, tão grato a

um País de famosos marinheiros, como o nosso, se valorize em ritmo acelerado. Em contacto com célebres velejadores estrangeiros, muito já assimilaram os Portugueses. Mas a propensão para a arte de velejar, revelada pelos nossos compatriotas, essa já vem de longe, de muito longe, a bem dizer desde a fundação da nacionalidade.

Prosseguem amanhã, em Algés e em Belem, duas competições que estão a suscitar interesse: o campeonato nacional de «sarpics» de 12 m2 e o Torneio do Outono reservado a barcos da classe «Vouga». Ontem realizaram-se as primeiras regatas, cujos resultados publicámos já. O Tejo continua a registar, assim, desusada animação. Constitui, de facto, o mais belo cenário para a efectivação de provas náuticas que se revestem de encantos e atractivos sem par.



...A' ESPERA DA SENTENÇA DAS ANTAS!

ENCERRAMENTO

das actividades do Naval de Lisboa

No dia 6 de Novembro próximo o Clube Naval de Lisboa leva a efeito um festival para encerramento das suas actividades na época de 1955. Do programa consta uma saída das suas flotilhas de remo, vela e motor, da sua sede para o pavilhão do clube de Belém, onde se realiza um almoço de confraternização. A saída está marcada para as 9 horas.

Campeões europeus

O Hungaro Osernai, que jogou em Viena pelos «B» contra os «B» da Austria, solicitou ás autoridades deste país asilo político. Os colegas, que haviam demorado o seu regresso á espera dele, tiveram de abalar sem Osernai...

* * *

No próximo dia 5 reune-se, em Bruxelas, o Comité Dirigente da União Europeia de Futebol. Nesse dia, serão sorteados os jogos dos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus, embora não se conheça ainda o apurado do par Milão-Sarrebruque.

Será esta a defesa

da Selecção Nacional de futebol?

Virgilio em «forma», Passos mantendo firme a sua posição, Graça revelando-se jogador de excelentes recursos — será esta a defesa da selecção nacional? Tavares da Silva inclina-se, pelo menos, para esta solução, como o comprova o alinhamento nos treinos. A não ser que, á ultima hora, surja um novo arranjo, coisa improvável, mas dentro do calculo das probabilidades

PORTO-BENFICA
Nos dias: 5 e 6 de Novembro
Partida (Sábado) às 14,30 horas
Regresso (Domingo) às 18 horas
PREÇO: 115$00
Informações e inscrições na
EMPRESA ISIDORO DUARTE
Rua da Palma, 256 (Garagem Navarro). Tel. 21034— Cabinas 2 e 3 — LISBOA

JOGOS OLIMPICOS DE 1956—Vista aérea do Estádio de Melbourne onde se vão realizar no próximo ano os Jogos Olimpicos. O estádio servido por caminho de ferro e carros «eléctricos», está a ser alargado (vê-se á esquerda) a fim de dispor de lugares para 110.000 pessoas, estando enquadrado na cidade, segundo a fotografia revela, de maneira harmoniosa